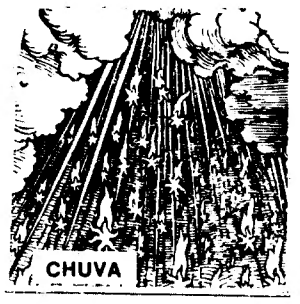
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 1972 — N.º 17904 ANO 52.º — PREÇO 1$50



HANÕI ACUSA

WASHINGTON SABOTA O ACORDO SECRETO

HANÓI acusou Washington de estar a sabotar o acordo secreto a que as duas partes haviam chegado, ao faltar aos compromissos assumidos durante as recentes conversações. Segundo aquela rádio, esse acordo, que previa um cessar-fogo, uma troca de prisioneiros e o fim da participação militar americana no conflito, devia ser assinado no próximo dia 31 de Outubro. O acordo fora alcançado em Paris no dia 8 deste mês. Porém, no dia 23, os americanos fizeram chegar a Hanói uma mensagem em que afirmavam «estar a ter dificuldades em Saigão», pelo que pediam novas conversações. «As dificuldades que os americanos encontraram em Saigão são apenas uma desculpa para adiarem a aplicação do acordo que já se encontrava escrito» — afirmou Rádio Hanói. O comunicado transmitido pela rádio do Vietname do Norte foi divulgado depois do conselheiro presidencial Henry Kissinger ter deixado Saigão, onde, aparentemente, não conseguiu convencer Nguyen Van Thieu a aceitar as condições de paz por ele negociadas em Paris. O malogro, pelo menos aparente, de Kissinger levou a que se fale agora de um próximo encontro entre Van Thieu e o presidente Nixon. Na terça-feira, Thieu fez um discurso no qual deu a entender que se mantinham profundas divergências entre ele e os americanos sobre a solução do conflito. (R. e DL).

A JORNADA EUROPEIA

SÕ O PORTO BRILHOU

Na jornada europeia de ontem só uma equipa portuguesa, a do Futebol Clube do Porto, brilhou a grande altura, «goleando» os belgas do Brugeois por 3-0. O Benfica sofreu deprimente derrota, também por 3 a 0, em Derby, diante dos campeões ingleses, pagando caro os erros tácticos que cometeu. E enquanto a CUF comprometia todas as suas aspirações, vencida no Lavradio por 3 a 1 pelos alemães do Kaiserslautern, o Vitória de Setúbal não ia além de 1 a 0 contra o Fiorentina, margem escassa que vai ser dificílima de defender em Florença. Na foto, Abel e Malagueta em acção contra a defesa belga. (Telex de Joaquim Letria de Derby e textos de Neves de Sousa, Fernando Passos e Daniel Reis em «DL/Desportos»).

50 ANOS DEPOIS

SARMENTO RODRIGUES EVOCA TRAVESSIA

ENTREVISTA NA PÁG. 14

A CAÇA ÃS BRUXAS NA BARCA DOS DOIDOS

O fantástico nas Belas Artes: sobre a exposição que, de Durer a Dali, evoca os terrores e angústias que têm atormentado a imaginação humana, o Suplemento Literário do «DL» publica hoje uma reportagem de Alexandre Oliveira. Outros temas: Jofre Amaral Nogueira analisa a eternidade da obra de arte e Luzia Lobo examina a condição social da mulher no âmbito da criação literária. Torquato da Luz faz a recensão dos últimos livros publicados, com particular destaque para «A Problemática da História Literária», de Jacinto do Prado Coelho. E António Rebordão Navarro oferece-nos duas páginas do seu romance, ainda inédito.

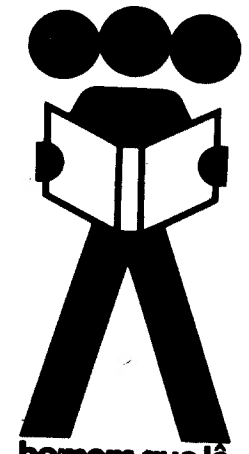
O mais violento ataque da Casa Branca a um jornal

No mais violento ataque de que há memória por parte da Casa Branca contra um jornal, o informador presidencial para a Imprensa Ronald Ziegler desmentiu a notícia do «Washington Post» segundo a qual H. R. Haldeman, colaborador íntimo de Richard Nixon, estava envolvido em sabotagem eleitoral promovida contra o Partido Democrático, da oposição. O informador presidencial descreveu a notícia do jornal como «o tipo de jornalismo mais sórdido e nojento». Ziegler acrescentou: «Trata-se de uma diligência política do «Washington Post», bem concebida e coordenada, com o objectivo de desacreditar o Governo». Ao mesmo tempo que a Casa Branca quebrava o seu silêncio sobre alegadas conjuras para arruinar a campanha eleitoral do Partido Democrático, o candidato deste agrupamento, o senador George McGovern, repetia as suas acusações de corrupção na administração de Nixon. O senador aproveitou a notícia do «Washington Post» para reforçar as suas alegações, que espera transformar numa questão para atrair votos, a duas semanas das eleições. (R. e DL).

HOJE: 36 PÁGINAS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

AVISO IMPORTANTE



O correio continua a trazer-nos todos os dias um elevado número de novas inscrições.

Isto quer dizer não apenas que se mantém o interesse dos nossos leitores pela iniciativa «Homem que lê vale por três» como, ainda, que esse interesse aumentou desde que publicámos as listas dos livros que constituem os prémios.

Este facto não nos espanta porque, conhecendo de antemão os títulos dos livros escolhidos, sabíamos que eles iriam provocar um número elevado de participações.

O que não tínhamos previsto era que esse número atingisse as proporções que está a atingir, até porque já ultrapassámos, neste campo, o que acontecera com as iniciativas anteriores do jornal.

Tudo leva a crer, por outro lado, que ainda não atingimos o limite das inscrições e que venhamos a receber mais cupões nos próximos dias.

Dizemos isto porque, como é sabido, todos estão a tempo de se habilitarem aos prémios instituídos.

Basta, para isso, que se inscrevam como «Leitores do Diário de Lisboa» preenchendo os cupões que para esse efeito publicamoseenviando-os, juntamente com selos de 1$00, a «Homem que lê vale por três», **Diário de Lisboa**, Rua Castilho 185, 1.º Lisboa.

Aos leitores que só agora se inscreveram fal-

Continua na pág. 2

Liceu nocturno hoje em Lisboa

Confirma-se a abertura, hoje, das aulas nocturnas nos liceus de Camões (6.º ano) e de Gil Vicente (1.º ano, antigo 3.º), com o que fica em pleno funcionamento o curso oficial nocturno dos liceus, que este ano se inicia, em regime experimental, em Lisboa, Porto e Coimbra. No Porto e em Coimbra as aulas começaram na passada terça-feira, respectivamente nos liceus D. Manuel II e D. João de Castro.

DL/GERAL

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

AVISO IMPORTANTE

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão um selo de correio de 1$00.

Continuação da pág. 1

tarão, como não pode deixar de ser, os cabeçalhos dos jornais publicados desde o dia 9 de Outubro que foi a data de início do período destinado à formação das colecções de cabeçalhos, mas isso em nada os prejudicará, porque esses jornais encontram-se à venda na nossa redacção onde os participantes nestas circunstâncias os poderão adquirir.

É difícil conceber maneira mais simples de se ficar habilitado a prémios tão valiosos como os prémios instituídos e todos farão bem, portanto, em aproveitar esta oportunidade.

Colaboram em «Homem que lê vale por três» alguns dos mais conceituados editores portugueses: Estudios Cor, Editorial Publicações D. Quixote, Livraria Civilização, Publicações Europa-América, Livros do Brasil, Editorial Presença, Atica Editora, Editorial Inova, Moraes Editores, Lello e Irmão, Livros Horizonte, Parceria António Maria Pereira, Editorial Arcádia, Editorial Estampa, Prelo Editora, Livraria Bertrand e Livraria Sá da Costa.

A enumeração dos editores que colaboram na iniciativa «Homem que lê vale por três» não é feita por acaso. Todos estes editores se evidenciaram pelos serviços que prestaram à cultura portuguesa e o facto deles colaborarem na nossa iniciativa é uma garantia da qualidade dos livros escolhidos.

Estes livros, como já temos dito, foram escolhidos pela organização da iniciativa e pelos editores acima enumerados a fim de se conseguir que os diversos prémios contivessem livros de interesse cultural e recreativo porque, como não podia deixar de ser, destinamos esta iniciativa a todos os nossos leitores, independentemente do seu grau de cultura ou dos seus interesses.

Do trabalho conjunto a que nos acabamos de referir, resultou que as colecções se caracterizam pela homogeneidade — todas elas contêm livros que, embora se destinem a objectivos diferentes, têm a mesma qualidade.

Os premiados, por outras palavras, vão receber livros que aumentarão as suas bibliotecas ou que servirão de base para a formação de bibliotecas, conforme as suas circunstâncias.

Trata-se, assim, duma oportunidade única de adquirir uma biblioteca com um mínimo de esforço e, ao recomendarmos a todos os nossos leitores que participem em «Homem que lê vale por três», estamos a prestar-lhes um bom serviço.

Não podemos fechar, hoje, os nossos habituais comentários sem um esclarecimento importante. Como já tivemos ocasião de informar várias vezes, o número de leitores que se inscreveram recentemente como «Leitores do Diário de Lisboa» ultrapassou todas as nossas expectativas e atrasou — ainda que sem prejuízo para ninguém — o funcionamento dos serviços da iniciativa.

Este atraso que, repetimos, não prejudicou ninguém, fez-se sentir muito especialmente no sector do envio dos «cartões de identidade» e dele resultou que alguns leitores já inscritos ainda não receberam os seus «bilhetes». Estamos a fazer tudo o que nos é possível para recuperar o tempo perdido e, no decorrer dos últimos dias, enviamos alguns milhares de «cartões» a leitores que se encontram nessa situação.

É de prever que tudo fique inteiramente regularizado até ao fim da próxima semana mas, entretanto, não há motivo para que os nossos leitores se assustem: todos os leitores que se encontram inscritos como «Leitores do Diário de Lisboa» participarão no sorteio independentemente de estarem, ou não, na posse dos seus cartões de identidade.

Por último queremos voltar a chamar a atenção dos leitores que se deixaram atrasar, para o facto de todos ainda estarem a tempo de concorrer bastando, para tal, que se inscrevam como «Leitores do Diário de Lisboa» preenchendo os cupões de inscrição que diàriamente publicamos e enviando-os a «Homem que lê vale por três», **Diário de Lisboa**, Rua Castilho 185-1.º Lisboa.

Inútil será repetir que cada participante nos deverá enviar, juntamente com o seu cupão de inscrição, um selo de correio de 1$00.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já asssinaturas pelo período da iniciativa que garantem aos interessados os exemplares pretendidos, ao preço de:

45 dias — 67$50

ASSINATURAS NORMAIS

3 meses — 130$00
6 meses — 250$00
12 meses — 485$00

Pagamento adiantado, em vale de correio cheque ou selos.

ATENÇÃO: O QUE TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"
3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatòriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linha que segue

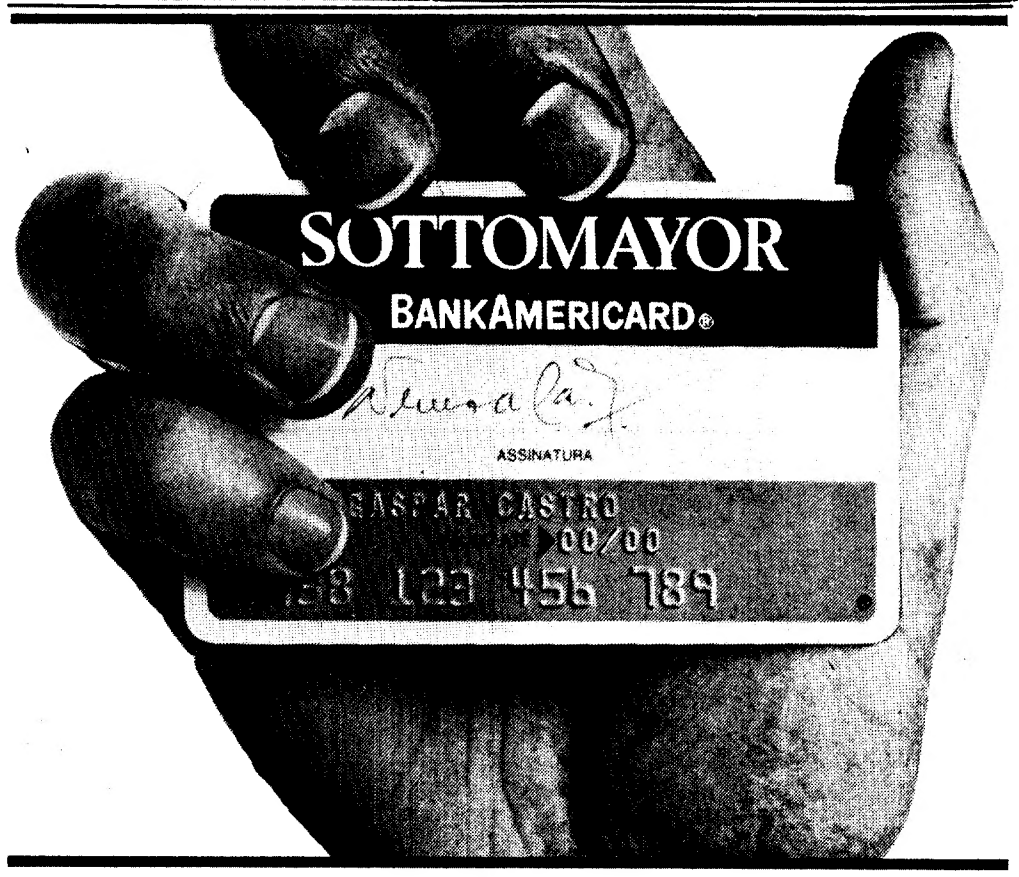
_____

Os Leitores que ainda não estejam inscritos preenchem sòmente a parte de cima.

1.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal dedicou aos seus leitores, não precisa de fazer mais nada e não deve preencher este cupão, porque já é «Leitor do Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa, mesmo que tenha perdido o seu «Bilhete de Identidade», desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que sairem durante o período de duração da iniciativa.

2.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer duma das iniciativas anteriores, mas mudou de residência desde a sua inscrição, deve preencher novamente este cupão indicando no mesmo, a sua antiga morada, para que possamos substituir a sua antiga ficha por uma nova.

3.º) Se nunca se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» e deseja aproveitar esta oportunidade para o fazer, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo, juntamente com um selo de 1$00, a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa. O selo de 1$00 será usado pela organização da iniciativa para lhe enviar o seu «Bilhete de Identidade de leitor do Diário de Lisboa».



EDIÇÕES 70 expresso BLOCO EDITORIAL DE DISTRIBUIÇÕES

têm o prazer de anunciar que, a partir do dia 25 de Outubro, o Fundo editorial de **Edições 70** passa a ser distribuido, em exclusivo para todo o Portugal Continental, pelo **Bloco de Distribuições Expresso**

EDIÇÕES 70, LDA. **EXPRESSO**

Av. Duque d'Ávila, 69-1.º, E. LISBOA 1 — Tel. 556898

Bloco Editorial de Distribuições, S.A.R.L. Al. de St.º António dos Capuchos, 6-B LISBOA 1 — Tel. 42177/8

o livro
é um prazer
é uma ferramenta
é um camarada

expresso

distribui em exclusivo os obras publicadas por:

- Livros Horizante
- Prelo Editora
- Estúdios Cor
- Editorial Presença
- Edições Delfos
- Editorial Estampa
- Seara Nova
- Júlio Brandão
- Edições 70
- Seminarios y Ediciones

expresso Uma distribuidora Uma livraria Um clube

A GARANTIA DE UM LIVRO DE QUALIDADE

DL/OPINIÃO

O futuro constrói-se agora

O dr. José Hermano Saraiva vai assumir importante posto diplomático: o de embaixador de Portugal em Brasília. Cabe-lhe dupla responsabilidade: 1) preencherá a vaga deixada por um diplomata de carreira — o dr. José Manuel Fragoso —, que deixou no Brasil impressão pessoal inapagável, com reflexos altamente benéficos para os interesses de Portugal; 2) desempenhará as suas funções num momento em que o Brasil começa a procurar em África um mercado capaz de absorver os seus excedentes industriais.

As relações luso-brasileiras constituem um dos fenómenos mais marcantes da vida diplomática contemporânea. A fraternidade e o respeito mútuo compõem a sua tónica dominante, para além ou à margem de certos interesses imediatistas que muitas vezes ofuscam o convívio dos povos. Do período colonial não restaram chagas que o tempo não houvesse removido. Hoje, como ontem, as portas do Brasil estão abertas para os portugueses, sem distinções de qualquer natureza. Dir-se-ia, mesmo, mais hoje do que ontem: a dupla nacionalidade veio dar, a portugueses no Brasil e a brasileiros em Portugal, direitos de cidadania que representam um primeiro passo decisivo para a formação de uma verdadeira comunidade de lingua portuguesa, de dimensão intercontinental.

Estreitam-se, ao mesmo tempo, os laços económicos. Portugal deixa de estar ausente do grande esforço de desenvolvimento em que se empenha o Brasil actual: grupos económicos portugueses passam a cooperar nesse esforço, enquanto os seus similares brasileiros iniciam as primeiras sondagens e estudos no espaço económico português, abrangendo Angola e Moçambique. Ultapassa-se nítida e vigorosamente o estágio das declarações de propósito: a hora é de acção dinâmica e produtiva, como convém às duas partes num mundo em que se acentuam as diferenças entre os países ricos e as nações em vias de desenvolvimento.

Neste quadro, muito brevemente esboçado, recortam-se as especiais responsabilidades que recaem sobre o dr. José Hermano Saraiva. Dele e da sua inteligência e envolvente simpatia se pode esperar, no entanto, um desempenho à altura do cargo. E em particular, dada a sua condição de intelectual, colaboração destacada à intensificação das relações culturais.

Nos últimos tempos, como é sabido, cresceu o interesse do público brasileiro pela moderna literatura portuguesa. Já se fazem, no Brasil, edições de autores portugueses que até agora só chegavam ali pelo correio e em proporções modestas. Estão lançadas as bases para um intercâmbio teatral que sem dúvida concorrerá para melhorar a imagem que cada povo faz do outro. Já dispomos de filmes que permitiriam a realização no Brasil de uma Semana do Cinema Português. Tudo isto são filões exploráveis, sem falar nos que já existem e que convém aperfeiçoar, para que neste domínio, guarda avançada dos demais, não fique tudo resumido a um tipo meramente oficial de relacionamento a que, frequentemente, faltam vivacidade, imaginação, audácia.

De Brasília, coração de um mundo novo cujas potencialidades são inexauríveis, o dr. José Hermano Saraiva terá uma visão ampla da missão que lhe está confiada. Aprenderá que cada português residente no Brasil é um embaixador nosso, mesmo quando entregue a tarefas humildes. Aprenderá que cada brasileiro é um amigo de Portugal, solidário mesmo quando erramos. E saberá servir a ideia fundamental de que a crescente solidez da comunidade fará desta uma força ao serviço de um futuro em que cabem todas as esperanças.

O diálogo possível

Vimos ontem como o Governo, através da exposição feita na RTP pelo prof. Costa André, secretário de Estado da Instrução e Cultura, se mostrou disposto a manter abertas as vias do diálogo e a contribuir para a solução dos problemas que afectam o nosso ensino superior. Problemas que, no plano puramente académico, seriam minimizados — **disse o dr.** Costa André — **«se fosse fisicamente possível dotar a Universidade com todos os equipamentos e edifícios de que tanto carece, facultar-lhe a máquina administrativa eficiente de que necessita, preencher todas as vagas docentes com pessoal altamente qualificado e de dedicação completa»**. Feito isso, voltaria a acalmia, pacificar-se-iam os espíritos, regressariam os estudantes às suas tarefas mais específicas? Não, responde o dr. Costa André: **«As dificuldades inerentes ao chamado processo contestatário não seriam eliminadas: é o que afirmam as Universidades, é confirmado pela experiência estrangeira e expressamente declarado nos manifestos profusamente distribuídos entre os estudantes»**.

Refere o dr. Costa André ser **«tristemente assinalável que, na mais completa impunidade para os causadores de tais distúrbios, haja professores que têm sido insultados e impedidos de exercer as suas funções, alunos e seus familiares que têm sido agredidos por assistirem a aulas ou exames, ou são obrigados a prestar provas sob gritaria, ou são impedidos fisicamente de tomar refeições nas cantinas escolares ou de adquirir os próprios textos de que carecem para estudo»**.

E acrescentou: **«O clima de medo é uma realidade em alguns aspectos da vida universitária lisboeta. As ameaças pessoais são um facto: os ataques na rua ou no domicílio têm-se verificado; há estudantes que, por receio, não têm ido à escola. Ainda há poucos dias, num exame envolvendo 407 alunos, e a que nenhum se apresentou, 379 — ou seja cerca de 95 por cento — declararam expressamente ter sido fisicamente impedidos de comparecer»**.

Aos que pedem intervenção drástica das forças de segurança, responde o dr. Costa André lembrando que a resolução do **«problema de fundo»** não reside aí, nem no fecho sistemático, ou progressivo, das instalações universitárias.

«A juventude é generosa e idealista — disse — **«e dotada de um sentido crítico apurado sobre as realidades de um mundo que não construiu e em cujos defeitos — ou pretensos defeitos — não quer incorrer. A construção de um mundo melhor é fruto da solidariedade e cooperação das gerações sucessivas, mas não é tal imagem que muitos jovens vêem reflectida nas suas famílias e em muitas instituições em crise manifesta: a contestação juvenil não politicamente organizada é um fenómeno social insolúvel pela via que tais pessoas sugerem»**.

Qual, então a solução? **«A Academia»** — afirma o dr. Costa André — **«está ainda a tempo de dominar a situação pelos seus próprios meios e conta o apoio incondicional do governo»** que só tem um objectivo: **«resolver os problemas com ponderação e justiça»**.

Não isentas de firmeza, as palavras do dr. Costa André confirmam, como dissemos, um propósito de diálogo e a intenção de só recorrer a medidas extremas na impossibilidade de recorrer a outras.

QUEM ÉS, TELEVISÃO?

PEDRO MARTINS DA SILVA

Primata com sentido agudo de exploração, o Homem é levado a um esforço grande para instalar-se. O seu sonho velho é vencer as limitações que, no espaço e no tempo, a própria natureza lhe impõe.

Dominada a electricidade, foi um passo breve à transmissão a distância da palavra, em independência perfeita (ou quase) das condições atmosféricas e liberta de suporte material, livre como o pensamento que «materializa».

Mas, para além da palavra, é a imagem da face que a profere que é transmitida, por vezes bem mais rica de significado...

A televisão é uma janela aberta sobre o mundo, trazendo a actualidade, levando-nos até ela. Que se quer, também, «espelho» dos problemas do Homem, da sua vivência, ajudando-o a tomar consciência do momento social que vive.

Transformadora profunda dos costumes, autêntica revolução económica, social e até política. Pode dizer-se que a televisão nasceu verdadeiramente quando, pela via da Electrónica, soube libertar-se das limitações que a inércia mecânica do disco de Nipkov impunha.

Lançada por John-Logie Baird, na Inglaterra, a televisão estava limitada, pelo dispositivo mecânico de exploração da imagem que utilizava, a uma definição muito pobre, dando imagens grosseiras, como seriam as fotografias de um jornal cuja rede fosse larguíssima.

Foi, na verdade, o «olho electrónico» de Zworikine, o iconoscópio, que permitiu obter a qualidade de imagem que favoreceu a difusão.

Mas enfim, como é a televisão, é assunto sobre o qual muito existe publicado, desde as obras técnicas densas de conteúdo e impenetráveis ao leigo, até às de divulgação (mais ou menos distorcida), aptas a dar ao curioso a imagem que o satisfaça, desta realização maravilhosa da ciência e da técnica.

MAS QUEM É, REALMENTE, A TELEVISÃO?!

Objecto diabólico que distorce o espírito das crianças, inibe-as de brincar, produz delinquentes. Que molda uma humanidade homogeneizada, de **robots** teleguiados nos seus pensamentos e acções?

Poderoso instrumento ao serviço da investigação científica e industrial, para além de um meio de educação e divertimento?

Ogre ou fada benfazeja?

A melhor ou a pior coisa, como as línguas de Esopo. Tudo está na forma como é utilizada.

Não pode contestar-se que muito do que preenche actualmente os programas da televisão é «droga» vulgar. Infelizmente a situação não é específica: são tantos os jornais sensacionalistas, as publicações «vazias», quando não inconvenientes.

O mal está em que se prestigie a mediocridade, a ausência de gosto. Pois, telespectadores que somos, temos uma arma bem eficiente em nossa defesa. todos os aparelhos telerreceptores têm um botão que permite desligá-los. E, creiam, os produtores de programas, os que usam a televisão como veículo de publicidade estão atentos a esse nosso gesto. Se soubermos usar com critério este direito de não prestigiar o mau, muita coisa melhorará.

E, num plano de boa utilização, a este meio de distribuir imagens abrem-se perspectivas bem aliciantes.

É o divertimento. Não só, mas também formativo. Que o espectador, por o ser, adquira uma consciência mais esclarecida da realidade física e social em que se integra.

É o «olho» que chega onde os olhos não podem chegar. Explorando um campo operatório rico de ensinamentos para os cirurgiões futuros. Prescrutando o interior de um reactor atómico, as profundidades dos mares ou a vastidão inóspita de planetas estranhos.

É o auxiliar de ensino. O meio audio visual de ensino por excelência. Captando a atenção indivisa do espectador, levando-o para a primeira fila do bom mestre.

Será isto ou não. Tal como em muito mais teremos com certeza a televisão que soubermos merecer.

DL/GERAL

AINDA AS FESTAS DE VERÃO DA CIDADE

CONCLUÍDO O INQUÉRITO SOBRE A LARGADA DE TOUROS

A Câmara Municipal de Lisboa reuniu esta manhã em sessão pública. Com a maioria dos vereadores presentes, presidiu aos trabalhos o eng.º D. Segismundo Saldanha ladeado pelo dr. Mário Ferraz de Oliveira. Antes da ordem do dia falou o vereador Leopoldo Nunes. Num breve improviso aquele vereador disse que, não podendo ter estado presente na última sessão da Câmara, durante a qual se teceram elogios ao eng.º Santos e Castro, e visto que posteriormente foram proferidos diversos discursos laudatórios sobre a pessoa e obra do último presidente da Câmara de Lisboa, ele, vereador Leopoldo Nunes, dispensava-se, por agora, de se referir ao acontecimento, ayé porque, durante os três anos que lhe restam como vereador municipal, espera poder ainda fazer as considerações que julgar oportunas. Como se sabia que estava em curso um inquérito sobre a largada de touros efectuada no decorrer das festas de verão da cidade, durante a qual se desenvolveram acontecimentos tristes pelas quais Leopoldo Nunes se responsabilizou pùblicamente, ocorreu-nos perguntar ao vice-presidente dr. Mário Ferraz de Oliveira em que situação se encontrava o referido inquérito. Em resposta à nossa pergunta o dr. Ferraz de Oliveira informou-nos que o inquérito se encontra concluido, foi na devida altura despachado pelo eng.º Santos e Castro e que, em breve, serão divulgados os resultados.

Entrando na ordem di dia o eng.º D. Segismundo Saldanha leu uma exposição na qual se afirma que a Câmara continua a ignorar o montante de novos encargos da Carris, resultantes da negociação de um novo Acordo Colectivo de Trabalho, o que impede o estudo de uma possível alteração de tarifas nos transportes colectivos. Foi aprovada uma proposta em que se solicita à referda concessionária a «indicação frequente das negociações em curso a fim de que, tão cedo quanto possível, a Câmara esteja habilitada a tomar adequada decisão sobre o novo regime tarifário». Admite-se, assim, em principio, uma alteração dos preços dos transportes públicos. Foi comunicada a oferta de três caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro e aprovada uma empreitada relativa à limpeza das sétima e oitava zonas de Lisboa (Estefânia e Avenidas Novas) no valor de 12.470 contos.

A libra cai vertiginosamente

A libra sofreu hoje uma baixa no mercado financeiro de Lisboa acusando assim a descida que há dois dias tem vindo a registar nos mercados internacionais. Os novos preços ficaram em 63 escudos compra a 66 escudos venda menos um escudo e cinquenta centavos respectivamente em relação aos preços anteriores.

Esta queda da libra começou na véspera da cimeira europeia depois de um período de relativa estabilidade. Em Londres, a libra encerrou a 2,3605 dólares contra 2,3760 dólares na véspera. Em Paris, o esterlino valia apenas 11,8750 francos enquanto que na segunda-feira valia 12. Em Francfort, o Banco Federal Alemão teve que intervir para a impedir de descer mais baixo, efectuando uma compra de 200000 libras. Mesmo assim acusou uma desvalorização de 10,5 por cento.

Os especuladores não acreditam que a taxa de desvalorização possa ser limitada a 8 por cento (isto é uma taxa que anularia para a Grã-Bretanha o efeito da desvalorização do dólar de Dezembro último. O ponto de vista expresso pelos institutos económicos alemães segundo o qual a libra continuaria super-valorizada nos seus valores recentes indica precisamente o contrário e por isso o seu efeito foi produzir ainda mais especulação.

A situação poderá no entanto melhorar se o Governo britânico, os sindicatos e o patronato chegarem a um acordo amanhã para empreenderem uma acção comum contra a inflação.

Em Nova Iorque a libra perdeu mais de 9 por cento do seu valor. Por outro lado o dólar perdeu parte do seu recente avanço em relação à maioria das divisas europeias.

Em Lisboa outras moedas sofreram alterações: o rand desceu 50 centavos o franco francês também desceu 50 centavos nos preços de compra e venda.

Baptizado do petroleiro "Marão" nos estaleiros da Margueira

No estaleiro sul da Margueira decorreu ontem à tarde a cerimónia do baptismo do petroleiro «Marão», o primeiro navio português a deslocar cerca de 135 mil toneladas e o primeiro também da série de três navios idênticos encomendados pela Soponata a uma firma construtora naval sueca que a subcontratou à Lisnave para construção dos respectivos cascos. A cerimónia foi presidida pelo ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo, e contou com a presença de seiscentas pessoas, entre elas diversos membros do Governo e o presidente da Câmara Corporativa, além de representantes da Lisnave e companhias associadas. Procedeu à bênção do novo petroleiro o rev. Jaime Silva, prior de Almada, e ao baptismo com champagne a esposa do titular da pasta da Marinha, sr.ª D. Ema Crespo.

O navio agora construído, que entrará ao serviço em 1973, é uma ultra-moderna unidade caracterizada pela completa automatização da casa da máquina: comando automático a distância, do sistema de carga dos tanques; sistema de gás inerte para a prevenção de explosões; e conformação para tripulações polivalentes. As suas dimensões são de 280x41x22 metros e o calado, quando carregado, será de perto de 17 metros. O peso do aço instalado em Lisboa é de 16.500 toneladas. Quanto à capacidade dos tanques de carga ultrapassa os 17.000 metros cúbicos e, para avitar a poluição, dispõe de compartimentos especiais para resíduos.

A cerimónia de ontem iniciou-se com um discurso de boas-vindas formuladas às individualidades presentes pelo presidente do conselho de administração da Lisnave, José Manuel de Melo, o qual dirigiu em especial o seu agradecimento à sr.ª D. Ema Crespo por ter aquiescido ao convite para baptizar o navio. O orador acentuou o significado da cerimónia, que consagrava «a primeira fase do ressurgimento da construção de navios de grande porte em Portugal». Falaram ainda o administrador-delegado da Eriksberg (a empreza sueca que subcontratou à Lisnave esta obra), Bengt Encroth, o presidente do conselho de gerência da Soponata, Rui Correia Henriques (Seisal) e, a encerrar, o ministro da Marinha, para felicitar a gerência da Soponata e referir a sua satisfação pelo facto de ver aproveitado a indústria nacional em tão alto grau.

REUNIÃO NO CLUBE DOS BARMAN

O Clube dos Barman promoveu ontem uma reunião de convívio entre os seus associados, durante a qual foi apresentado um documentário da grande deslitaria Justerini e Brooks, produtora do whiskie «JB», ao qual a reunião foi dedicada.

Para a apresentação do filme deslocou-se expressamente a Lisboa o director de exportação daquela marca para a Europa, Robert Cecil.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
Diàriamente às 21.45
PARA ONDE IS?
Grupo C/14 a.
Praça José Fontana, 12-B
(frente Liceu Camões)
Subsídio Fund. Gulbenkian
PREÇO ÚNICO 20$00

ARROMBAMENTOS NA ORDEM DO DIA

Os arrombamentos estiveram, ontem, na ordem do dia. Por esse processo foi roubado um cofre, que só continha documentos, na Rua do Fala-Só, 9-A. Bijuterias e roupas no valor de dez mil escudos foram retirados da sua «morada» na Av. Almirante Gago Coutinho, 101-A. Os electrodomésticos também tiveram «clientes»: O estabelecimento na Estrada de Benfica, 405-B foi desfalcado em diversos no valor de seis mil escudos. Uma residência an Calçada da Boa Hora, 106, r/c só rendeu 300$00 que os visitantes encontraram numa das gavetas.

"A GRANDE CIDADE" NO S. LUIZ

Um exemplo do «realismo poético revolucionário» do cinema brasileiro — para usarmos uma expressão de Glauber Rocha — vai ser apresentada amanhã, às 18 e 15, no S. Luiz. Trata-se do filme «A Grande cidade», do realizador Carlos Diegues.

A inadaptação de imigrantes nordestinos («aventuras e desventuras de Luzia e seus três amigos chegados de longe») no Rio de Janeiro trepidante permitiram ao realizador transformar a «grande cidade» num palco onde perpassam as tipologias rural e urbana, os seus conflitos. O Brasil de hoje está sempre presente em todos os planos. Carlos Diegues instalou a câmara nas ruas, e nelas (e com elas) fez o filme.

«A Grande Cidade» é o último filme a apresentar pelo Círculo de Cinema da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos na série dedicada ao cinema brasileiro. Novas inscrições no Círculo podem ser feitas à entrada da sessão.

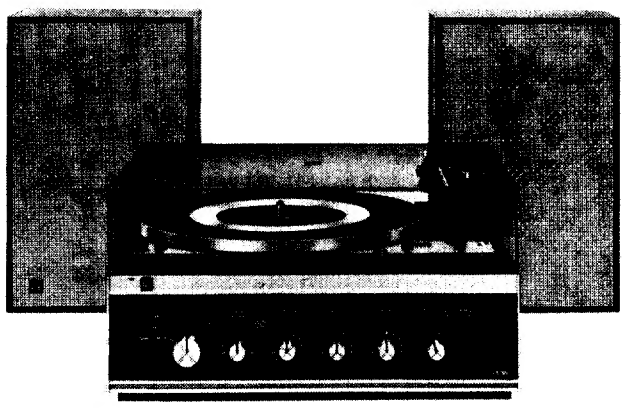
A PÍLULA NÃO PROVOCA O CANCRO

LONDRES, 26 (F.P.) — O uso a longo prazo dos contraceptivos orais actualmente vendidos não provoca o cancro — esta é a principal conclusão da comissão governamental encarregada de estudar os efeitos dos medicamentos.

A comissão, que desde 1964 estuda os efeitos secundários da pílula, precisou que em certos casos (um dos componentes do estrogénio contido nas pílulas) administrado em grandes doses poderia ser um efeito cancerígeno. Mas — salienta — nada permite, concluir que este efeito se possa manifestar na mulher que use a pílula.

«RATOS» À SOLTA

Os dois meliantes que tinham roubado um carro nas Caldas da Rainha e detidos em Montemor-O-Novo, em cuja cadeia se encontravam, evadiram-se ontem por volta do meio-dia. O Joaquim Pinto Sereno e o Manuel Raminhos Coelho foram vistos ao fim da tarde perto do Montijo motivo porque se presume que se dirijam para a capital.

Dual
ALTA FIDELIDADE
EM TODOS OS TONS...
À VENDA NAS CASAS ESPECIALIZADAS

★ Amplificadores
★ Gira-discos
★ Sintonizadores
★ Colunas de altifalantes
Dual
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA, S. A. R. L.
R. Norte, 5 LISBOA
R. Sá da Bandeira, 385 PORTO

Lotes para pequenas moradias
VENDEM-SE NA ZONA DE CASCAIS
Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.
AV.ª VALBOM, 28-1.º — TELEF.: 280749
MEDIADOR OFICIAL CASCAIS

CRESÇA CONNOSCO
ACOMPANHE O NOSSO RITMO

UM BANCO VIRADO AO FUTURO
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA - por Raul Calado

COMPARAÇÃO FUNDAMENTAL E CAMINHOS DIVERGENTES

TÍTULO: UM VINHO DIFÍCIL (Le Beau Serge)
REALIZAÇÃO: Claude Chabrol, 1959 (França)
INTÉPRETES: Jean-Claude Brialy, Gérard Blain, Bernadette Lafont, Michéle Meritz, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Animatógrafo
ESTREIA: Cinema Apolo 70 (16.10.1972)

Rara oportunidade para os lisboetas — dois filmes com um tema paralelo. Um sobre uma aldeia francesa (Sardent); outro sobre uma aldeia espanhola (Les Hurdes). Dois realizadores: Claude Chabrol, francês; Luis Buñuel, espanhol.

Um que faz doer as nádegas: na verdade é difícil suportar os 93 minutos desse Chabrol, com o seu tuberculoso bom, com o seu bêbado mau, a sua grávida resignada. E chato. Há 14 anos, dir-nos-ão, era uma esperança. Talvez a jovem equipa dos **Cahiers** pudesse trazer o futuro do cinema francês. Havia por lá o Broca, o Rivette, o Rohmer, o Truffaut, o Godard, o Doniol-Valcroze. Talvez. Mas, hoje, sai-se do filme como para lá se entrou. Ou melhor: com um pouco de tempo a menos.

O outro demora menos de metade do tempo, tem quarenta anos de idade, mas diz infinitamente mais. Há as crianças, as cabras, o burro morto com as moscas, «o pão que é um luxo desconhecido». Também é difícil de suportar, mas por razões totalmente diversas. E também faz doer: é um soco no espectador. Com quarenta anos, não envelhece. Está fresco e atento. Sai-se do filme mais rico. Ou melhor, ganha-se o tempo que ele dura.

Entre Chabrol-58 e Buñuel-32 há, realmente, um mundo. A distância do melodrama pretencioso, ao drama real. Entre o cinema fabricado por um menino rico e o real insuportável captado por um surrealista (que sabe como a realidade se torna onírica).

Rara oportunidade para os lisboetas. Enquanto um homem nos explica (ou finge explicar...) como e porquê numa aldeia francesa, as pessoas se comportam de determinada forma, explicação baseada, pois claro, em razões psicológicas, o outro vem dizer-nos que a fome, a doença, o raquitismo, tornam as caras das pessoas em imagens monstruosas, hereditàriamente até. O atraso mentar, os sinais da idiotia, o sobrenatural, causados por uma miséria tradicional, talvez a mais respeitada tradição dos pobres homens de Las Hurdes.

Rara oportunidade. Não a perca o leitor. Vá ao **Estúdio** e ao **Apolo 70**. Estão ali duas concepções de cinema. Dois caminhos. Paralelos àqueles por onde seguem os críticos. O nosso, já há quarenta anos, já antes até, está com Buñuel — o homem mais importante da história do cinema. O outro, serve para excelentes discussões, onde os intelectuais se deliciam a citar os seus confrades nacionais ou estrangeiros.

O MAIS FABULOSO SHOW
DA MÚSICA LIGEIRA BRASILEIRA

ROBERTO CARLOS
e o conjunto R. C. 7

2 espectáculos inesquecíveis em LISBOA

CINEMA MONUMENTAL — DIA 27 DE OUTUBRO, 18,30 H.

PAVILHÃO DOS DESPORTOS — DIA 29 DE OUTUBRO, 21,30 h.

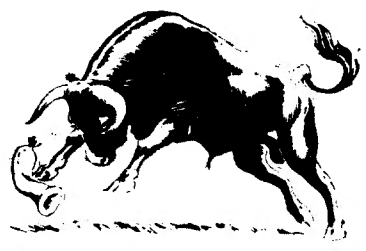
BILHETES JÁ À VENDA A PREÇOS POPULARES

nos locais habituais
e nos estabelecimentos Melodia

Na primeira parte dos espectáculos:
ELAS e o conjunto
Promotion Musical 6

Roberto Carlos grava para discos **CBS**, distribuidos por Rádio Triunfo, Ld.ª

Roberto Carlos é representado, em Portugal, pela Agência Interartes



MONUMENTAL DE M/ 6 anos

CASCAIS

DOMINGO, 29 DE OUTUBRO DE 1972
ÀS 16 HORAS

EXTRAORDINÁRIO FESTIVAL TAUROMÁQUICO PARA COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS DO GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE LISBOA A FAVOR DO FUNDO DE ASSISTÊNCIA DO SINDICATO DOS TOUREIROS

MANUEL CONDE—D. JOSÉ DE ATAYDE—DAVID RIBEIRO TELLES — JOSÉ MESTRE BATISTA — JOSÉ MALDONADO CORTES — ALFREDO CONDE E O AMADOR **JOSÉ ASSIS PALHA**
GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE LISBOA
DE **NUNO SALVAÇÃO BARRETO**

6 PODEROSOS E LINDOS TOIROS DE HERD.ºs DE CONDE CABRAL
1 NOVILHO-TOIRO DE JOSÉ ASSIS PALHA

A
S.H.E.R. - SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÈ

ADMITE
2 ENGENHEIROS ELECTROTÉCNICOS

Para os quadros de Pessoal da sua Delegação em Vila Pery, Moçambique, ficando integrados nos corpos técnicos da empresa cuja actividade se desenvolve nos sectores da produção de energia eléctrica de origem hidráulica e térmica, transporte e distribuição em alta tensão da mesma energia numa extensa região que vai da Beira à fronteira com a Rodésia e de Vila Nova Lusitânia a Vila Paiva de Andrade e distribuição em baixa tensão na cidade de Vila Perv.

Dá-se preferência a candidatos com maior experiência nos sectores de actividade acima referidos.

Oferece-se:

- **Remuneração anual a estabelecer consoante a experiência do candidato, com um mínimo total inicial de 275 contos para candidatos com actividade profissional inferior a um ano, incluindo vencimento e gratificações.**
- **Habitação mobilada, água e luz.**
- **Férias adicionais a gozar na Metrópole trienalmente.**
- **Assistência na doença, pensões de reforma e sobrevivência, subsídios de estudo para filhos.**

As candidaturas poderão ser apresentadas através de carta a dirigir à Sociedade, na Avenida Cinco de Outubro, n.º 95-2.º — Lisboa.

NO **TEATRO MONUMENTAL**

2.ª-FEIRA, 30 DE OUTUBRO, às 22 horas
E NOS DIAS SEGUINTES, ÀS 18 e 30
(BILHETES À VENDA)

grupo 4 APRESENTA (M/14 ANOS)

insulto ao público

DE **peter handke**
ENCENAÇÃO DE **fernando gusmão**

DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEMPORADA DE CONCERTOS 1972/73

2.º CONCERTO

HOJE, ÀS 21.45 H
DOMINGO, 29 DE OUTUBRO, ÀS 16 H.

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

MAESTRO: **LUIZ ISQUIERDO**
SOPRANO: **MARIA ORAN**

PROGRAMA

SINFONIA N.º 4	MAHLER
CANTO A SEVILHA	TURINA
SOMBRERO DE 3 PICOS	FALLA

BILHETES DESDE 15$00

TARDE — 6 ANOS
NOITE — 10 ANOS

Rabos e orelhas na efeméride

CORDOVA, ESPANHA — No festival tauromáquico com que se comemorou a morte de Manuel Rodriguez «Manolete» actuaram, perante grande assistência, os rojoneadores D. Alvaro Domecq (pai) e Alvaro Domecq (filho) que lidaram a duo um novilho da sua ganadaria (duas orelhas), os antigos «espadas» José Maria Martrel (ovação) e Julio Aparicio (orelha), os «espadas» Gabriel De La Haba «zurito» (duas orelhas), Miguel Marquez (orelha), Damaso Gonzalez (orelha) e os novilheiros Antonio Benete «El Mesias» (ovação) e Manolo Arruza — que é mexicano, filho de Carlos Arruza.

DL show

O grupo «Proscenium» apresentará, no próximo dia 28, o «Auto da Compadecida», de Adriano Suassuna, em reposição.

A partir do próximo dia 31 será difundido por Rádio Renascença, em onda média, onda curta e modulação de frequência, um curso de alemão em 26 lições. As emissões efectuar-se-ão às terças e quintas, pelas 21 e 30.

Sexta feira, 27: concerto pelos «Segréis de Lisboa» com música do Renascimento. Às 21 e 45, na Sociedade Nacional de Belas Artes.

TV — DL/ESPECTÁCULOS

O TEMPO E A ALMA: UM CAMÕES E UM D. INFANTE

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

E assim foi que, de um golpe, José Hermano Saraiva recuperou o seu poder de outros tempos sobre a audiência. A aposta, ganhou-a. A competição entre «este» José Hermano Saraiva e outro, o outro que foi uma das grandes surpresas da televisão portuguesa no que respeita a presença televisiva, acabou por ser ganha por este. Todo o terreno está recuperado e mais um passo foi dado no sentido do fortalecimento da sua imagem na TV.

Quaisquer que sejam as divergências que nos separem, no que se refere à avaliação histórica, ninguém poderá recusar-lhe aquele saber estar na televisão de maneira tal que os telespectadores ficam «agarrados» através de um processo onde o recurso ao pitoresco, à ironia, ao calor das palavras, ao apelo à discussão, ao emprego das expressões mais dentro da experiência popular, se afirma como um trunfo que raramente se terá visto usado com tamanho engenho na televisão portuguesa.

Exemplo vivo desta capacidade de captar a atenção dos espectadores encontra-se no caso no novo retrato descoberto por Maria Antonieta Soares de Azevedo.

Em breves minutos, aconteceu o milagre: José Hermano Saraiva disse mais sobre Camões do que tudo quanto até hoje se passou na televisão, a propósito dos festejos, que assinalam a publicação dos «Lusíadas». Camões esteve ali connosco em sua verdade humana: preso, um barrete na cabeça em vez da coroa de louros, pobre homem reduzido à sua condição de génio desvalido. Talvez o autor do retrato apanhasse o poeta preso em Goa, **«em que o tinha embargado por uma dívida Miguel Roiz, Fios-Secos de alcunha»** conforme palavras que antecedem as trovas enviadas por Camões a D. Francisco Coutinho, pedindo que o desembargasse:

Um diabo há tão danado
que não tema a cutilada
dos fios-secos da espada
do fero Miguel armado...

Essa imagem do Camões pobretana e sofredor vai decerto ficar na memória dos telespectadores, vai decerto prevalecer sobre o Camões-mito, cantor de heroísmo que diàriamente nos aparece na televisão, primeiro na voz de Canto e Castro e, agora, na voz entusiasmada, vibrante, gritante, importante, exagerada de Hermínia Tojal.

A maior contribuição para o esclarecimento da verdade (poderoso meio de comunicação é esse!) residiu aí. Residiu aí o aspecto mais valioso da intervenção de José Hermano Saraiva. Podia não haver mais nada. E até talvez fosse o melhor...

INFANTE D. HENRIQUE

José Hermano Saraiva tem razão: não é fácil falar do Infante D. Henrique em termos antimitológicos. Não é fácil por várias razões entre as quais a principal estará talvez na necessidade histórica que obriga ainda a recorrer aos serviços dos mitos.

Propôs-se José Hermano acabar com o mito do Infante: acabou apenas com uma parte, a menos importante, a menos escaldante, da personalidade dele. Quanto ao mais, ajudou ele um bocadinho a fixar outro mito: o do seu método e organização aliados às **qualidades portuguesas** (!) de bravura, de audácia, de amor do risco... Ajudou à fixação doutro mito: um D. Henrique devotado inteiramente aos descobrimentos, olhos cegos para tudo que não fosse isso e para toda a vida.

Repare-se ainda que **«de todas as viagens que conhecemos, realizadas entre 1415 e 1460 (data da morte do Infante) só cerca de um terço foram devidas a iniciativas suas»** (in **História de Portugal**, de A. H. de Oliveira Marques). Nesta mesma História se pode ler que o Infante **«se manteve até ao fim um militarista e um expansionista, muito mais preocupado com Marrocos do que com as viagens de descoberta. Conquistar o Norte de África, «reavê-lo» para a Cristandade, eis sem dúvida alguma o seu ambicioso e acarinhado objectivo»**.

MAIS UMA BATALHA NA FRENTE DO FUTEBOL

A propósito da anulação da transmissão do jogo do Benfica, publicou a RTP os seguintes documentos que, com a devida vénia, transcrevemos:

«A RTP enviou antes de ontem às 16.05 o seguinte telegrama à Federação Portuguesa de Futebol: **«Acabamos de receber da BBC o seguinte Telex que transcrevemos: «A BBC foi informada pela Federação Inglesa de Futebol de que a UEFA lhe comunicou que a Federação Portuguesa de Futebol tinha protestado pela transmissão deste jogo para Portugal e tinha participado àquela federação que a transmissão não se poderia realizar por haver dois jogos em Portugal ao mesmo tempo. Lamentamos portanto que nestas circunstâncias, a Federação Inglesa de Futebol não autorize a BBC a transmitir o jogo para a RTP.»**

«Estranhamos a informação dada pela UEFA que não é verdadeira, pois o jogo Derby County-Benfica realiza-se entre as 19.30 e as 21.10 ou 21.15, enquanto os jogos que se disputam em Portugal se iniciam um às 16 horas e dois às 21.45.

«Pedimos, por isso, que a Federação Portuguesa de Futebol esclareça a UEFA do que cremos tratar-se de um mal entendido em relação aos horários indicados.»

Em resposta a este telegrama enviado à F.P.F., recebemos hoje, desta mesma federação, as 15.50, a seguinte carta assinada pelo adjunto do secretário-geral:

«Acusando a recepção do telegrama de V Ex.as, de cujo conteúdo só hoje se tomou conhecimento, por ter chegado à Federação ao fim da tarde de ontem, já depois de encerrados os serviços, cumpre-nos esclarecer os seguintes pontos:

1.º — Em 17 e 18 do corrente déu-se conhecimento a UEFA de que os jogos Vitória-Futebol Clube Fiorentina e Futebol Clube do Porto-Bruges se realizariam às 21.45 do dia 25.

2.º — Em 23, devido a reclamações dos dois clubes portugueses, tivemos oportunidade de, pelo telefone contactar esse organismo esclarecendo do teor de um telegrama que, nesse mesmo dia, esta Federação ia remeter à UEFA.

3.º — O texto desse telegrama é o seguinte:

«Consta que o encontro Derby-Benfica será transmitido pela Televisão directamente para Portugal. Chamamos a vossa melhor atenção para o facto de que a Federação inglesa não contactou esta Federação para a obtenção do consentimento previsto no n.º 3 do artigo 20 do Regulamento das competições de clubes da UEFA. Mais informamos que no caso de tal pedido nos ter feito, não poderíamos autorizar dada a realização, na mesma noite, dos encontros Vitória-Fiorentina e Porto-Bruges.»

4.º — Ontem, 24, novamente contactámos com V. Ex.as dando-lhes conhecimento da seguinte comunicação recebida daquela entidade internacional:

«Em seguimento nossa intervenção junto Federação inglesa, foi anulada a transmissão, pela televisão, para Portugal, do encontro Derby-Benfica.

5.º — Ao mesmo tempo tiveram V. Ex.as a gentileza de nos informarem, aproveitando o telefonema, do teor do telegrama que tinham acabado de receber da BBC. E à pergunta se ainda poderiam esperar qualquer alteração, daqui esclareceram que a decisão desta Federação se mantinha.

6.º — Entretanto, hoje de manhã a nossa congénere inglesa comunicou-nos por telegrama o seguinte: «A UEFA informou-nos do vosso protesto relacionado com aquela retransmissão. A Federação inglesa desconhecia aquela transmissão dado que a BBC de Londres se esqueceu de nos informar. Concordamos que a retransmissão deverá ser cancelada e demos instruções neste sentido.»

7.º — Finalmente desejamos esclarecer que especialmente o n.º 3 do Artigo 20 atrás citado se limita a falar em fazer concorrência, não exigindo que tenha de haver uma coincidência de horas para denegação da autorização.

8.º — Tivemos o cuidado, no nosso telegrama para a UEFA não falar em coincidência de horas e é certo igualmente que, como compreenderão fàcilmente, a transmissão do jogo faz concorrência aos dois clubes que jogam em Portugal na mesma noite, visto que os 30 minutos que medeiam entre o fim do jogo em Inglaterra e o início dos de cá, não dão margem suficiente para se poder afirmar que a tal concorrência se não verifica.

«Em todo o caso, porque o único objectivo desta Federação foi salvaguardar os legítimos interesses do Vitória Futebol Clube e do Futebol Clube do Porto, caso estes clubes nos comuniquem que, revendo a sua posição, não se opõem, comunicaremos imediatamente à UEFA a autorização da Federação Portuguesa de Futebol».

«Estes portanto, os factos. A Radiotelevisão Portuguesa lamenta que, assim, apesar de todas as diligências feitas, e dos elevados encargos financeiros que tinha assumido, e por razões a que, como é evidente, é completamente alheia, não possa proporcionar aos senhores telespectadores a transmissão directa do encontro Derby-Benfica.»

Pedindo antecipadamente me desculpem os intervenientes da minha intromissão no assunto, nesta guerra de futebol em que todos, mais ou menos, nos encontramos envolvidos. Sublinhemos singelamente algumas situações:

a) — Para assunto de tamanha urgência, a RTP não encontrou mais rápido meio de comunicação do que o telegrama. Falta de imaginação.

b) Emitido às 16 horas, o dito telegrama chegou ao seu destino ao fim da tarde, já depois de encerrados os serviços. Donde se conclui que o meio mais prático de comunicação continua a ser o pombo correio.

c) A BBC não informou a Federação inglesa da transmissão por esquecimento. Ai o mito da organização britânica!

d) A televisão portuguesa considerou como não verdadeira a informação prestada pela Federação Portuguesa. Precipitou-se.

e) A Federação Portuguesa, a ajuizarmos pelos documentos produzidos, fez o que lhe competia: a defesa dos dois clubes prejudicados pela concorrência ou pela possibilidade dela. Aquilo que a Televisão lamenta com tamanha veemência, pode vir a revelar-se útil, em certo escalão. Suponha-se que a afluência em Setúbal e no Porto fraqueja visìvelmente, por razões várias: aí tínhamos amanhã a televisão portuguesa acusada de esvaziar os estádios, o que dificultaria as negociações Futebol-TV.

Negociações mais difíceis do que muita gente pensa.

Transacção de embarcações

As embarcações cujo valor não exceda 50 contos poderão ser transaccionadas com dispensa de escritura pública, de acordo com o decreto 408/72 hoje publicado no «Diário do Governo».

Zonas interditas aos caçadores

No Diário do Governo, III Série, foi publicado pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas mais um aviso, sob proposta da Comissão Venatória Regional do Centro, proibindo a prática da caça, até ao final da época venatória de 1973-74, nas seguintes zonas do concelho da Covilhã: freguesia de Unhais da Serra — Quinta do Ourondinho e freguesia de Dominguizo, no sítio da Cabeça Gorda, em terrenos baldios pertencentes à Junta de Freguesia. Esta medida tem por objectivo de protecção das espécies cinegéticas e repovoamento.

Com o mesmo objectivo fica interdito o exercício da caça, até ao final da época de 1974/75, «numa zona do concelho de Sintra definida na portaria publicada no Diário do Governo, 2.ª série, n.º 267, de 14 de Novembro de 1969» diz o aviso hoje publicado, por recomendação da Comissão Venatória do Sul.

LAUREN BACALL: ESTREIA TEATRAL

LONDRES — Lauren Bacall fará a sua estreia teatral, em Londres, com a produção de Bernard Delfont e Alexander Cohen do musical norte-americano «Applause», que lhe valeu nos Estados Unidos um prémio «Tony», como a melhor actriz de musicais. A produção londrina tem música de Charles Strouse e Lee Adams e direcção de Ron Field, com cenários de Robert Randolph.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Cardoso S.Rosa CADAVAL

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Malva Relva, Rua da Praça, 11 ANÇA

VÁ AO TEATRO!!! Espectáculos recomendados por Vasco Morgado

TEATRO Telef. 555133
MONUMENTAL
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
RAUL SOLNADO
na famosa revista
PRA FRENTE LISBOA!
com
FLORBELA
os artistas convidados
IRENE ● JOSÉ de ISIDRO CASTRO
LINDA SILVA
a fadista
ANA ROSMANINHO
e o extraordinário
BALLET PICCADILLY STARS BALLET
ÚLTIMOS DIAS
GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037
VARIEDADES
2.as, 3.as e 5.as-Feiras
às 21.45 h.
6.as, Sáb. e Domingos
2 sessões 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
SIMONE e RUI
na divertida comédia
A CAMA DOS COMUNS
com
IO APOLONI
CANTO e CASTRO
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
6.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586
VILLARET
2 SESSÕES
20.45 e 23 h
Domingo, à tarde 16 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA
9.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

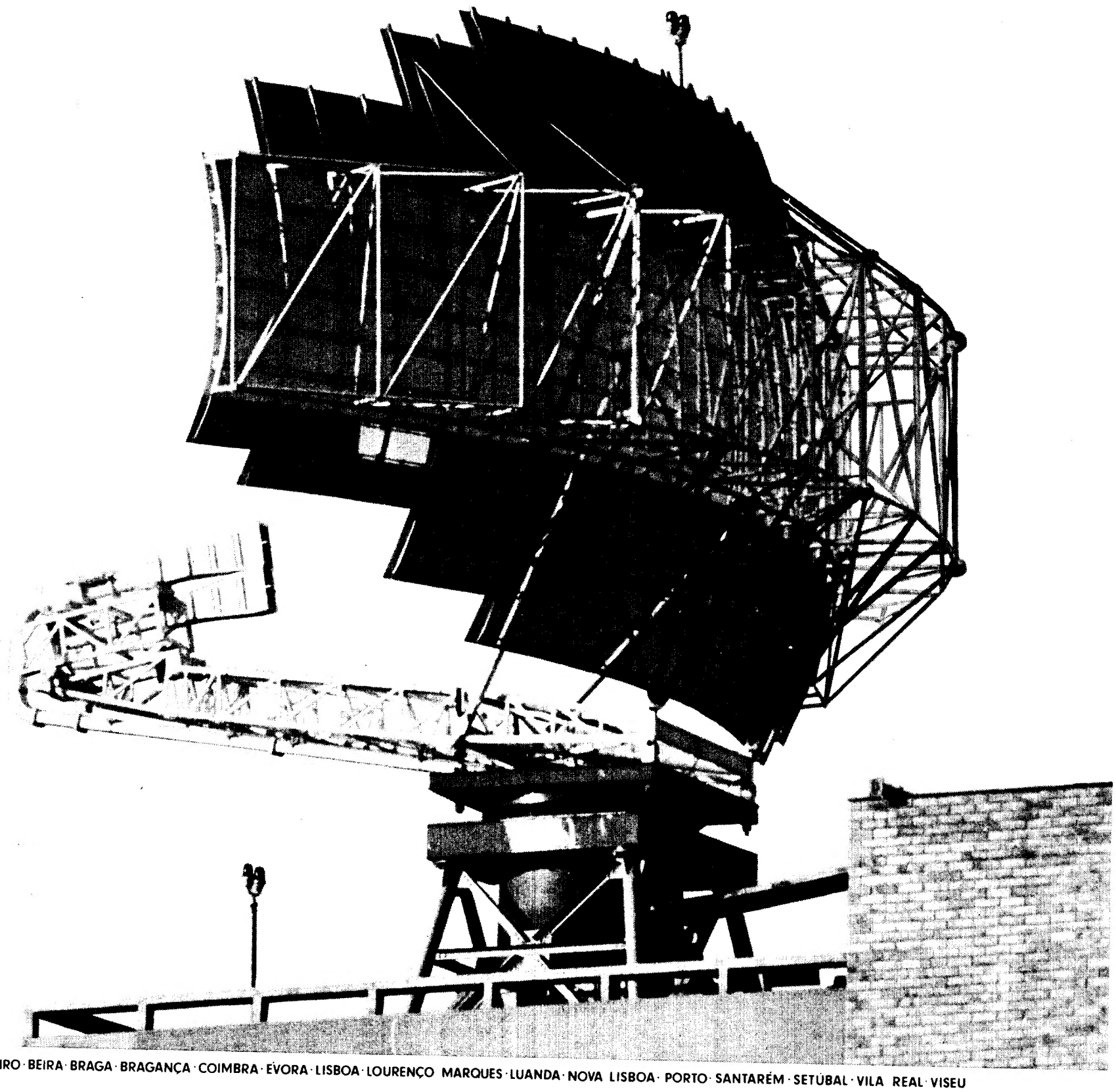
TEATRO Telef. 361740
MARIA VITÓRIA
2 SESSÕES
às 20.45 e 23 horas
Domingo, matinée às 16 h.
SALVADOR
IVONE SILVA
NICOLAU BREYNER
na super-revista popular
CAVALOS PAGANDO E RINDO...
com
ANABELA
Victor Mendes
Carlos Queiroz
BARROSO LOPES
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
Grupo D/18 anos

o apoio é importante

Nas viagens aéreas: o radar.
No percurso da sua empresa para o progresso: um Banco.
Mas um Banco especial. Um Banco de desenvolvimento.
Preparado tècnicamente para lhe dar o mais qualificado apoio.
Apto a estudar com segurança
e a resolver ràpidamente o seu caso.
A apoiá-lo como merece.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

Apoiamos a Indústria portuguesa
através de modalidades adequadas de
crédito a médio e longo prazo.
Consulte-nos.



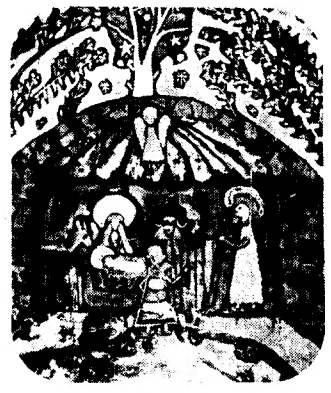
AVEIRO · BEIRA · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · LISBOA · LOURENÇO MARQUES · LUANDA · NOVA LISBOA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

BF. 7-72

DL/NACIONAL

" O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS "

O «Diário de Lisboa» conta com a valiosa colaboração de professores do ensino infantil e do ensino primário de todo o País para o êxito do concurso «O Natal visto pelas crianças», iniciativa de grande interesse artístico e pedagógico. Revelando inteira compreensão pela ideia desta iniciativa do «Diário de Lisboa» (orientada por um especialista de educação pela arte), professores do ensino infantil e primário de todo o País, como os reitores dos liceus, directores de escolas técnicas, escolas preparatórias, colégios e escolas primárias e infantis, têm-nos manifestado o seu apoio.



«O Presépio», guacho envernizado, de Manuel Isidoro Duarte Silva, 12 anos, Escola Preparatória de Tomar.

«O Natal visto pelas crianças» dirige-se a todas as crianças até aos 14 anos que podem concorrer com trabalhos realizados dentro da maior liberdade de concepção e sem restrição de material.

O regulamento do concurso é o seguinte:

Podem concorrer todas as crianças, individual ou colectivamente, até aos 14 anos.

As crianças podem escolher os assuntos dentro do tema proposto com inteira liberdade, desde os aspectos circunstânciais (as festas dessa quadra, a missa do galo, as janeiras, a ceia familiar, o presépio, as prendas, as iluminações, etc.) até aos simbólicos — a paz na terra, a fraternidade e amizade entre os homens, etc.

Não haverá qualquer restrição sobre as formas escritas ou gráficas utilizadas: conto, narrativa, crónica, folhetim, poesia, teatro, aguarela, guacho, tecidos, papéis recortados, desenhos, cerâmica, mosaico, etc.

Convém que os trabalhos literários sejam curtos, manuscritos ou dactilografados, de preferência escritos apenas de um lado da folha de papel.

Os trabalhos de desenho ou pintura não devem ter dimensões inferiores a 32x22 centímetros formato de papel almaço.

Os trabalhos devem indicar o nome, idade e morada. Quando as crianças pertençam a liceus, escolas técnicas preparatórias ou colégios, devem indicar o nome do estabelecimento de ensino que frequentam.

A entrega dos trabalhos deve fazer-se na Escola Preparatória Francisco Arruda, Lisboa, até ao dia 15 de Dezembro. A entrega pode fazer-se pessoalmente, ou pelo correio com a indicação, por fora, de se destinarem a «O Natal visto pelas crianças».

A escolha dos trabalhos não é feita pela técnica ou pela riqueza dos materiais empregados; serão escolhidos sobre os que revelem melhores características expressivas e evidenciem melhor a psicologia e a sensibilidade infantis. Essa escolha será efectuada por especialistas de educação pela arte, tendo em atenção os escalões de idade.

Os prémios concedidos deverão ser levantados no prazo de 90 dias a contar do dia 26 de Dezembro. Os prémios materiais serão remetidos para a província, ilhas e ultramar por vale de correio ou cheque com valor declarado.

Os trabalhos enviados para o concurso e que o júri entender ficam pertencendo ao arquivo do «Diário de Lisboa» e não serão devolvidos.

Não dobrar os trabalhos de desenho e pintura, apresentando-os direitos, ou enrolados, devidamente acondicionados, quando excedam 1x0,40 m.

«Menino-Jesus», escultura em barro, trabalho colectivo de alunos da Escola Preparatória Francisco Arruda.

DL/GERAL

QUE VAMOS LER?

5

Moraes Editores vão lançar uma colecção de pequeno formato

Inquerito às editoras conduzido por TORQUATO DA LUZ

O lançamento de uma colecção de livros de pequeno formato, **«em que serão historiados e analisados os principais problemas políticos, económicos e sociais do Portugal de hoje»** está previsto na programação de Moraes Editores para esta temporada, segundo nos informou o escritor Pedro Tamen.

Referindo-se à inexistência de um estudo do mercado do livro em Portugal, o nosso entrevistado sublinhou que «de dia para dia a sua urgência se revela com maior clareza» e acrescentou:

Nós como os outros editores, reflectimos sobre o mercado, sobre o conhecimento que dele nos vai dando a prática diária, mas sem as necessárias bases científicas. E é assim que se vive e se lançam novas colecções.

À pergunta sobre quais os autores (nacionais ou estrangeiros) que constituem as bases em que assenta o trabalho da sua editora, respondeu Pedro Tamen: **Nenhum autor nacional ou estrangeiro constitui pròpriamente a base do nosso trabalho. Mas evidentemente que contamos sempre com um Cardoso Pires, uma Sophia de Mello Breyner e Andresen ou um Alçada Baptista entre os autores com público mais certo e fiel.**

Quanto ao lançamento de novos autores portugueses:

Quer o «Círculo de Poesia», quer o «Círculo de Prosa» lançaram efectivamente, novos autores portugueses e continuarão a fazê-lo.

«Progresso na Liberdade», de Miller Guerra, foi um dos livros da temporada

OS ÊXITOS

Podemos, felizmente — informa Pedro Tamen — **contar vários êxitos de temporadas anteriores (caso da «Peregrinação Interior» de António Alçada Baptista, por exemplo). Mas, só desta temporada de 71/72, ci-**

Sophia de Mello Breyner.

OS PREÇOS

Os custos industriais do livro — diz o nosso entrevistado — **sobem desmesuradamente, enquanto as tiragens dos livros de qualidade se mantêm mais ou menos estacionárias. Isto necessàriamente implica uma subida de preços que, com prejuízo para as margens do editor, já de si muito reduzidas, nem sequer tem sido proporcional à subida dos custos. E a pretensão de baixar os custos através de um aumento arbitário das tiragens é, mais do que a aleatória, viciosa, quando não enquadrada numa estrutura com exigências próprias, como é o caso das referidas «colecções de bolso».**

forçosamente signifique uma maior apetência do mercado pelo produto ou produtos oferecidos. Na verdade, cremos até poder afirmar que existe uma regressão no mercado metropolitano.

te-se «Jesus em Más Companhias», de Adolf Holl, «Liberalização Bloqueada», de Sá Carneiro, o primeiro volume de «A Funda», de Artur Portela Filho, e «Progresso na Liberdade», de Miller Guerra. Fracasso? Nenhum estrondoso. Mas não há dúvida que os primeiros meses da «carreira» de «A História de Fernão Capelo Gaivota», de Richard Bach, não corresponderam ao que esperávamos do livro e ao que o livro merece.

Ao responder à nossa pergunta sobre a evolução do mercado do livro, Pedro Tamen esclarece que «**tem vindo a revelar expansão, mas de um modo que não é significativo para a avaliação da receptividade do mercado**. E acrescenta:

Um aperfeiçoamento das técnicas de comercialização conduz naturalmente a uma expansão das vendas sem que isso

Finalmente, Pedro Tamen esclarece-nos que, na sua editora, **«existe um plano geral de publicidade, que prevê campanhas especiais para lançamentos que consideramos particularmente importantes»**. No que se refere às edições de luxo: **«É um mercado que conhecemos imperfeitamente, mas que nos parece estar em crescimento».**

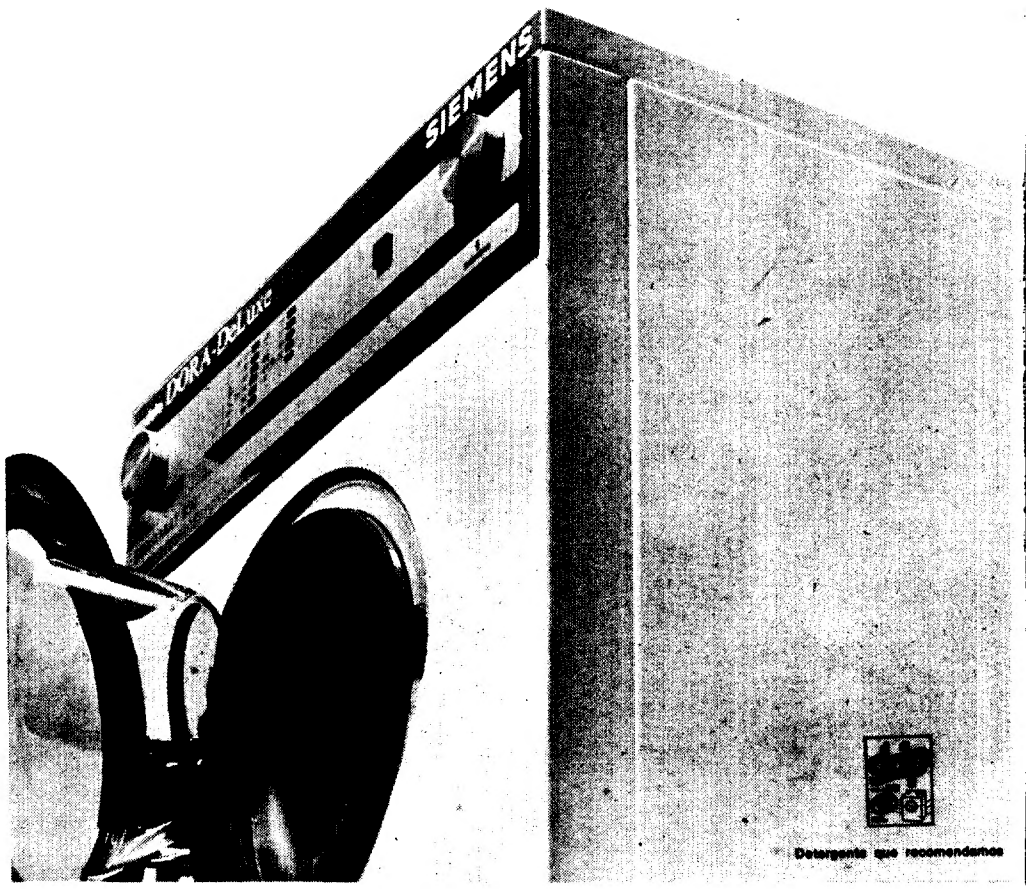
Para lavar e durar toda a vida

SIEMENS

Robusta
Construida pela maior fábrica da Alemanha – onde a qualidade é tradição. Materiais inalteráveis, aço inoxidável, componentes seleccionados... garantem uma duração pràticamente ilimitada.

Eficaz
Para cada tipo de roupa – um programa especial. Lavagem a 95° C e enxaguamentos em águas correntes garantem roupa bem lavada, desinfectada, desencardida.

Económica
A temperatura adequada poupa a roupa. Os programas especiais (biológicos e pura lã virgem) garantem o tratamento ideal. O arrefecimento gradual e os enxaguamentos defendem as roupas delicadas.



Detergente que recomendamos

UM PRAZER VIAJAR... EM CARROS DE RAÇA!
CARROS Ford

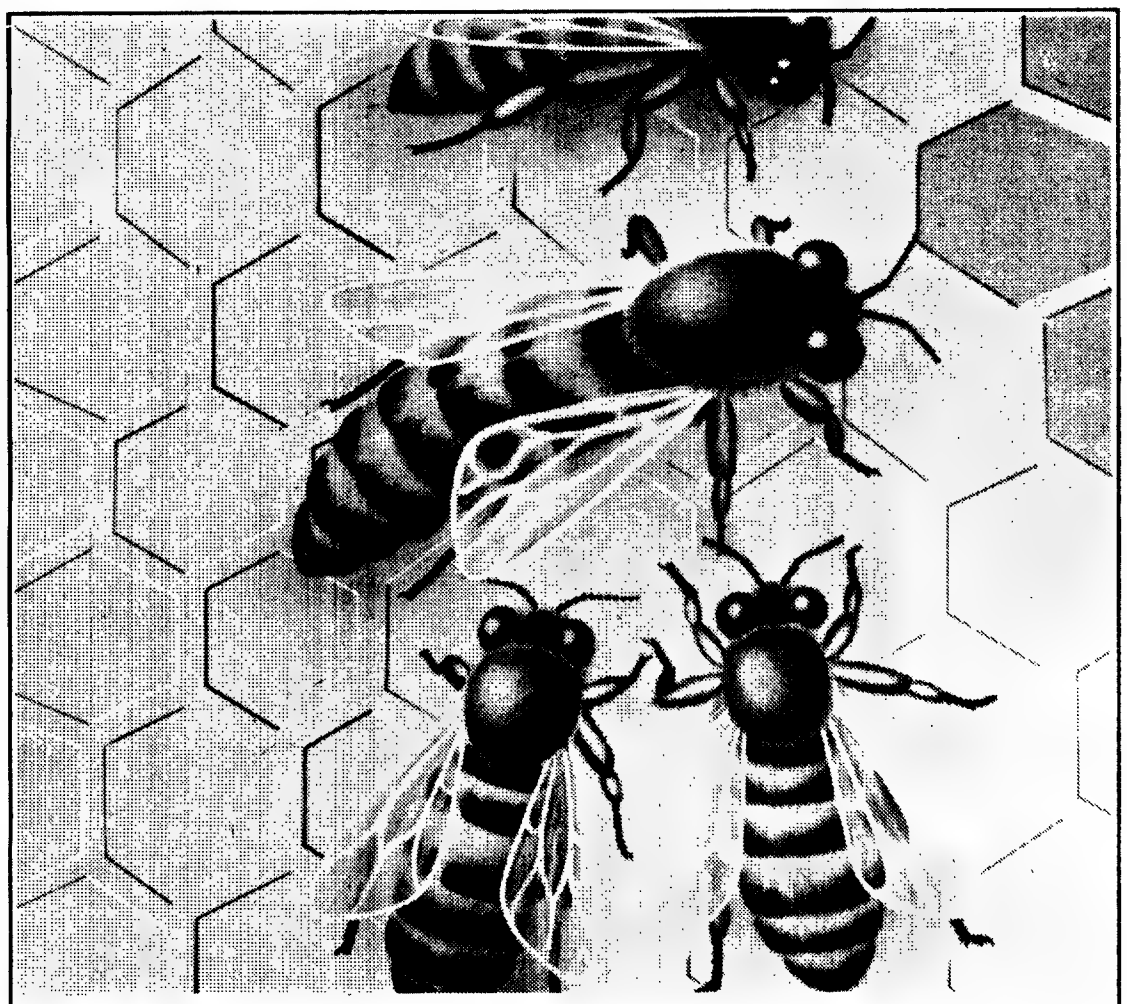
VENHA APRECIAR OS NOVOS MODELOS
CONSUL e GRANADA

Visite no nosso salão de exposição todos os modelos da gama **FORD:**
ESCORT – CORTINA – CAPRI – TRANSIT

Aproveite a nossa
GRANDE CAMPANHA DO OUTONO
para beneficiar das facilidades que lhe proporcionamos na troca do seu automóvel!

MARCA 72

AUTO-BOAVISTA Lda.
R. DA BOAVISTA, 81-B (ao Conde Barão) tel. 671893/669141 (p.p.c. 10 linhas)



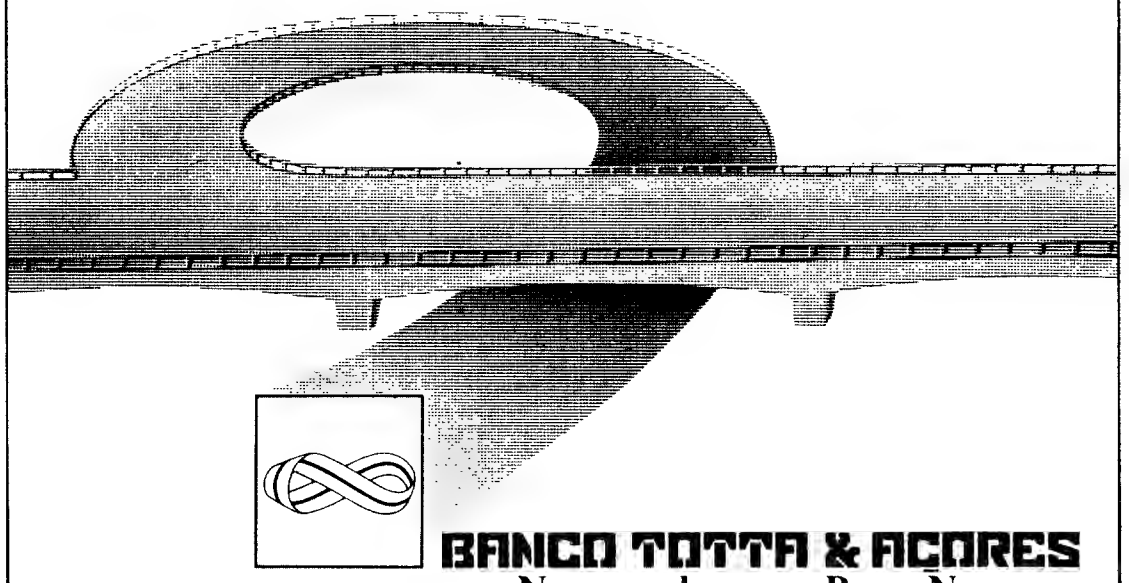
mesmo a abelha sabe organizar-se para produzir mais.

para você ē que ē homem...

o nosso apoio garante-lhe novas perspectivas

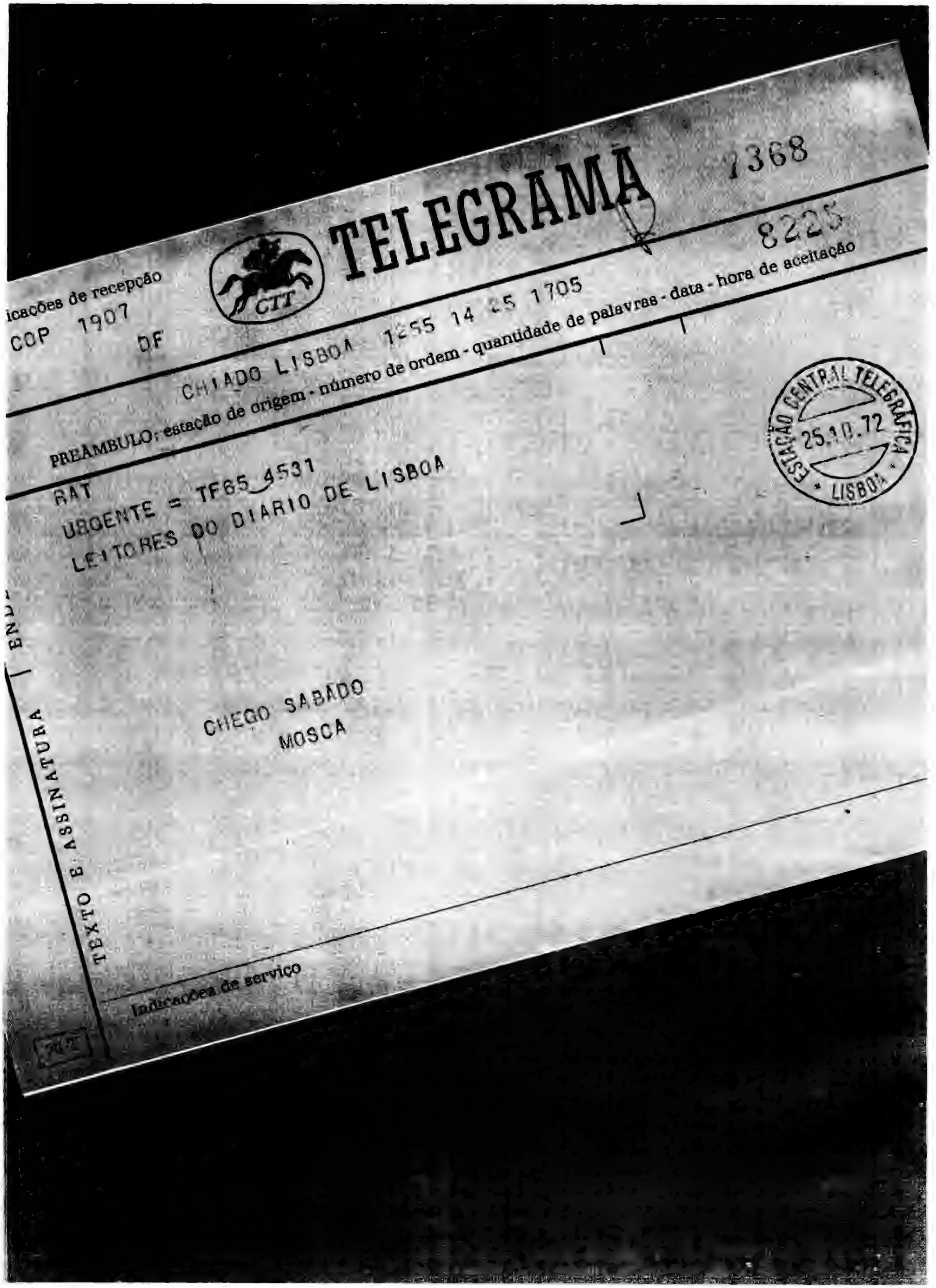
A nossa organização
com quadros jovens e especializados.
Dinâmica.
Com os nossos serviços e soluções
somos, hoje, o Banco
dos homens do futuro.
Somos confiança.
Somos total transparência de processos.
Sempre. Onde Você estiver.

Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Açores



BANCO TOTTA & AÇORES
Num mundo novo o Banco Novo

PENTA-BTA 5/72


TELEGRAMA
1368
8225
CTT
icações de recepção
COP 1907 DF
CHIADO LISBOA 1255 14 25 1705
PREÂMBULO: estação de origem - número de ordem - quantidade de palavras - data - hora de aceitação
ESTAÇÃO CENTRAL TELEGRÁFICA 25.10.72 LISBOA
RAT
URGENTE = TF65 4531
LEITORES DO DIARIO DE LISBOA
CHEGO SABADO
MOSCA
ENDEREÇO
TEXTO E ASSINATURA
Indicações de serviço

Diz o director da entidade de ligação Darfa

"NA EMIGRAÇÃO PARA A ALEMANHA TEM PREFERÊNCIA O OPERÁRIO QUALIFICADO"

Futuros emigrantes expõem as suas razões a um funcionário.

Wolfgang Dohmen, director da Entidade de Ligação Alemã em Portugal, encontra-se de novo no nosso país, depois de ter participado em Madrid, numa reunião em que foram debatidos problemas relacionados com a emigração para a Alemanha. A reportagem do «DL» entrevistou-o sobre a matéria, posta presentemente em foco por um insistente boato que tem corrido de que a República Federal ia fechar portas aos emigrantes estrangeiros, boato que já tivémos ocasião de desmentir.

— O problema da restrição à emigração de mão-de-obra estrangeira para a Alemanha não se põe nos tempos mais próximos. — explica Wolfgang Dohmen — mesmo que ela venha a ser praticada não será por falta de empregos, mas por razões de ordem social. Foi esta a conclusão do encontro de Madrid. A Alemanha está a tentar melhorar o apoio aos operários estrangeiros com a construção de casas, creches, infantários, escolas e de idioma.

— Para quando se prevê a resolução destes casos?

— Só daqui a dois anos se começarão a fazer sentir os efeitos das medidas agora tomadas. Em primeiro lugar, devem elas ser apreciados pelos Ministérios do Interior de cada estado Federal; pelo Instituto Federal de Trabalho (a que esta entidade pertence); pelo Ministério Federal de Economia e dos Negócios Estrangeiros. E evidente que tudo isto levará o seu tempo, mas entretanto reúnem-se mensalmente na Alemanha grupos de trabalho, que tomam as decisões mais urgentes.

Cerca de cem pessoas estiveram em Madrid; além das seis entidades de ligação europeias, participaram ainda delegações de Marrocos e da Túnisia.

— Depois dos acontecimentos de Munique, estas entidades vão talvez ser encerradas, mas por enquanto nada se sabe em concreto. Antes da tragédia dos jogos olímpicos pensava-se abrir também uma entidade no Cairo; agora, essa ideia foi completamente posta de lado.

Wolfgang Dohmen: «o problema da restrição à emigração de trabalhadores para a Alemanha não se põe»

Só para a construção de moradias o Instituto Federal Alemão de Trabalho despende por ano cerca de 425 milhões de marcos; o Governo do país gastou em 1971 com os seus trabalhadores 1,8 biliões de marcos. Perante estas cifras astronómicas, pergunta-se: qual o benefício que a emigração trouxe para a Alemanha?

— Enorme. A Alemanha necessita para preencher as suas necessidades de mão-de-obra, de cerca de duzentos mil operários estrangeiros. Repare 40 por cento dos «almeidas» são emigrantes.

Quem os iria substituir se se decidissem ir embora? Que seria da nossa hotelaria se todos os empregados de café e restaurante (na maioria estrangeiros) resolvessem partir? Realmente, os emigrantes precisam da Alemanha, mas esta também necessita bastante deles.

Um dos altos funcionários da entidade de ligação alemã no nosso país, disse-nos que se poderia principiar a dar preferência ao operário qualificado. A reunião de Madrid, teria trazido algo novo a este problema?

— Na verdade, de futuro dar-se-á preferência ao empregado especializado. Os trabalhadores alemães estudaram e singraram para lugares mais importantes. Há portanto que substitui-los.

— Os operários estrangeiros também podem alcançar esses lugares?

— Certamente. Existem na Alemanha para eles, cursos de preparação profissional aos quais têm ingresso quaisquer trabalhadores de diferentes nacionalidades. Porém, estes cursos não têm sido muito frequentados, porque na sua maioria os trabalhadores desconhecem a língua. Nalguns países já se estão a fazer cursos para emigrantes prévios ao seu embarque; as despesas são custeadas pelos dois países. Para o ano, penso, esses cursos também serão organizados em Portugal.

A emigração clandestina é um dos mais graves problemas para qualquer país. A Alemanha, um dos maiores importadores de mão-de-obra não se podia furtar a ele.

— Se o Governo alemão soubesse o número exacto de emigrantes clandestinos e onde se encontravam, tomava desde já as suas medidas. Posso, no entanto, afirmar, que de futuro o controle sobre a clandestinidade será muito mais rigoroso.

A emigração portuguesa é uma das que causa menos problemas, ao contrário do que acontece com a de Itália. Wolfgang Dohmen explica-nos a razão:

— Como a Itália e a Alemanha pertencem ao Mercado Comum, já várias entidades daquele país têm insistido para que lhe seja dada preferência, mas o Governo alemão achava injusto que isso acontecesse. Todos os países com que a Alemanha Federal mantem relações diplomáticas ou acordos de emigração, têm direito a enviar para ali os seus operários.

Na reunião de Madrid foram ventilados os maiores problemas da emigração. Para o ano, terá ela lugar num dos Países da Europa Qcidental; daqui a dois anos, talvez se realize em Portugal.

A terminar, o director da Entidade de Ligação declarou-nos:

— Até ao fim do ano conseguiremos colocar na Alemanha cerca de doze mil portugueses. Pelo lado alemão tencionamos manter este número durante os dois próximos anos. Basta que o Governo e as entidades responsáveis de Portugal estejam de acordo.

Candidatos à emigração para a Alemanha na sala de espera da Entidade de Ligação

DESABAMENTOS AMEAÇAM ESMAGAR CASAS

O que é que diria o leitor, se estivesse em casa a jantar e lhe caísse um pedregulho com quatro toneladas no prato? Claro que não era possível. Um pedregulho com quatro toneladas, esmaga uma casa fàcilmente e não cabe num prato, nem sequer num tacho. Mas embora não lhe tivesse caído no prato, ao sr. Domingos Pereira da Rosa sucedeu ter-lhe rolado para o quintal da sua casa, na Rua Guilherme Anjos, 11, ao Casal Ventoso, um penedo com aquele peso. **Foi como um tremor de terra** — disse-nos o sr. Domingos e nós acreditamos. Mas isto aconteceu há cerca de quatro anos. Como além daquele, já outros matacões mais pequenos lhe tinham pregado uns sustos, o locatário, depois que os Bombeiros lhe retiraram do quintal o matacão-quatro-toneladas, dirigiu-se à Câmara Municipal a participar a ocorrência. O facto era que, por cima da casa do sr. Domingos, existia — e existe — uma antiga pedreira em que havia destes desabamentos constantes. A Câmara projectava mandar erguer uma barreira que evitasse tais desmoronamentos, que punham em perigo, não só a casa do sr. Domingos, como outras. Entretanto, o projecto ficara em... projecto, a barreira não se ergueu e a Câmara aconselhou o sr. Domingos a abandonar a sua residência, pelo menos até que se conjurasse o perigo, isto é, até que se construisse a malfadada barreira. Claro que com a profissão de vendedor de jornais e a mulher doente de angina de peito, o sr. Domingos não pode pagar uma renda superior aos quinhentos escudos que paga na Rua Guilherme Anjos, onde mora há 17 anos. E continuou a viver na sua casa, esperando que a Câmara fizesse avançar o projecto da construção da barreira. Entretanto, os pedregulhos continuavam a cair no seu quintal — onde se situa o quarto de banho do sr. Domingos — e a esposa do sr. Domingos a ficar ainda mais doente de cada vez que se ouve o estrondo de outro desabamento. Desesperado, o sr. Domingos falou ao senhorio, que lhe disse:

— Eu não tenho nada a ver com o caso. A Câmara é que sabe como é.

E aqui está porque veio o sr. Domingos ao nosso jornal. Ele não pode abandonar a casa, pelas razões que já se expuseram. Os matacões continuam a cair de lá de cima, com a frequência de um bombardeamento metódico. Um dia acontecerá ficar, ou o sr. Domingos e a família, ou outra das famílias vizinhas, debaixo de um dos pedregulhos. Talvez então a Câmara se decida a fazer a tal barreira que prometeu.

De qualquer modo — embora tudo o que deixamos dito atrás, pertença às declarações do sr. Domingos, feitas aqui, no jornal — uma pergunta não fará mal a ninguém: não seria melhor tomar providências antes que aconteça o inevitável?

OS PREÇOS

Os indices dos preços por grosso na cidade de Lisboa, em médias mensais de Janeiro a Março, registaram um acréscimo considerável em 1972 relativamente a 1971 (6,3 por cento); este aumento é tanto mais relevante, se observarmos que em 1971 tinham sofrido uma quebra de 0,7 por cento em comparação com o valor registado em 1970.

Examinando as médias trimestrais dos indices de preços ao consumidor apenas para 1971 e 1972, verifica-se que as taxas de crescimento são bastante elevadas em todas as seis cidades do Continente para as quais se dispõe de dados estatísticos. Na rubrica «habitação» registaram-se acréscimos consideráveis, nomeadamente em Lisboa, Coimbra, Viseu e Faro. Na «alimentação» os aumentos foram apreciáveis, especialmente nas cidades acima referidas e no Porto. Ao tomarmos as taxas de crescimento observadas no 1.º trimestre de 1971, relativamente ao mesmo período de 1970, e as registadas no período homólogo seguinte verifica-se uma aceleração nítida nas taxas de crescimento dos preços dos produtos alimentares.

	1971/70	1972/71
Lisboa	5,2	12,0
Porto	0,3	16,5
Coimbra	0,8	11,7
Evora	5,9	9,0
Viseu	2,4	16,3
Faro	3,0	14,6

(de I.E. do gabinete de estudos do B.P.A.)

DEPOIMENTOS DUMA TESTEMUNHA

GAGO COUTINHO E SA

PIONEIROS DA AVIAÇ

O hidroavião afocinhou na amaragem mas os aviadores foram salvos e a proeza estava consumada

EM PARIS...

EM LISBOA...

EM TODO O MUNDO...

O ÊXITO É GIGANTE

COTE OFFICIELLE DES 1res EXCLUSIVITES
ANNÉE 1972 (Films sortis depuis le 1er janvier 1972)

4 FILMS DE 900.000 A 500.000 ENTRÉES

L'Aventure c'est l'Aventure (français)		861.936 (19)
[illegible] révolution (italien)	*	607.484 (26)
Il était une fois un flic (français)		561.283 (33)
French Connection (américain)		535.141 (19)

5 FILMS DE 500.000 A 400.000 ENTRÉES

Orange mécanique (américain) ●●	*	454.452 (23)
		449.969 (18)
		427.825 (12)

EM 3.ª SEMANA

NO MUNDIAL

O SETIMO EXITO DE
CLAUDE LELOUCH

AVENTURA
é AVENTURA

EASTMANCOLOR

UM FILME PARA MORRER DE RIR
— E REFLECTIR!

EXC.

FILMITALUS

GRUPO D (M. 18 ANOS)

Faz hoje 50 anos que Lisboa recebeu triunfalmente os dois aviadores portugueses que regressavam do Brasil depois da primeira travessia aérea do Atlântico Sul. É uma data assinalada do cinquentenário, que o «DL» comemora publicando uma importante entrevista do Almirante Sarmento Rodrigues, que em 1922, na qualidade de aspirante da Marinha fazia parte da tripulação do cruzador «República» na operação de apoio e salvamento dos aviadores junto do Penedo de S. Pedro, no Brasil. No seu depoimento, o nosso entrevistado recorda o entusiasmo que o feito despertou no país e salienta o seu valor científico.

— Senhor Almirante, pensa que os contemporâneos do voo se aperceberam da importância do acontecimento? E os dois aviadores?

— Que os contemporâneos se entusiasmaram com o acontecimento, disso não há a menor dúvida. Bastaria apenas olhar para os jornais e revistas desse tempo. Em Portugal e no Brasil. A simples consulta deste «Diário de Lisboa» seria, mais do que, suficiente, perfeitamente esclarecedora. Nele se registaram com o devido relevo os acontecimentos e reacções, sobretudo depois que, como enviado do jornal, se encontrava no campo de acção, a partir do Penedo de S. Pedro, o jovem e distinto jornalista Norberto Lopes que acompanhou e primorosamente relatou os passos dessa epopeia até às terras do Brasil.

SILNET

Linha de tratamento capilar
O Tónico SILNET elimina a caspa, seborreia, infecções, etc. . . . e evita a calvície
Mas . . . evita mesmo!
A locão INDIANA dá ao seu cabelo a côr primitiva
Mas . . . dá mesmo!
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
RANCE

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.

GATA SIAMESA

Muita estimação. Pede-se a quem encontrar que comunique para a Rua de Entrecampos, 44-1.º Dt.º - Lisboa — Tel. 779894

E ler as declarações solenes proferidas por individualidades insuspeitas e responsáveis, desde homens de ciência a estadistas. Já não falamos nos poetas, naturalmente exaltados. O que nos diz, por exemplo, o Presidente António José de Almeida é definitivo. Segundo ele, não se encontra «na história pátria fenómeno igual, a não ser nos primeiros tempos da dinastia Avis, em que o Mestre e Nun'Álvares foram envolvidos numa auréola semelhante». E em outra ocasião havia ainda de afirmar que o feito maravilhoso, pela sua influência na união de todos os portugueses, se poderia considerar uma «fonte inesgotável de emoção patriótica».

Calorosas, por vezes delirantes, manifestações em toda a parte: assembleias, academias, municípios, escolas, praças de cidades e aldeias, igrejas, quartéis, num entusiasmo generalizado e sem par em tempo algum da história nacional. Sem excepções, do Minho a Timor do Parlamento à Filarmónica duma vila transmontana. Era, sem dúvida alguma, uma «fonte inesgotável de emoção patriótica».

HOMENS DE CIÊNCIA

Isto quanto à exaltação derivada de um acontecimento que viera despertar, em todo o mundo português, muito particularmente no Brasil, uma renovada confiança nas nossas capacidades. Porque, quanto ao mérito científico, à contribuição trazida para o progresso da ciência, também não houve dúvidas, nem reservas. Atestaram-no depoimento de homens de saber, verdadeiros cientistas, como Egas Moniz, Manuel Peres, Manuel dos Reis, Jaime Cortesão, Victor Hugo de Lemos, e tantos mais portugueses, brasileiros e muitos estrangeiros. E estamos ainda hoje, e sempre, habilitados a confirmar o valor científico daquela «expedição aero-geográfica», como lhe chamou Gago Coutinho.

— A travessia aérea do Atlântico Sul deverá interpretar-se como um rasgo de coragem e de espírito de aventura ou, para além disso, resulta de premissas científicas fundamentadas?

— O feito tem de tudo isso, e em grande. Quem se lembrar das condições materiais da aviação desse tempo, com aviões em regra monomotores, feitos de tela e ligados por arames, com raios de acção pequenos e sem qualquer ajuda e apoio do exterior, não terá dúvidas em aceitar que voar tinha sempre muito de coragem e espírito de aventura. E heroísmo também. No caso da viagem aérea ao Brasil e em todos os percursos realizados, nomeadamente de Lisboa às Canárias, dali a Cabo Verde, de S. Tiago ao Penedo e depois entre Fernando Noronha, Penedo e Recife — uma coragem sem limites e um espírito de aventura no mais alto grau seriam precisos para realizar esses voos. Mas, se já na tirada entre a Grã Canária e S. Vicente o Comandante Sacadura Cabral poderia afirmar, perante o encrespado das vagas que o vento fresco agitava e a solidão daqueles ares e mares, que «se tivessemos que descer no mar nem a alma se nos aproveitava», quando então se examinam as condições em que foi levada a cabo a famosa travessia entre S. Tiago e o Penedo de S. Pedro, — mais de onze horas sobre o mar e sem a menor referência, suspensos dum único motor e sem gasolina bastante — não há possibilidades de qualificar em toda a sua grandeza a atitude desses dois grandes marinheiros-aviadores portugueses. Aquele precioso «Caderno de Recados», verdadeira relíquia sagrada, contém declarações espantosas, que revelam os mais nobres e heróicos sentimentos patrióticos. Quando, naquela solidão de ares e mares tropicais, sem a mais remota possibilidade de um apoio vindo do exterior, sem ao menos dispormos de um pequeno posto de telegrafia sem fios para informar a gente de S. Tiago ou o cruzador «República» que os aguardava no Penedo; quando, naquela autêntica solidão e naquele total isolamento, os dois marinheiros-aviadores examinaram a situação perante o aumento de consumo de combustível e o risco de não poderem atingir o objectivo — quando naquelas dramáticas circunstâncias resolvem prosseguir,

Alm. Sarmento Rodrigues

Entrevista
ALMIRANTE SARMEN

sem curar das próprias vidas e com o pensamento na Pátria distante, estavam escrevendo nesse venerável «Caderno de Recados» páginas reveladoras do mais puro e inexcedível heroísmo. Por grandes que sejam, felizmente, as tradições portuguesas, esta epopeia é um pergaminho dos mais nobres da nossa História.

Mas eles, além de heróis e aventureiros, eram também homens de ciência e grandes realizadores. A concepção da viagem e a sua organização — iniciativa e obra de Sacadura Cabral — é um monumento de tenacidade e de visão genial. A ideia e os objectivos foram claros, perfeitos e dilatados.

Estreitar os laços com o Brasil, engrandecer o nome de Portugal, lançar as bases para as futuras viagens aéreas transatlânticas — aqui temos grandes motivações para um programa. Preparar a viagem, conseguir os meios e remover a eterna resistência, passiva e activa, a todos as obras criadoras, foram vitórias que à vontade férrea de Sacadura se ficaram principalmente a dever.

No aspecto de progresso científico várias prioridades se destacam: primeira viagem aérea transatlântica realizada de Oriente para Ocidente; primeira viagem aérea da Europa para a América e primeira da Europa à América do Sul, com a consequente primeira travessia aérea no Atlântico Sul.

São prioridades incontestáveis. Mas, acima de todas elas, paira a grande qualificação daquela «expedição aéro-geográfica»: primeira viagem transoceânica em que se praticou navegação astronómica aérea.

Aqui estava, de facto, a grande inovação, acima de todas as outras. Anteriormente, só viagens a acertar ou à vista de terra ou navios. Alcock e Brown, da Terra Nova para a Irlanda, não precisaram de navegar astronómicamente. Os americanos do Capt. Read tiveram sempre navios à vista, da América para os Açores e Lisboa. Mas para demandar as Canárias, Cabo Verde e sobretudo o Penedo de

OCULAR DO 1º VÔO LISBOA - BRASIL

ACADURA CABRAL
ÇÃO CIENTÍFICA

sta com
MENTO RODRIGUES

S. Pedro era indispensável saber navegar.

Esta era, portanto, uma viagem realizada como fruto de estudos sistemáticos e de autênticas descobertas de instrumentos e métodos de navegação. Tal como nas navegações de descobrimento de outros tempos.

Julgo não ser necessário — nem seria apropriado neste momento — fazer a descrição dessas invenções. No entanto, será justo dizer que, nesse campo, o principal papel coube a Gago Coutinho, um dos maiores geógrafos de todos os tempos, homem de génio e de aventura, verdadeiro caravelista de outras eras.

Depois dessa viagem, que foi a plena demonstração da navegação aérea astronómica, já foi possível preparar os planos e lançar as bases para a aviação de longo curso.

Que mesmo sem a expedição portuguesa a navegação aérea astronómica se viria fazer? É de aceitar que sim. Tanto mais que já decorriam em outros países estudos semelhantes. Mas o que é certo é que foram os portugueses os primeiros a demonstrar essas possibilidades, a abrir o caminho.

Também quando os navegadores portugueses, no final do século XV, chegaram ao Índico, já ao longe rondavam o mesmo objectivo, tacteando os passos nas saídas dos mares do Extremo-Oriente, os marinheiros chineses. Talvez estes também lá chegassem, um dia, mais tarde, sabe-se lá quando. Eles ou outros. Mas a verdade, a honrosa realidade, é que foram os portugueses os primeiros. E esse grande serviço lhes ficou a dever a humanidade.

AMÉRICO THOMAZ E SARMENTO RODRIGUES NOS BARCOS DE APOIO

O que determinou a Marinha Portuguesa a apoiar o voo, durante a sua realização? Que pensavam as tripulações dos navios? Nomeadamente, que pensavam então o tenente Américo Thomaz e o aspirante Sarmento Rodrigues?

— A Marinha, felizmente, não tem sido o mais rotineiro dos serviços públicos. Poderia mesmo dizer que tem estado muitas vezes na vanguarda do progresso. E, de resto, da sua tradição — que outra mais gloriosa não há. E é também da sua índole permanente. À frente nas explorações do Ultramar, pioneira em tantos serviços, como as radiocomunicações, observatórios astronómicos e meteorologia. Na aviação também não ficou atrás. E, assim, graças à compreensão de alguns homens públicos e dirigentes — como Afonso de Cerqueira, Macedo Pinto e sobretudo Victor Hugo de Azevedo Coutinho — foi dado todo o possível apoio a essa tentativa histórica. A Marinha, nos seus navios, estava toda com os aviadores. Os que tivemos a sorte de acompanhar essa epopeia conhecemos das maiores alegrias da nossa vida. Dias e apóteoses que nunca se poderão esquecer.

Suponho que o então segundo-tenente Américo Thomaz — que se encontrava no navio hidrográfico «Cinco de Outubro», naquele dia, entre todos glorioso, de 18 de Abril de 1922, à largada do hidravião «Lusitânia» de S. Tiago de Cabo Verde para o Penedo de S. Pedro — sentiria a grande emoção de ver dois camaradas lançados numa das maiores proezas do nosso tempo, feito que haveria de provocar a união de todos, absolutamente todos, os portugueses e trazer novos motivos de orgulho de ser português.

E essa será, quero crer, a recordação porventura mais cara à sua sensibilidade. Mas o almirante da nossa Armada, na sua alta e digna simplicidade, no seu culto pela Pátria e devoção pela Marinha, era talvez capaz de se dispor a dizer-lho, melhor do que eu.

Quanto a mim, nesse tempo um simples aspirante de Marinha, promovido a guarda-marinha nas românticas paragens de Fernando Noronha, era o desabrochar de uma vida no meio de gloriosas fadigas que nos marcam e que nunca se podem esquecer. Figuras tutelares como Gago Coutinho e Sacadura Cabral, mestres inesquecíveis como Oliveira Muzanty e Eduardo Vilarinho, camaradas leais e generosos como Henrique Fonseca e Rodrigues Cosme, Faria Pereira, Zanatti e Leiria — todos já desaparecidos! — que melhores paradigmas nos horizontes de um jovem marinheiro? E tudo enquadrado nas mais impressionantes manifestações de patriotismo que em tempo algum me foi dado contemplar. Todos sentíamos, naquele tempo, que ser português era ser alguém Era ter o privilégio de pertencer a uma Pátria que tinha dado e continuava a dar positivas contribuições para o progresso da Humanidade. E essa ideia mestra marcou-nos para sempre.

SACADURA E AS INVEJAS

Conhece e quer descrever outras realizações ou projectos posteriores de Gago Coutinho e Sacadura Cabral? A que se deve o facto de não terem prosseguido (ou não serem conhecidas) outras actividades científicas no campo da aeronáutica?

— De Gago Coutinho todos sabemos a prodigiosa actividade desenvolvida, durante os 37 anos que ainda viveu, no campo da investigação histórica, sobretudo na busca de elementos para a reivindicação das prioridades portuguesas nos Descobrimentos. A sua excepcional experiência náutica, servida por grande cultura e uma inteligência de excepção, permitiu-lhe deixar uma obra do mais alto valor, em grande parte publicada.

Quanto a Sacadura Cabral, não conheceu descanso depois da sua viagem gloriosa. Antes pelo contrário, continuando a arrostar incompreensões e invejas, por vezes hostilidades, teve sempre no seu horizonte novos cometimentos que pudessem trazer honra e glória para a nossa Nação. Desapareceu no Mar do Norte dois anos depois, quando pilotava um hidravião que se destinava a mais uma expedição aérea, desta vez pelos ares e mares do Oriente. Viveu e morreu a sonhar e a realizar grandes empresas.

Parece-lhe que foi feita justiça aos dois pioneiros, enquanto foram vivos?

— Pensando bem, creio que sim. Nem Gago Coutinho nem Sacadura Cabral buscaram honrarias. Mas deram-lhas todas: promoções, grã-cruzes, graus académicos. Não lhes faltou o entusiasmo delirante das massas e, o que porventura tem mais valor, a simpática ternura da gente simples.

O que queria qualquer deles? Honrar a Marinha, servir a sua Pátria, ser útil à Humanidade. Foram-lhes dadas, para esses patrióticos, abnegados e desinteressados fins, todas as facilidades? Isso talvez não. Mas é uma fatalidade histórica, esse desamparo, por vezes até oposição às ideias generosas. O caso não foi só com eles. Talvez seja melhor não exemplificar mais. Nunca mais acabaria.

Mas deixaram uma obra. E os seus nomes não poderão ser esquecidos nas páginas da história portuguesa e nos anais da sua sempre sonhada Comunidade Luso-Brasileira.

PORTUGAL LIGADO AO BRASIL

Fale-nos das comemorações do cinquentenário, no contexto das relações luso-brasileiras.

— O ano das comemorações do Cinquentenário está a terminar. E a Comissão Nacional, a que tenho a honra de presidir, só tem que se alegrar pela maneira como decorreram as evocações e as consagrações realizadas de uma maneira geral em toda a Nação e em todos os sectores. A nossa intervenção foi, decididamente, limitada a dar esclarecimentos e toda a contribuição possível ás iniciativas de toda a gente. Porque o feito e a sua exaltação não são exclusivo de ninguém. Somos nós todos, portugueses e brasileiros, que temos o direito de os reivindicar. Pela nossa parte, não entravámos nem tirámos os louros a ninguém e apenas contemplámos, desvanecidos, a maneira entusiástica, patriótica, como em tantos sectores foram lembrados esses heróis, em sessões, em placas, em monumentos, em praças, em publicações.

E claro que nunca será demais enaltecer aquele acontecimento, não apenas pelo seu mérito científico, ou por ser paradigma de valor e patriotismo, mas ao mesmo tempo pelo exemplo de espírito criador que pode sempre constituir para todos aqueles que iniciam a sua carreira na vida. E ainda por constituir um motivo de comunhão de todos nós. É curioso que o próprio Gago Coutinho, quando foi abordado sobre a ideia de ser proposta na Assembleia Nacional a sua promoção a almirante, não teve dúvidas em me declarar que a aceitaria na convicção de que esse movimento pudesse traduzir um entendimento entre todos os portugueses. Como de facto aconteceu, pois a Assembleia Nacional não só aprovou como aplaudiu «por levantados».

Quanto aos reflexos nas relações luso-brasileiras, também me convenço de que as comemorações tenham trazido uma apreciável e benéfica contribuição. Nas celebrações feitas em comum, por brasileiros e portugueses, em Portugal e no Brasil, nas quais participaram desde os chefes de Estado, ao Governo, autoridades, academias, colectividades, forças armadas e povo, o sentimento da unidade luso-brasileira foi sentido e fortalecido através da evocação de um feito que era essencialmente luso-brasileiro, nos pensamentos, nos ideais, nas realizações. O Brasil associa-se, acabando por participar de alma e coração naquele «raid»; agora também o recordava com emoção.

Mas por mais que progridam as relações entre as duas Pátrias, por melhor que se vá estruturando a Comunidade, estaremos sempre longe de atingir a aspiração daqueles dois grandes luso-brasileiros, a fórmula ideal da Pátria Luso-Brasileira.

Já tinhamos os nervos trabalhados pelos dias de longa espera, pairando em volta dos rochedos.

Pesavam sobre nós aguaceiros diluvianos e a larga calema punha no mar uns tons espessos de chumbo derretido. Sobre os rochedos esfrangalhados flutuava a espuma das vagas, afugentando a passarada que se acumulava nos picos.

Havia longo tempo que vínhamos catando o horizonte, tentando descobrir qualquer coisa no ar. Vigias subiam a toda a parte, ao alto dos mastros, aos cestos das gáveas, pendurados nas enxárcias. Não havia binóculo ocioso, nem bom gajeiro que tivesse ficado distraído sua coberta. A guarnição estava sobre brasas!

Até que um grito, penetrante como o aço, vivo, de uma alegria intensa, veio de lá de cima, dando a nova abençoada. Ali vinham eles!...

Não te posso, ninguém poderia descrever-te aquele instante de desvario!

O ponto negro foi crescendo, e passa sobre os Penedos. A bordo entrava-se na obediência e tudo estava já nos seus postos. Ouvia-se o motor, e o «Lusitânia» começou a descer, junto às embarcações.

Foi um momento apenas. Um dos flutuadores tocou a crista duma vaga e desfez-se. O avião saltou ainda e caiu pesadamente, afocinhando logo de cauda para o ar!

As embarcações correm para o avião e, a custo, de lá arrancaram os seus valorosos tripulantes. Os heróis estavam já salvos, mas o «Lusitânia» estava perdido.

Gago Coutinho sobe a escada por portaló do «República», emocionado. Olhava para o seu avião, tão leal e tão querido!

— Aquele motor era o nosso coração!

O comandante Sacadura Cabral, impassível, sem sair do escaler, pediu um cigarro. E sem qualquer outra consideração dirigiu-se para o aparelho, meio imerso, para tentar salvá-lo. Nem uma palavra ou um gesto, de tristeza ou alegria. Um homem feito de aço!

(Excertos duma carta do alm. Sarmento Rodrigues ao jornalista Norberto Lopes.

Em edição especial, o «Diário de Lisboa» de 26 de Outubro de 1922, apresentava a reportagem completa do regresso dos heróis, da autoria do jornalista Norberto Lopes.

DL/ESTRANGEIRO

Chile: vitória de Allende e dos partidos da esquerda

SANTIAGO DO CHILE, 26 (ANI e IP) — O presidente Salvador Allende afirmou ontem que estava esperançado em que não tardará uma solução para o conflito com os transportadores e comerciantes.

Recebendo os jornalistas no palácio presidencial, revelou que tinha dado a conhecer aos dirigentes grevistas as posições governamentais, consideradas pelos comentadores como um convite ao diálogo. «Esperamos que os transportadores respondam e o conflito possa assim ser sanado». Segundo os dirigentes dos transportadores foi alcançado um acordo «em princípio».

O centro de Santiago, no entanto, foi novamente teatro de incidentes, esporádicos contudo.

Considerando a pouca gravidade destes acontecimentos, os observadores continuam a pensar que em breve o presidente terá vencido completamente a luta lançada pela oposição centrista e conservadora.

As greves continuam entretanto, mas o entusiasmo dos seus promotores já diminuiu muito. Aos comerciantes, custou-lhes muito caro não vender nada nos últimos dias... por isso pensam já numa «saída honrosa». E o presidente não lhes deve recusar esta oportunidade.

Por outro lado, os transportadores rodoviários não conseguiram paralisar o país pois operários e estudantes (mais de cinco mil) ofereceram-se como condutores para que fossem diminuidas as dificuldades de abastecimento.

Os observadores começam agora a tirar a lição do caso a qual é a vitória de Allende e dos Partidos de Esquerda que muito o apoiam. Auxiliado pelo povo e pelo exército, o Governo poderá a partir de agora pensar nas reformas económicas e sociais por via administrativa, sem temer o veredicto parlamentar. Certos especialistas são mesmo levados a pensar que as eleições legislativas de Março de 73, consideradas até hoje como um verdadeiro plebiscito, já não possuem tal importância.

O "apartheid" condenado pelo Brasil na ONU

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 26 (R.) — O Brasil condenou ontem à noite na ONU o absurdo da política sul-africana de separação de raças — «apartheid» — e manifestou-se convencido de que essa política acabará por ser anulada pelas próprias contradições internas e conflitos por ela gerados.

O embaixador brasileiro Sérgio Frazão, falando na comissão política da Assembleia Geral durante o debate sobre o «apartheid», disse que a Africa do Sul terá de evoluir para uma sociedade multirracial equilibrada «pois esse é o único caminho viável lógico e justo a seguir».

Citando a própria experiência do Brasil como país multirracial Frazão — declarou: «Temos orgulho na origem africana de uma parte substancial da nossa população e estamos firmemente dispostos a aprofundar os laços já existentes entre o Brasil e os Estados africanos».

O dr. Frazão referiu-se ao facto do ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros, Mário Gibson Barbosa, ter iniciado agora uma visita por oito países africanos e disse que essa viagem tem por objectivo «estabelecer entre o Brasil e a Africa novos laços mais realistas baseados em valores e interesses comuns na necessidade de intensificar o intercâmbio em todos os seus aspectos».

VIETNAME: ACORDO DE 9 PONTOS

HANOI, 26 (FP) — Segundo Rádio Hanói, os nove pontos do acordo entre Washington e o Vietname do Norte são os seguintes:

1 — Os Estados Unidos respeitam a independência, a soberania e a integridade do Vietname e tal como reconhecem os acordos de Genebra de 1954.

2 — Vinte e quatro horas depois da assinatura do acordo de cessar-fogo em todo o Vietname do Sul, os Estados Unidos acabam com todas as actividades militares, com os bombardeamentos e com a minagem das águas norte-vietnamitas. A retirada das forças americanas e a dos aliados efectuar-se-á no espaço de 60 dias. As duas partes existentes no Vietname do Sul, isto é, o exército de Saigão e as forças da Frente Nacional de Libertação, não se reabastecerão em material de guerra, excepto para substituir o material destruído e não farão apelo a qualquer conselheiro estrangeiro.

3 — Os dois protagonistas trocarão os seus prisioneiros paralelamente à retirada das tropas americanas.

4 — O povo do Vietname do Sul deve decidir o seu futuro político por meio de eleições gerais verdadeiramente livres, sob o controle internacional, para alcançar a «reconciliação e a concórdia internacionais. Uma estrutura administrativa com o nome de «conselho nacional de conciliação e de concórdia nacional» será formada, composta pelo Governo Revolucionário Provisório e pelo Governo da República do Vietname do Sul afim de promover a aplicação dos acordos assinados e organizar eleições gerais.

5 — A reunificação do Vietname será realizada progressivamente por «métodos pacíficos».

5 — Uma comissão de ligação militar quadripartida e uma comissão militar bipartida será criada, assim como uma comissão internacional de controle e de vigilância. Uma conferência internacional de garantia sobre o Vietname reunir-se-á 30 dias depois da assinatura deste acordo.

7 — O problema do Laos e do Camboja será solucionado com base nos acordos de genebra de 1954 e de 1962.

8 — Serão criadas comissões para instaurar novas relações entre o Vietname do Norte e os Estados Unidos. Contribuirão para sarar «os ferimentos de guerra e para a edificação, depois da guerra, da República Democrática do Vietname e da Indochina».

9 — Este acordo entrará em vigor depois da assinatura pelos ministros dos Negócios Estrangeiros americanos e norte-vietnamita em Paris, a 31 de Outubro próximo.

CALEIDOSCÓPIO

ATACADOS AUTOCARROS ESCOLARES: Um grupo de brancos atacou ontem dois autocarros de escolas e feriu nove crianças negras que eram transportadas através de um bairro de brancos de Nova Iorque para um colégio integrado. As autoridades disseram que os atacantes fugiram antes da chegada da Polícia e que, por isso, não foram efectuadas prisões. As crianças feridas, entre os 12 e os 14 anos, foram conduzidas a hospitais, sofrendo de cortes provocados por estilhaços de vidro, de escoriações e com os olhos cheios de petróleo, que fôra também atirado. O ataque contra os autocarros foi o último de uma série de incidentes raciais que tem assolado o sistema escolar superlotado de Nova Iorque. (R.)

MCGOVERN RECUPERA: O senador George McGovern continua a ganhar terreno, mas o presidente Nixon, com 23 pontos de avanço, é ainda o grande favorito para as eleições de 7 de Novembro, revela a última sondagem do Instituto Gallup. O número de indecisos é de 4 por cento. Foi entre os trabalhadores manuais que o candidato democrático conseguiu recuperar mais: neste grupo o avanço de Nixon é agora de 5 por cento. No total, em relação à sondagem de Agosto último, o senador McGovern conseguiu recuperar seis pontos. (F. P.).

CONCILIAÇÃO NA ARGENTINA: O plano de reconstituição proposto pelo ex-presidente Juan Peron ao regime militar argentino constitui «uma achega positiva à elaboração de um programa de união nacional» — declarou ontem em Buenos Aires a comissão governamental coordenadora do programa político, a qual acrescenta, no entanto, que esta afirmação só é válida» na medida em que o documento do justicialismo é a expressão de um autêntico desejo de conciliação». O plano em dez pontos de Peron propõe que a Argentina rompa com «os seus laços de tipo imperialista», liberte os presos políticos, levante o estado de sítio e substitua o actual ministro do Interior — o radical Arturo Morroi — por um oficial superior das Forças Armadas. (F. P.).

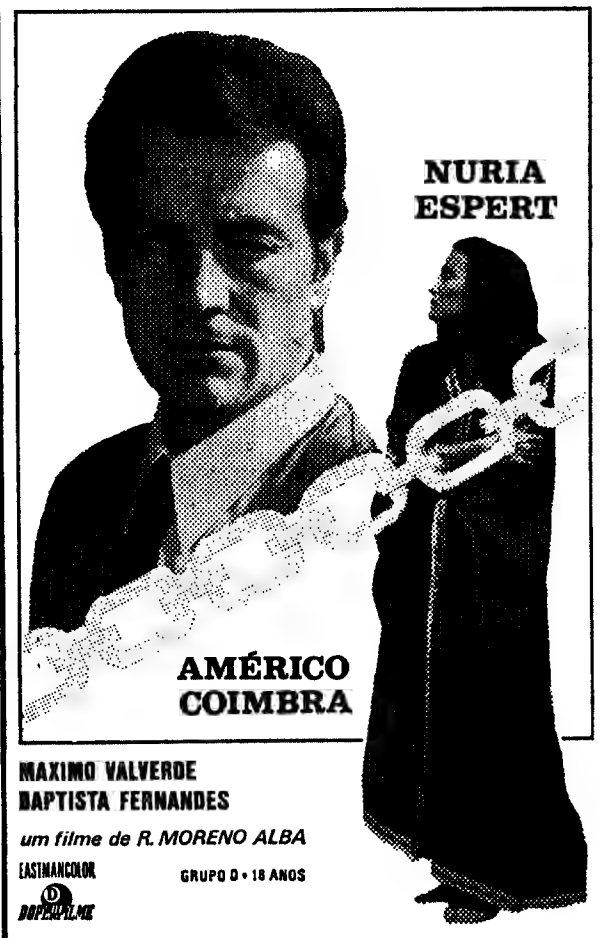
VOO DO «AUTOCARRO AÉREO»: O avião gigante «Arobus A-300 B ou «autocarro aéreo» vai voar pela primeira vez, saindo de Blagnac, próximo de Toulouse, junto da fábrica da Aerospatiale, que é a companhia construtora. O «Aerobus» A-300 B é o maior avião construído na Europa, devendo substituir os aparelhos do tipo Caravelle, DC-9, Boeing 737, etc. Este novo gigante do ar poderá, com efeito, transportar em três das suas diferentes versões, desde 257 a 331 passageiros, em distâncias de 2000 a 4 000 quilómetros e à velocidade de 940 quilómetros por hora. (F. P.).

SANGUE PRESIDENCIAL: O presidente Urho Kekkonen da Finlândia, sangrando profusamente a noite passada durante um banquete oficial, usou dois guardanapos da mesa para colocar num corte que fizera ao barbear-se, mas médicos autorizaram que prosseguisse hoje a sua visita oficial à Holanda. O corte, feito pelo Chefe de Estado finlandês, de 72 anos, quando estava a barbear-se no seu hotel em Haia, antes de assistir ao banquete oferecido naquela cidade em sua honra, era menos sério do que se receara a princípio. (R.).

6ª SEMANA EDEN

NURIA ESPERT, AMÉRICO COIMBRA, o realiz. MORENO ALBA e outros artistas estarão presentes na ESTREIA

CRIME DE AMOR



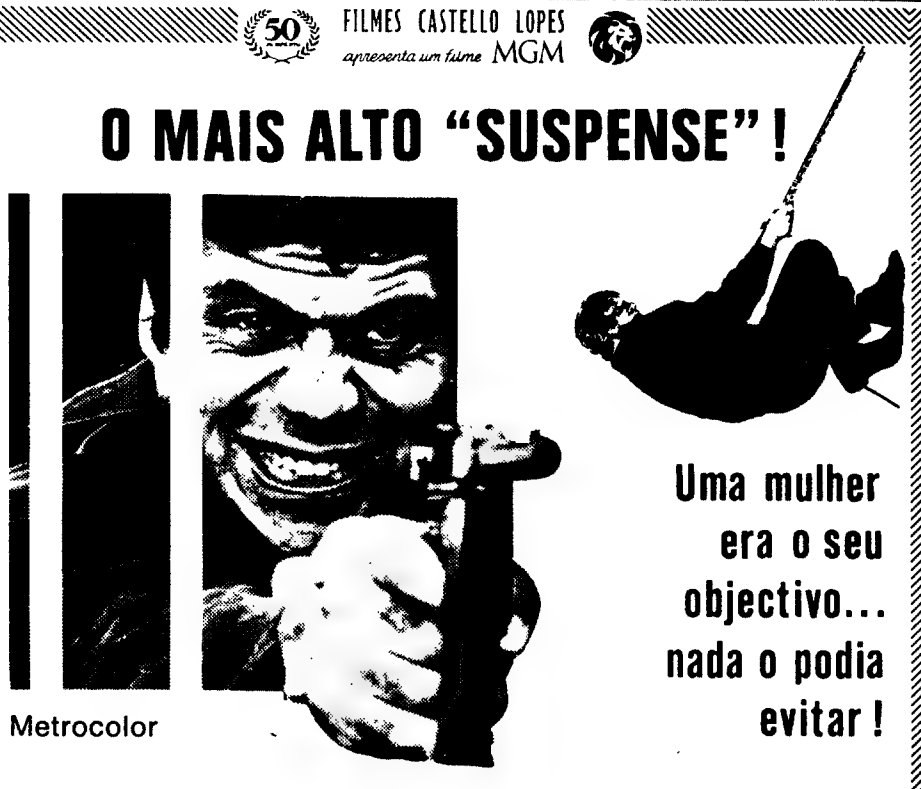
MAXIMO VALVERDE
BAPTISTA FERNANDES
um filme de R. MORENO ALBA
EASTMANCOLOR
GRUPO D • 18 ANOS
DOPEPLAME

UM AMOR TÃO ARREBATADO, TÃO ABSORVENTE QUE PODIA CONFUNDIR-SE COM O ÓDIO...

EM COMPL.: "LISBOA - JARDIM DA EUROPA" de FRANCISCO de CASTRO - color
Número especial de "A PLATEIA" dedicado a este filme.

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

O MAIS ALTO "SUSPENSE"!



Uma mulher era o seu objectivo... nada o podia evitar!

Metrocolor

A MULHER MARCADA

com
OLIVER REED · JILL ST. JOHN · IAN McSHANE
Argumento de ALEXANDER JACOBS
Produção de BARRY KULICK
Realização de DOUGLAS HICKOX

AMANHÃ, ESTREIA
às 21.45

CONDES

GRUPO D - 18 anos

DL/ESTRANGEIRO

ARMAS SOVIÉTICAS PARA O EGIPTO

CAIRO, 26 — (R) — O primeiro ministro egípcio, Aziz Sidky, revelou a noite passada nesta capital que a União Soviética tinha prometido robustecer as forças armadas deste país e indicou que novo auxílio militar poderia já ter começado a chegar.

O dr. Sidky disse que, durante as suas conversações da semana passada com a «troika» do Kremlin, em Moscovo, lhe fora feita a promessa de que a União Soviética honraria os seus compromissos para fortalecer militarmente o egipto «dentro das suas capacidades».

«Medidas práticas» foram tomadas para materializar essa promessa, citou a agência noticiosa egípcia do Médio Oriente o dr. Sidky como declarando.

Durante as suas conversações em Moscovo julgava-se que tivesse pedido novamente mais armas ofensivas. O seu fracasso em Julho último em persuadir Moscovo a fornecer armas ofensivas precipitou a expulsão pelo presidente Anwar Sadat dos 20000 conselheiros militares qie os soviéticos tinham no Egipto.

O sr. Sidky disse ainda que as suas recentes conversações tinham obtido êxito em acabar com o gelo que revestia as relações entre o Cairo e Moscovo após a expulsão dos técnicos militares.

Aludiu, também, à aceitação eplo chefe do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev, pelo primeiro ministro Alexei Kossyuin e pelo presidente Nikolai Podgorny do convite do presidente Sadat para visitarem o Egipto.

O primeiro ministro asseverou que nenhuma data fora fixada ainda para a planeada cimeira egipcio-soviética, mas esperava que se realizasse em breve. Fontes bem informadas do Cairo disseram ontem que um dos dirigentes soviéticos, possivelmente Kossyguine, chegaria hoje ou na sexta-feira ao Egipto para as conversações.

AMANHÃ ESTREIA

Vão matar-me...
porque vi o que não devia ver,
porque amei quem não devia amar..

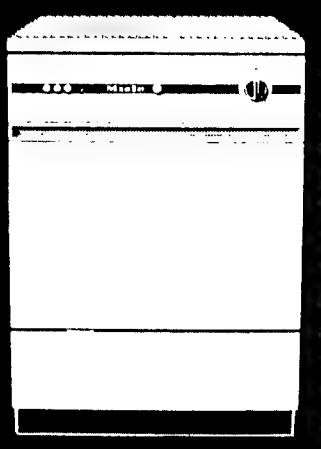
O SENHOR NINGUÉM
LA SAGNE

Realização de CLAUDE MULOT

BRUNO PRADAL
CHARLES SOUTHWOOD
GABRIELE TINTI
EVA SWANN
com a participação de
FRANÇOISE PREVOST
EASTMANCOLOR

ALVALADE
Grupo D. 18 anos

Máquina de lavar louça
G 220 UNIBODY



"Unibody"
— um novo sistema de fabrico da MIELE!
Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele®

Agente oficial:
OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91-A
Telef. 538323 --536308 - 530838
L I S B O A

portas
Valdorem
Ap. 76 Tomar . Portugal

BEDFORD J 3

6.800 Kg. p. b. reparada com garantia, vende Lucílio Matos Toupa — Quinta do Rio, 10 — SACAVÉM — Telef. 2519437.

O JAPÃO REDUZ AS TAXAS DE IMPORTAÇÃO

TOQUIO, 26 — (A.N.I.) — O Governo japonês anunciou uma redução geral de 20 por cento nas pautas de importação em vigor a partir de 1 de Dezembro.

Esta medida foi adoptada, de acordo com a recomendação do conselho de deliberação de pautas, para se aumentarem as importações japonesas de forma a impedir uma nova revalorização do Yen.

O Ministério das Finanças afirma num comunicado que a redução cobrirá 92 por cento de todos os produtos sujeitos a direitos aduaneiros.

Esta medida deve ser ratificada pela Assembleia Nacional, em Novembro, ou princípio de Dezembro.

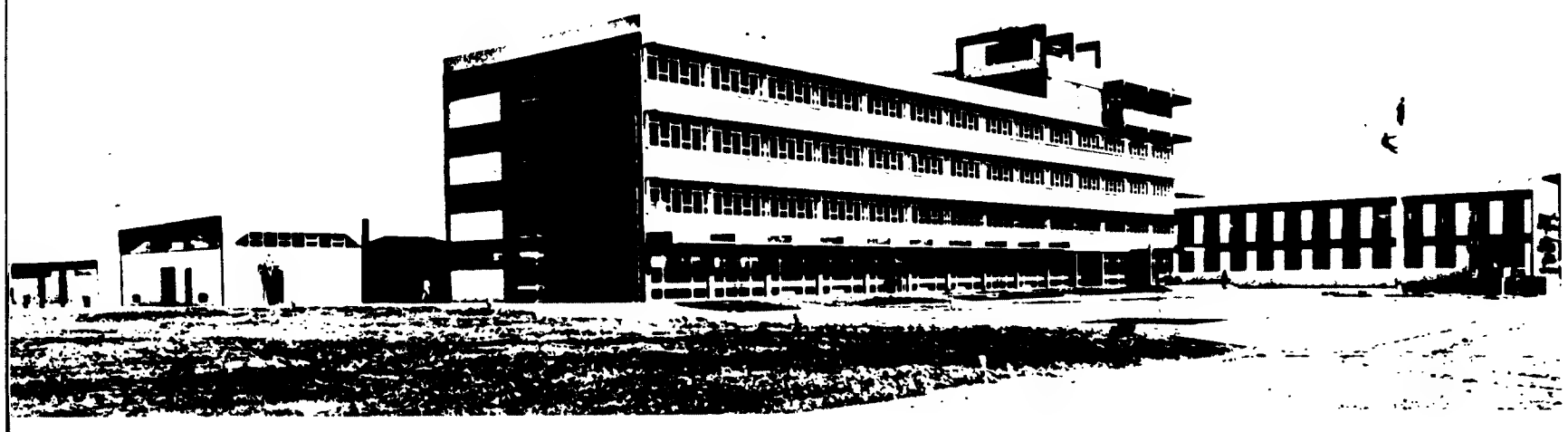
O Ministério do Comércio e da Indústria internacionais informa que as importações sujeitas a esta redução de direitos incluem o propano líquido, a gasolina, o sabão, o filme colorido, produtos de lã, carpetes, produtos de «nylon», frigoríficos, semi-condutores para circuitos integrais, carros de passageiros, autocarros e fogões a gás.

Estão excluídos desta lista cerca de 60 produtos, como ramas de petróleo, óleos pesados, computadores, cobre, prata, zinco, borracha e oiro.

COLISEU
AMANHÃ às 21,30
(Grupo B — M. 10 anos)
ESTREIA
2.ª COMPANHIA INTERNACIONAL DE
CIRCO
As maiores atracções
entre as quais «Mariache Guadalajara», célebre conjunto mexicano

LEIA
motor

EDIFER
em Paço d'Arcos



NA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA NÁUTICA INFANTE D. HENRIQUE

Com efeito. As fases mais significativas desta grandiosa construção–estrutura, toscos e acabamentos, arranjos exteriores–estiveram a cargo da Edifer, a quem em competitivo concurso foi adjudicada a obra. Empreendimento no valor total de 30.000 contos, executado com mais de seis meses de antecipação sobre o prazo inicialmente previsto. Como notas dominantes, o cunho funcional da concepção e uma impressiva unidade de conjunto. A atestar–uma vez mais–um nível de qualidade: Edifer.

EDIFER – CONSTRUÇÕES PIRES COELHO & FERNANDES, S.A.R.L.
FONTAINHAS – VENDA NOVA

LINTAS 72-URB-03

EMPRESA DE VIAÇÃO ALGARVE, LDA.

CARREIRA ENTRE
L I S B O A - F A R O

LINHA LISBOA-ALENTEJO--ALGARVE

A EVA informa que a actual carreira diária entre **CACILHAS-FARO**, é substituída a partir de 2 de Novembro de 1972, pela carreira **LISBOA-FARO**, com início e chegada à PRAÇA DE ESPANHA.

Por este motivo a paragem em Cacilhas é anulada, sendo substituída por paragem na COVA DA PIEDADE (Largo 5 de Outubro).

HORAS DE PARTIDA E CHEGADA:

Lisboa (Praça de Espanha)
Partidas/Chegadas
8.10 18.55
13.30 20.20

Cova da Piedade
Partidas/Chegadas
8.23 18.42
13.43 20.07

Nas restantes localidades do percurso Lisboa-Faro, mantêm-se os horários actualmente em vigor.

——//——

Novas instalações para reserva de lugares e despachos de bagagens: (a partir de 2 de Novembro):

Lisboa — Avenida Santos Dumond, 57 (à Praça de Espanha).

Cova da Piedade — Largo 5 de Outubro, 40.

Para informações:
E V A — Rua Bernardino Costa, 30 — Lisboa — Telefone 32 17 87.

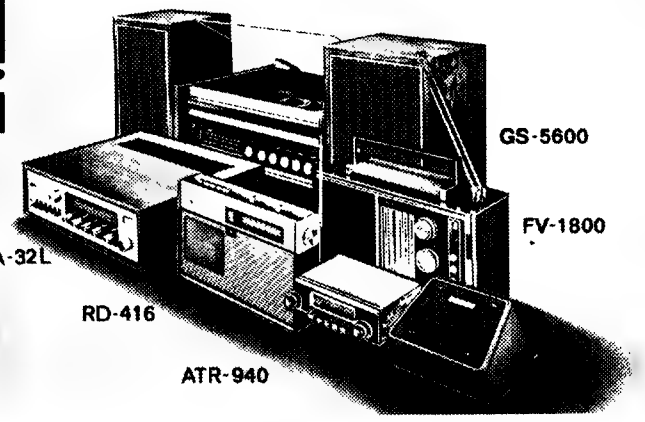
MADEIRENSES EMIGRAM PARA A ÁFRICA DO SUL

JOANESBURGO, 26 (ANI) — Residem na provincia do Cabo, cerca de 10000 portugueses, noventa por cento dos quais madeirenses — anuncia o semanário «Século de Joanesburgo».

Entretanto, calcula-se que tenha já fixado residência na República da Africa do Sul mais de duzentos mil portugueses, a maioria dos quais também originários do arquipélago da Madeira. Por outro lado são vários milhares os trabalhadores de Moçambique que temporàriamente exercem a sua actividade neste país.

estrelas em parada!

SHARP



SHARP
está onde está a alegria

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PUBLIARTE

DL/GERAL

Colóquios técnico - comerciais na mundial

Durante três dias, realizaram-se, no Centro de Formação da Mundial, Colóquios Técnico-Comerciais em que participaram Gerentes de Delegação, Dependências, e Inspectores de Vendas, de todo o país.

Foi o programa de trabalhos iniciado pelo dr. A. Ludovice Paixão, director comercial, que depois de breves palavras, esclareceu os participantes — cerca de 50 — dos objectivos das sessões que se seguiriam.

Por responsáveis de vários ramos de seguros, foram abordados assuntos técnicos focando, nomeadamente, problemas de: Acidentes de Trabalho, Vida, Acidentes Pessoais, Automóveis, Transportes, Incêndios, Máquinas e «Seguro de Grupo».

Os temas abordados deram oportunidade a vivo diálogo.

O administrador-delegado, dr. João Leitão proferiu, a encerrar os colóquios, breves e concisas observações sobre a necessidade, sempre crescente, da união entre responsáveis pela acção comercial espalhados pelo País, e os Serviços Centrais da Companhia, frisando que, dessa unificação de esforços, beneficiará toda a clientela da «Mundial».

Ao acto de encerramento encontrava-se presente o administrador da Companhia, Filipe Lima Mayer.

Para finalizar, realizou-se, num restaurante da Costa do Sol, agradável jantar presidido pelo dr. A. Ludovice Paixão.

Patrões e trabalhadores num seminário da OCDE

A cooperação empresário/trabalhador, sua evolução recente e suas perspectivas nos anos futuros estão a ser objecto de discussões num seminário organizado pela OCDE que está a decorrer em Paris e termina depois de amanhã. Nos trabalhos participam cinquenta representantes do patronato e dos sindicatos, originários da Alemanha, Bélgica, França, Itália, Japão, Países-Baixos, Reino Unido e Suécia.

Qual o estado actual da cooperação empresário/trabalhador nestes oito países? Quais os melhores meios para a melhorar? Quais são as perspectivas que se abrem à cooperação futura tendo em conta a progressiva satisfação dos trabalhadores? Tais são as principais questões que os participantes estão a debater. Além das questões já enunciadas outros problemas são objecto de reflexão atenta, tais como: quais as razões por que um reforço dos organismos de cooperação tem sido constatado no seio das empresas de diversos países? Como é possível ligar o sistema de cooperação ao mecanismo da negociação sindical? Quais são as consequências do sistema de cooperação?

Os debates terão como base de discussão os relatórios elaborados nos países participantes.

DR. JOSÉ GUILHERME DE MELLO E CASTRO

MISSA DO 30.° DIA

Ada Maria Ana Arraes Falcão Beja Pidwell da Costa de Mello e Castro, Ada Maria Arraes de Mello e Castro, José Guilherme Arraes de Mello e Castro, sua mulher Maria Inês Marinho Falcão Cabral de Mello e Castro e filha, Maria do Nascimento Mattos Ratto de Mello e Castro participam que serão celebradas missas por alma de seu marido, pai, sogro, avô e filho, em Santiago de Cacém, hoje, dia 26, às 18.30, na Igreja da Misericórdia; em Lisboa, amanhã, dia 27, às 19.30, na Igreja dos Jerónimos; na Covilhã, dia 28, às 19.15, na Igreja de São Francisco. Agradecem reconhecidos a todos que possam tomar parte nestas celebrações.

portas
Valdorem
Ap. 76 Tomar - Portugal

BOA SAÚDE
MAS COM
VITELA BRANCA
E S P E C I A L
DOS
SUPERMERCADOS
A G U I A R
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 70
Faça a sua encomenda pelo telef. 40863-532831

EDIFICIO CASTIL

engil

empreiteiro geral e coordenador do empreendimento

SOCIEDADE DE CONTRUÇÃO CIVIL, SARL
LISBOA - Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 21 - A
PORTO - Rua Barbosa do Bocage, 11

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

27 DE OUTUBRO DE 1972 PELAS 21,30 HORAS

CONVOCATÓRIA

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS NA VOZ DO OPERÁRIO

RUA VOZ DO OPERÁRIO, 13 — LISBOA

ORDEM DOS TRABALHOS

1 — As próximas eleições para novos CORPOS GERENTES DO SINDICATO.

2 — Contratação Colectiva

a) Situação Actual dos Contratos Colectivos em Negociação, Conciliação e Arbitragem

b) Perspectiva para a Obtenção da Semana Inglesa

c) Semana de 44 horas

3 — Sobre o Aumento de Quotas

Lisboa, 24 de Outubro de 1972

A DIRECÇÃO

COLUMBIA-WARNER apresentam

PODE VOCÊ CONFIAR NESTE HOMEM? EU POSSO... MAS SOU SUA MULHER!

VOTE POR ROBERT REDFORD "O CANDIDATO"

em uma produção de WILDWOOD RITCHIE

ROBERT REDFORD em THE CANDIDATE arg de PETER BOYLE e MELVYN DOUGLAS de John J. McKay MICHAEL RITCHIE

real. de JEREMY LARNER produção de WALTER COBLENZ TECHNICOLOR

GRUPO C 14 anos

HOJE AS 21.30 ESTREIA DE ELEIÇÃO NO IMPERIO

DL/GERAL

SALDOS? NÃO!...

J. PIMENTA S. A. R. L.

tem a venda das propriedades, que constrói, devidamente assegurada pelo que se consideraram em alguns casos as inscrições feitas pelos interessados.

Este facto, verdadeiramente invulgar, fundamenta-se em dois motivos:

1 — A alta qualidade das propriedades construídas pela empresa.

2 — A venda das mesmas propriedades processa-se a baixos preços. A procura, por conseguinte, ultrapassa a oferta e quando assim acontece o público é o primeiro a manifestar as suas preferências, no caso, a distinguir as excelentes propriedades que são construídas, vendidas e administradas por

J. PIMENTA S.A.R.L.

Lisboa Praça Marquês de Pombal 15 Tel 45843 47843

Queluz Edifício Sede Av. António Enes 25 Tel 952021/2

ANIVERSÁRIO DAS "SELECÇÕES" EM PORTUGAL

A fim de assinalar o primeiro aniversário da edição e impressão em Portugal da revista Selecções Reader's Digest, foi ontem oferecido, num dos hoteis de Lisboa, num cocktail aos orgãos da informação.

Empossadas as comissões da A.N.P. de Sintra

No Palácio Valenças decorreu ontem a cerimónia de posse das novas comissões locais de Sintra da Acção Nacional Popular. A posse foi conferida pelo presidente da Comissão de Distrito da A.N.P. de Lisboa.

O eng.º Ricardo Graça é o novo presidente da Comissão do Concelho de Sintra, que tem como vice-presidente o eng.º Jorge Brito dos Santos e como vogais os drs. João da Conceição Brito e José António Araújo, eng.º Carlos Carvalho Vidal, ag. téc. eng.º Joaquim Matos Manso, José Martins Viana Ruas, António Bernardo da Silva e Manuel da Silva Conde.

As restantes comissões empossadas referem-se às freguesias de Agualva-Cacém, Algueirão-Mem Martins, Almargem do Bispo, Belas, Colares, S. João das Lampas, Santa Maria, S. Martinho, Montelavar, S. Pedro de Penaferrim, Queluz, Rio de Mouro e Terrujem.

SOLAR

Quinta das Águias
Restaurante — Residência
Auto Parque — Agora com RESERVA em couto para caçar
ELVAS — Telef. 245

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/14 ANOS
Encerrado às 2.as feiras

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ BACALHAU
SÁBADO DOBRADA À COLINA

A CARRUAGEM
BAR * RESTAURANTE * SNACK
DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE
ABERTO DAS 11 DA MANHÃ ÀS 2 DA MADRUGADA
AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS
RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

RESTAURANTE
POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
TODOS OS DIAS A FAMOSA PAELHA À VALENCIANA
PAÇO DE ARCOS (junto do Jardim)
Telef. 2433878

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

DL/GERAL

Dizem os leitores

O problema da água no concelho de Sintra

Do nosso leitor Manuel de Oliveira Faria, recebemos a seguinte carta onde refere o deficiente abastecimento de água a que estão sujeitas algumas zonas do concelho de Sintra e que passamos a transcrever:

Porque espero há bastante tempo uma resposta do senhor Presidente da Câmara Municipal de Sintra às inúmeras cartas que lhe escrevi acerca das faltas de água e de pressão que se fazem sentir em minha casa e porque até agora, depois do comunicado no nosso jornal em 17 de Agosto findo, não recebi nem foi publicada outra notícia que me satisfizesse, resolvi tomar aquele comunicado como resposta pessoal e dar a conhecer, o meu dasacordo total com ele, julgando demonstrar ao mesmo tempo a conjura que se verifica nos Serviços de Água e Saneamento da Câmara aludida.

Começam, no referido comunicado, os serviços Municipalizados por dizer que a reacção do consumidor «não queremos explicações, queremos água» é uma **atitude simplista e porventura injusta**. Chama, assim, o responsável (?) por aqueles Serviços atitude simplista e injusta a um direito, ao direito moral, material e social de ter água em casa. Pretende desta forma o dito responsável «programar» os menos avisados para o não reconhecimento dum direito elementar ou busca apenas uma forma qualquer de fugir a um problema do qual os Serviços são os únicos culpados?

Reconhecem, por outro lado, os Serviços que há insuficiência normal de abastecimento na zonas altas de Mem Martins e Algueirão, ao mesmo tempo que informam que já estão elaborados os projectos (a pôr em concurso num futuro próximo) para beneficiar as zonas, mas não deixar de acrescentar que a solução não será ainda definitiva. Sem pretender ser irónico estou a lembrar-me da conduta de água que há cerca de um ano foi posta para uma das zonas referidas e que um elemento dos Serviços Municipalizados admitiu que, quando se inaugurou já era insuficiente, tendo até dito que, se lhe dessem mais pressão, ela rebentaria por qualquer lado. Foi também opinião desse mesmo funcionário que o mal partia da própria Câmara Municipal de Sintra ao autorizar a construção de prédios de rendimento (2, 3 andares) nessa zona. Pode pensar-se daqui que o referido funcionário, apesar de reconhecer as culpas do Serviço que representa, por «deformação profissional» o defende, utilizando para tal a teoria do chapéu-de-chuva, ou que se verifica na CMS a mesma descoordenação e anarquia reconhecida e apontada em muitos outros serviços públicos?

Em Julho de 1972 registou-se um consumo imprevisível de 18.300 m3/dia contra 15.100 de Julho de 1971 (do comunicado). Diz o Instituto Nacional de Estatística que, em 1970, a população do concelho era de 127.746 habitantes (número provisório que deverá, certamente, segundo o INE, ser alterado para mais), em comparação com os 81.799 de 1960, ou seja um aumento de 56 por cento. Ninguém duvidará que o crescimento do Concelho foi muito maior nos últimos 5 anos do que nos primeiros, pelo que creio poder utilizar-se à vontade uma taxa actual de crescimento de 8 por cento ao ano. Assim, em 1971 teríamos tido cerca de 138.000 indivíduos e teremos presentemente cerca de 150.000. Significa isto que em 1971 o consumo médio por habitante e por mês (em Julho) foi de 3,28 m3 o que, se tivermos em consideração as inúmeras indústrias que se estabeleceram no concelho e os banhistas que às suas praias acorrem nesse mês (e isto apesar dos bons milhares de habitantes que ainda não terão água canalizada, nem sequer oficialmente assegurada) não deve ser um número muito fora da realidade, até porque eu, com uma família de 3 pessoas (uma com 3 anos) consumo como média mensal um número próximo daquele, mesmo com as quase diárias faltas de água. Se fizermos as mesmas contas para Julho de 1972 acharemos um consumo mensal per capita de 3,66 m3 (mais 0,38 do que em 1971) diferença que se justificará bem pelo aumento de necessidade da população, pelas novas indústrias que se fixaram e que inflacionaram muito a média e até, embora em menor escala, pelo aumento de banhistas que escolheram as praias de Sintra.

Depois de tudo isto, já posso perguntar: seria realmente imprevisível um aumento de consumo para 18.300 m3 diários

Não se preverá para os meses mais quentes (além de tudo o mais) um aumento muito considerável de consumo? Não será possível prever já, na base das percentagens de aumento que estarão muito mais ao dispor da CMS do que de mim, os consumos de Julho de 1973 e 1974 e até 1975 (e de todos os outros meses), fazendo paralelamente o planeamento de tomadas de água, condutas e centrais elevatórias mais que necessárias (escrevi mais que o necessárias) para esses consumos? Será que o Minicípio não põe este problema a esferas mais altas ou serão estas que não lhe dão o apoio necessário?

Isto já nem falando na desfaçatez do contrato que somos obrigados a assinar (se queremos água) e em que nos comprometemos a mil e uma coisas sem que os Serviços se comprometam sequer a fornecer água; isto já nem falando do mínimo que se tem que pagar mensalmente quando a falta de água é tanta que nalguns meses não se consegue gastar esse mesmo mínimo; isto já nem falando no aumento de preço considerável que a água sofreu em Julho último sem benefícios de espécie alguma para o consumidor.

Quero (para terminar e porque na zona de Casais de Mem Martins estão a construir umas largas dezenas de prédios) por intermédio do nosso jornal alertar os possíveis interessados em morar na zona para um dos muitos problemas que lhe vão surgir, não só por espírito altruista, mais ainda por egoísmo e receio de que eles me tirem o tão pouco que já possuo.

Congresso de Fitopatologia Mediterrânea

Na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras, o III Congresso da União de Fitopatologia Mediterrânea, cujos trabalhos ali estão a decorrer desde a passada segunda-feira, prosseguiu hoje com a leitura das seguintes comunicações: «Organização da Defesa das Plantas na Região Mediterrânea», pela dr.ª Maria de Lourdes Borges; «Recuperação de Plantas a partir de «stocks» infectados», pelo dr. Jean Marrou; e «As sementes como agentes de dispersão das Plantas e Ervas Daninhas», pelo dr. Claude Anselme.

Ao fim da tarde, em Montes Claros, é oferecida pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa uma recepção em honra dos cientistas participantes no Congresso.

NOVIMPORTA CENTRO COMERCIAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.

Certifico que, por escritura de 8 de Setembro de 1972, lavrada nas notas do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, no livro n.º 138-D, de fl. 74 a fl. 76 foi admitido como novo sócio da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, Manuel de Matos Lima.

Pela mesma escritura foi reforçado o capital da dita sociedade com a quantia de 250 000$, ficando assim elevado para 750 000$. A importância do reforço foi subscrita e realizada, a dinheiro, por Manuel de Matos Lima.

Foi alterado o artigo 3.º do respectivo pacto social, nos termos seguintes:

3.º

O capital social é de 750 000$, encontra-se integralmente realizado, a dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração, e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma quota de 250 000$, de D. Rosalina do Vale Martins; uma quota de 250 000$, de Manuel Augusto Carrasco, e uma quota de 250 000$, de Manuel de Matos Lima.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parciál e de teor parcial que conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

20.º Cartório Notarial de Lisboa, 13 de Setembro de 1972. A Ajudante, **Maria Antonieta dos Santos Carriço Estêvão.**

DL/DESPORTOS — TAÇA DOS CAMPEÕES

Derby, 3—Benfica, 0

CARRO UTILITÁRIO VENCEU O "ROLLS ROYCE" LISBOETA

Por
JOAQUIM LETRIA
nosso enviado especial a Derby

DERBY, 26 — Não há dúvida: na cidade onde nascem os famosos «Rolls Royce», apenas foi necessário colocar na corrida um simpático (mas combativo) carro utilitário para vencer, fulgurantemente e sem sombras de dúvidas, o potente e rutilante «Rolls Royce» lisboeta que, vestido de vermelho, aqui desembarcou com honras de primeira página.

O Benfica foi derrotado, sem apelo nem agravo, por um Derby que, em anos seguidos, saltou da terceira para a primeira divisão: e na noite de ontem, em ambiente eufórico mas tremendamente correcto, recebeu pela primeira vez na sua história a visita de um grande senhor do futebol europeu. O Derby, digamos desde já, mostrou fibra e talento de campeão: o seu êxito não sofre, portanto, a menor beliscadura. Excepto, exactamente, num factor primordial: pecou por escasso...

Perante o ar espantado de Simões, Messias e Humberto, McGovern remata quase 20 metros da baliza e marca o terceiro

Na primeira parte, o Derby atacou como um autêntico campeão que sabe o que vale cada uma das suas pedras. A defesa em linha exibida pelos portugueses foi uma «blague»: já não se usa em lado nenhum, já não é partilhada nos círculos evoluídos do futebol e, ainda por cima, nem sequer deu ensejo a «foras de jogo» proveitosos para a turma de Simões. Trocando a bola ao primeiro toque, os homens do Derby enlearam toda a defesa benfiquista: onde Malta da Silva (preocupado com o extremo a seu cargo) foi, indesmentivelmente, um vencido na maioria das jogadas. Messias, sem acertar uma só vez com o tempo de entrada à bola, seria (até) o pior elemento da turma portuguesa. E Adolfo (salvaguardada a utilidade de Humberto Coelho, em certos momentos excepcional) afinou pelo diapasão comum: muito esforço e produtividade nula.

À frente, em todos os 45 minutos iniciais, Eusébio e Vítor Baptista estiveram à espera de uma dádiva celestial: que a bola viesse parar a seus pés. Desamparados, sem convicção, vivendo de arrancos, de esforços isolados. Especialmente Vítor Baptista, já que a «pérola negra» deve ter rubricado, em Derby, a sua mais descolorida exibição dos últimos anos. Por seu turno, Néné (encostado à fronteira da linha lateral) nem uma só vez utilisou a sua velocidade ou os seus centros para o serviço do «team». Realmente uma equipa quebrada e irreconhecível.

QUAL BENFICA?

O primeiro golo do Derby veio dar termo a uma profunda insistência sobre a área benfiquista. Uma série de cantos foi culminada por McFarland (camisola número cinco) que, correndo do lado direito, atirou de cabeça para o fundo das malhas portuguesas com toda a defesa bem batida e bem parada.

A partir daí, o Benfica acelerou o seu ritmo: sem passar, contudo, a fronteira do meio-campo contrário. Eusébio e Vítor Baptista, sem conseguirem trocar a bola, eram presas fáceis da defensiva do Derby: que, com enorme autoridade, não falhava nem cedia.

O segundo tento resultou de um canto: vitória pessoal do mesmo McFarland, toda a linha defensiva do Benfica em pânico e eis que aparece Kevin Hector, a chutar em cheio (e em arco) uma bola que «pingara» sobre as 18 jardas. José Henrique pensou (disse depois) que o esférico seguiria para fora: entrou mesmo...

A cada um destes golos o Benfica reagiu, atacando (porém) desordenadamente. **«Nós sabemos que eles fazem golos. Mas, também sabem jogar futebol?»** — perguntou-me o vizinho da esquerda. No amplo anfiteatro, 38500 espectadores estariam a interrogar-se no mesmo aspecto. Eusébio, com froux os arranques, passaria despercebido se não tivesse um nome já sonoro e internacional. Nunca teve marcação directa: os homens do Derby deixaram-no actuar tal como lhe aprouve. Porém, o goleador-mor deste campeonato português, nunca sobressaíu de uma mediania confrangedora.

JOGO DO ANO

O terceiro tento do Derby, saudado loucamente pela sua «torcida», resultou de mais um pontapé à entrada da área. José Henrique nem viu o chuto, despedido com grande velocidade e colocação, com um sentido prático que não se compraz com sentimentalismos. Estava feito o desfecho.

Ultimo do campeonato inglês, de braço dado com o Manchester United, o Derby fez o **«jogo da sua vida»**, deixando preplexos e atónitos, doidos de entusiasmo, os seus «fans».

— Foi a melhor exibição da época — diziam, à saída do estádio.

— Contra um Benfica irreconhecível — acrescento.

BENFICA APLAUDIDO

Na segunda metade, forçoso é acentuar, Hagan tentou uma mudança: a entrada de Jordão por troca com Vítor Baptista. Mas, a substituição aconselhada seria a de Eusébio, que chegou a vir à linha lateral perguntar ao «mister» porque não o trocavam... Vítor Baptista, esforçado e combativo, não era de saír. E Eusébio, alheado e fora «daquilo», faria menos falta ao «onze».

No final, o Derby acusou o esforço e abrandou de pressão. O Benfica (aliás) subiu com a entrada de Jordão. E, sabendo-se o valor duplo de um golo em casa do contrário, o campeão nacional insistiu um pouco na tecla do ataque. Todavia, Humberto Coelho (que jogou muito bem) e Messias (que jogou muito mal) estavam deficitários do domínio do corredor central e aflitos em todos os ressaltos de bola, cedendo (mesmo) uma procissão de cantos desnecessários.

Portanto, ao Derby bastou segurar o meio-campo e congelar a bola. Daí para o contra-ataque era um passo: e o 3-0 já não animava a maiores conquistas. Contudo, sem duas perdidas sublimes, Eusébio poderia ter mudado o rosto do jogo. E vale a pena lembrar que, a meio da segunda parte, uma troca de bola entre Toni (fabuloso!) e Néné, foi concluída com um centro do extremo para os pés de Eusébio que, só ante o guarda-redes, falhou um golo que estaria feito em pés de principiante. A 15 minutos do fim, Néné voltou a solicitar Eusébio: o «tiro» deste esbarrou na malha lateral...

— Eu recebi a bola cheia de efeito — disse-me — **Não podia fazer melhor...**

O jogo acabou, felizmente, em ambiente de enorme correcção, sem qualquer violência, sem nada que entusiasme a Imprensa sensacionalista que previa «cobras e lagartos». O Benfica foi tão aplaudido como o Derby. E até se regustaram aplausos esepciais para Eusébio: ainda e sempre a grande «estrela» desta companhia itinerante.

O FUTURO

Nas cabinas, Hagan declarou ao «Diário de Lisboa»:

— Em relação ao jogo de Lisboa, considero muito difícil neutralizar esta vantagem do Derby. Porém, já em 1966, perante o Celtic, o Benfica virou o resultado de 0-3 em 3-0. E isso, pelo menos, que espero desta vez.

Toda a formação do Benfica estava nitidamente abatida e pesarosa. Comentou José Henrique:

— Reconheço que tive certas culpas no segundo golo, mas a jogada foi muito rápida. Não esperava um chuto dado daquele lado e a trajectória da bola iludiu-me logo...

Vítor Baptista, comentou:

— Impossível fazer melhor. Não tive qualquer apoio e, desse modo, que queriam que fizesse? Devíamos ter jogado com maior rapidez.

No balneário inglês, assim se explicou Clough:

— Gostei. Gostei imenso. Para mim, foi o jogo mais educativo a que assisti em toda a minha vida. Extremamente correcto, com uma arbitragem perfeita e sem erros.

A seguir:

— Passaremos esta eliminatória, ainda que sejamos derrotados por 0-1 ou 0-2. Se o Benfica não tiver muito cuidado, e fôr ao ataque, até pode perder o jogo de Lisboa...

Encontro em Derby. Arbitrou o sueco Bertill Loow. As equipas.

DERBY: Boulton; Aniel, Robson, Hennessey e Todd; McFarland, MocGovern e Gemmill; O'Hare, Hector e Hinton.

BENFICA: José Henrique; Malta da Silva, Humberto, Messias e Adolfo; Jaime Graça, Toni e Simões; Néné, Vítor Baptista (Jordão) e Eusébio.

Golos de MacFarland, Hector e McGovern.

ROLOU A BOLA POR ESSA EUROPA...

Da goleada do Bayern à derrota em Madrid

Mais uma quarta-feira europeia, mais uns tantos resultados que transpiram tranquilidade ou afastam ilusões, quanto ao futuro. Se, na «Taça dos Campeões Europeus» é de registar a gorda vitória do Bayern de Munique (9-0) frente aos inocentes de Omonia, na «Taça dos Vencedores das Taças», será importante referir a derrota do Atlético de Madrid frente ao Spartak de Moscovo, em encontro disputado na capital espanhola. O primeiro é resultante de uma superioridade incontestada: o segundo reflecte surpreza quase irrecuperável. Mas, vamos aos resultados:

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

Bayern Munique, 9-Omonia, 0; Spartak, 1-Anderlecht, 0; Celtic, 2-Dozsa Upjest, 1; Dinamo Kjev, 1-Gornik, 0; Juventus, 1-Magdeburgo, o; Arges, 2-Real Madrid, 1.

TAÇA DAS TAÇAS

Rapid Viena, 1-Rapid Bucareste, 1; Carl Zeiss, 0-Leeds United, 0; Wrexham, 3-Hajduk, 1; Hibernians, 0-Schalke 04.0; Atlético de Madrid, 3-Spartak de Moscovo, 4; Hibernian, 7-Besa, 1; Ferencvaros, 2-Sparta de Praga, 0; Legia, 1-Milão 1.

TAÇA U.E.F.A.

Dynamo de Berlim, 3-Spartak de Levski, 0; Borussia de Moenchengladbach, 3-Hvidrove, 0; Tottenham, 4-Olympiakos, 0; Estrela Vermelha de Belgrado, 3-Valência, 1; Internazionale, 2-Norrkoeping, 2; Viking, 1-Colónia, 0; Boroe, 3-Honved, 0; Feyenoord, 4-DFK de Belgrado, 3; Liverpool, 3-AEK, 0; Grasshopers, 1-Ararat Erevan, 3; Las Palmas, 2-Slovan,2; Ruch Chorzow, 0-Dynamo de Dresda, 1; Twente de Enschede, 5-Frem de Copenhague, 0.

VENDEM-SE

— LOTES DE TERRENO PARA MORADIAS;
— PRÉDIOS VELHOS PARA DEMOLIÇÃO, COM PROJECTOS APROVADOS;
— MORADIAS E
— APARTAMENTOS

NA LINHA DE CASCAIS

Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.

AV.ª VALBOM, 28-1.º TELEF.: 280749
MEDIADOR OFICIAL CASCAIS

TAÇA U.E.F.A. DL/DESPORTOS

CUF, 1—KAISERSLAUTERN, 3

DEZ RÉIS DE ESPERANÇA

Comentarios por

NEVES DE SOUSA

Hosic foi sempre um homem livre: à frente, como atrás

E agora, Desportivo da CUF?

Só, perfeitamente só, a um canto do refeitório da grande empresa onde labuta, Fernando Caiado nem sequer sorri:

— **Muito difícil. É escusado fazer «bluff»: não vejo qualquer hipótese. Evidentemente que para os jogadores eu terei de falar de outro modo, mas cá por dentro...**

No lanche que precedeu o jogo, os futebolistas da CUF continuavam como sobre a relva: apáticos, distantes, afastados. A pouca sorte, a infelicidade, o fatalismo (chamem-lhe o que quiserem) era tão grande que Fernando Caiado até se descuidou e partiu copos que estavam, muito sossegadinhos, sobre um tabuleiro encostado à parede. Realmente, há dias em que um homem não deve sair de casa. Nem para o emprego.

O emprego deste grupo de funcionários da CUF é, sobretudo jogar futebol. Para a maioria deles, que já não tinha lugar nos clubes onde deu (os primeiros pontapés na bola da sua celebridade, um jogo de futebol representa bem mais que simples entretenimento remunerado a dias certos, com bom dinheiro, uma vida vivida sem preocupações de maior já que o seu futuro não fica dependente do risco proibitivo do chuto na esfera. Para grande parte destes pupilos de Fernando Caiado, cada vez que veste a camiseta verde da CUF é uma prova de exame: perante um jurado severo que nunca (raramente) aplaude: e que mesmo quando o faz parece bater palmas por desfastio.

Daí que, para essa mescla de muito-veteranos e muito-jovens, a hora e meia para teste frente ao Kaiserslautern significasse nova tentativa para ganhar a confiança do restrito público habitué do Lavradio. A possibilidade, digamos, de provar ante os olhos dos donos do seu emblema que ainda têm préstimo os seus serviços futebolísticos, que ao Desportivo da CUF («team» de futebol) podem por mais algum tempo oferecer o seu saber de larga ou nova experiência feito.

Tudo calhou ao contrário, porém. E, se fossemos drásticos ao ponto de julgarmos uma equipa de futebol pelo espectáculo que a CUF deu ontem no Lavradio (frente a uns alemães do rodapé da tabela lá no seu país) teríamos de exonerar imediatamente (de todas as funções no grupo do chutt) a quase totalidade dos homens de Caiado. Mas, coloquemo-nos no seu lugar: uma boa maquia fugida do bolso e um espectáculo no activo que fica como dos mais pálidos até hoje vistos em relvados portugueses, não será já castigo suficiente?

CUF A PASSO

Falemos do jogo, porém.

— **Nós tínhamos de procurar o ataque, fazer golos. Isso nos obrigou a abdicar do meio-campo.**

Fernando Caiado, velho companheiro de tantos anos, porque tentas disfarçar a verdade? Como o podes, lá no fio das tuas costuras, pretender que a equipa da CUF alguma vez procurou o tento com jeito de coisa assente? Juras, Fernando, juras?

E que, meus amigos, toda aquela primeira parte (péssima por banda portuguesa) só teria outra face pior: nos restantes 45 minutos.

Logo de entrada um lapso de táctica: colocado Fernando à frente de uma linha de quatro defesas (José António, Rodrigues, Vítor Marques e Vieira) que só tinha de se haver com dois/três adversários (e mesmo assim em contra-ataque) ficou a CUF com a desvantagem de dois homens. Para cúmulo, como Fernando nunca acertou um corte ou um passe, essa desvantagem voluntária mais pesou na balança.

Depois, com a «mastigação» lenta e ruminante do tímido Vítor Gomes e do Arnaldo que está a milhas do Arnaldo que foi grande nome do nosso futebol, que restou no meio do terreno cufista? Exactamente: ver passar os combóios, aquelas locomotivas humanas que, sem serem do latagão tipo germânico, ganhavam todos os ressaltos de bola, exploravam sàbiamente a condição técnica (por demais inferior) do defesa Vieira, obrigavam Rodrigues e José António a dobrarem os rins, o que parecia (da bancada) tarefa de Hércules para qualquer deles.

Na frente, restavam Juvenal (esteve lá?) e Monteiro, este a dialogar consigo próprio em deambulações laterais a passo e, quando conseguia um apelo ao segundo fôlego, o chutar de muito longe o couro branco-negro.

Daí que tivesse sido preciso ver Conhé voar pelo chão a deter um dos muitos falhanços da dupla-central à sua frente. Daí que o empate registado no fim da primeira parte tivesse (vejam as coisas!) o sabor de espantosa sorte para a CUF: o rescaldo doce de um torpeamento em todos os costados.

TRAVAGAM PORQUÊ?

Quando terminou o intervalo e a turma barreirense espevitada pelo belo trabalho individual de Monteiro que resultou um golo de Manuel Fernandes, ainda surgiram uns ares de alegria em algumas caras. Mas, perdido o carburante, foi um ver-se-te-avias. Uma quase cilindragem: que só não degenerou em goleada talvez porque havia que acautelar a bilheteira na Alemanha e não desperdiçar energias que podem ser precisas em outras jornadas mais difíceis.

Foram, portanto, três-um. Isso é o que fica no «placard»:

— **Às vezes pode suceder um «milagre»** — dizia-me Caiado, uma hora após a farra alemã no Lavradio. **«Se tivermos a sorte de fazer lá dois golos de rajada, logo na primeira parte...»**

Mas o técnico cufista sabe perfeitamente que só em condições anormais o seu «onze» pode ultrapassar esta eliminatória. E, todavia, raras vezes uma equipa portuguesa teve na ponta da espada, em competições oficiais internacionais, um «team» tão ingénuo e despretencioso...

SOLIDARIEDADE PERFEITA

Sim, porque o Kaiserslautern tem sómente pernas e pulmões para hora e meia bem aferidas. Na questão de toque de bola é coisa aí para um Montijo ou um Barreirense. E, quanto a esquemas tácticos, nada de transcendente: um «libero» (Schwager) através dos quatro «backs» que saltam bem e despacham com correcção ao primeiro toque, média que nunca lateraliza mas antes se preocupou em aproveitar os corredores abertinhos que eram os flancos cufistas (José António tremendamente nervoso e Vieira com uma primeira parte em que parecia mocinho de coro em todas as jogadas). No resto, ficava o corpulento careca Hosic, que em lances decalcados a papel químico (livre da direita e cabeça suave sobre os estáticos defesas cufistas) deve ter «arrumado» a eliminatória.

A CUF, como já dissemos, foi presa fácil dos alemãezinhos. Vítor Gomes entregando muito mal. Arnaldo pontanto pior que nunca. Vieira inexistente: tal como Juvenal. Rodrigues sem atinar com o tempo de entrada. Toda a turma a desfazer-se nos embates, a rodopiar lentamente em torno de si própria, com os homens-chave a jogarem a passo, adormecidos e etéreos. Cada um a querer resolver o problema com a sua fórmula algébrica: que, no fim de contas, era mera operação aritmética infantil.

Conhé, não fora a culpazita no segundo golo, seria o herói desta velada sob o pardacento e esfumado céu do Lavradio. Mas, ficando a ver como os colegas erravam, também ele quis ser solidário...

INAUDITO SUCEDE

No fim de contas e com fim de conversa: a coisa está certa. A CUF, verdade se diga, escapou por uma unha negra de apanhar mais dois ou três: mas também os kaiserzinhos podiam ter engolido um daqueles chutos que, despedidos na relva por Eduardo e Capitão-Mor, às vezes poderiam ter ido parar na bola. Mas, o melhor da tarde, foi aquele túnel inventado por Seel: bola passada por entre as pernas de Rodrigues e José António na mesma jogada. Quem tivesse entrado só naquele momento julgaria que uma grande equipa estava perante uma CUF subdivisionária, a quem terá de fazer-se urgentemente exame de saúde.

Jogo no Lavradio, arbitrado (bem) pelo suíço Anton Buchelli. Equipas:

CUF: Conhé; José António, Rodrigues, Vítor Marques e Vieira; Arnaldo, Vítor Gomes e Manuel Fernandes; Fernando (Capitão-Mor), Monteiro e Juvenal (Eduardo).

KAISERSLAUTERN: Stabel; Hulber, Schwager, Reinders e Fuchs; Diehl (Henkes), Bitz e Seel; Vogl (Pirruny), Hosic e Ackermann.

Golos de Hosic (2), Diehl e Manuel Fernandes.

NAS CABINAS DO LAVRADIO
TREINADOR ZANGADO POR TER GANHO...

Ao contrário do que seria de esperar, não havia alegria nas cabinas dos alemães: logo que o jogo terminou, o treinador Weise mostrou claramente aos jogadores o seu descontentamento, não lhes poupando «elogios» nos corredores de acesso aos vestiários.

Com a amável participação da «intérprete Cergal» (linda, loira e viva...) registámos as suas opiniões «oficiais»: **«Não esperava encontrar tantas facilidades perante este clube do Barreiro. Sinceramente, vinha um pouco apreensivo quanto ao resultado, já que não trouxemos dois jogadores considerados indiscutíveis na turma. Sonhava com um empate: se conseguisse equilibrar o marcador, isso seria óptimo, pois quase que nos garantia a qualificação no jogo da segunda «mão». Quando marcámos o segundo golo, senti que a Cuf não teria já forças para marcar novo tento e, por isso, aconselhei economia de energias aos meus jogadores. Eles não me ouviram, tão entusiasmados estavam com o desenrolar do prélio. E acabaram por estragar os meus planos, marcando o terceiro golo. É que, com este resultado, fica comprometido o êxito financeiro do jogo em Kaiserslautern...»**

Depois, fomos à cabina dos portugueses, onde Fernando Caiado se lamentava:

— **Estou visìvelmente aborrecido, pois sofremos uma derrota demasiado pesada para aquilo que fizemos durante todo o encontro. O Kaiserslautern foi um vencedor incontestável, muito embora tivesse uma certa dose de felicidade na marcação dos golos. Por outro lado o nosso adversário fechou-se muito bem, não nos deixando actuar com a velocidade a que estamos habituados. Enfim, perdemos devido ao mérito do Kaiserslautern.**

— Considera a eliminatória irremediàvelmente perdida?

— **Sim. Dizer o contrário, seria enganarmo-nos a nós próprios. Porém uma coisa garanto: iremos trabalhar o mais que podermos, a fim de prestigiar o futebol português por terras alemãs.**

Conhé o «keeper» do grupo fabril:

— **Foi um bom jogo no qual os alemãs provaram ser verdade aquilo que se dizia sobre eles. No entanto o resultado foi um pouco pesado. Sobre a minha actuação devo dizer que não estive nos meus dias e sinto-me culpado no 2.º golo. Vamos continuar a trabalhar para o nosso campeonato pois considero que a «Taça UEFA» para nós já acabou. Vamos à Alemanha fazer sòmente figura de corpo presente.**

— Monteiro (o autor da jogada que deu o tento cufista) quando dele nos acercámos afirmou:

Que quer que lhe diga? Gostei da equipa adversária e não está em causa o desfecho da contenda, pois o Kaiserslautern foi um digno vencedor. Houve muitas falhas da nossa parte.

— Que lhe pareceu o Kaiserslautern?

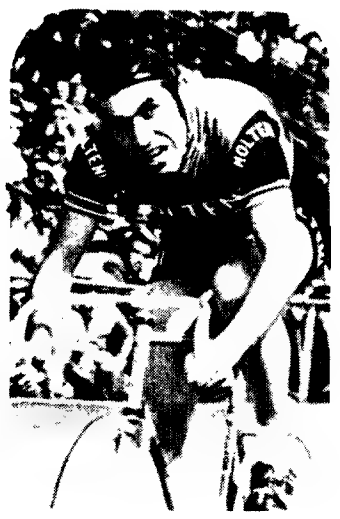
— **Gostei bastante da equipa, pois ela é muito homogénea, muito segura e joga bom futebol. É uma equipa muito completa.**

A eliminatória?

A bola é redonda e o resultado é sempre uma incógnita. No entanto, reconheço que as nossas possibilidades de vencer a eliminatória são quase nulas.

JOAQUIM GALRITO

"RECORD" NO PAPO DE MERCKX



Durante

Não há margem para dúvidas. Eddy Merckx é o rei incontestável do ciclismo mundial. Sua última proeza: à primeira tentativa, apoderou-se do «record» mundial da hora. Quando o ponteiro dos minutos completou sua rotação, Eddy tinha corrido, no velódromo da Cidade do México, 49 quilometros, 408 metros e 68 centimetros. Mais 754, 76 metros do que o anterior recordista (o dinamarquês Ole Ritter) com marca estabelecida em 1968. Quando a nova lá chegou, houve festa em Bruxelas. Os belgas, entusiasmados, esqueceram (por momentos, talvez), os problemas políticos e as pequenas dificuldades do quotidiano. Saíram para a rua, gritaram o nome do campeoníssimo, e (coisa estranha) a polícia não se meteu no assunto. O mais recente heroi nacional da Bélgica declarou (entretanto) aos jornalistas que só o selim o incomodou um pouco...

Após

DL/ DESPORTOS — TAÇA U.E.F.A.

F.C.PORTO, 3—BRUGEOIS, 0

BELGAS BAIXAM A ESPINHA

Uma margem de três golos sem resposta é mais que suficiente para traduzir a idéia do que foi a exibição do Futebol Clube do Porto frente ao Burgeois, nesta campanha europeia em que os «azuis-brancos» estão muito bem encaminhados.

Realmente, o F. C. do Porto venceu com inteiro merecimento. Para isso contribuiu, sem dúvida, a boa exibição de todos os elementos (excepção feita a Malagueta, que não esteve à altura da classe e da força de querer dos restantes companheiros). O extremo esquerdo portista, que já no passado domingo havia feito um péssimo jogo em Faro, esteve ontem em Dia negativo, não acompanhado (como devia) as jogadas delineadas pelos restantes elementos do seu conjunto. Além disso, esteve também muito mal a defender, dando largas ao adversário que lhe tocou mais de perto. Mas, esta nota negativa não bastou para que o conjunto não tivesse mais uma noite gloriosa, com uma exibição que é demonstrativa da subida de forma de toda a equipa e de cada jogador.

Dois golos em dez minutos — colocaram os belgas em certas reservas, o que possibilitou aos «azuis-brancos» galvanizarem-se no terreno e tomarem conta de todas as operações, a ponto de evitarem que o adversário estivesse largo tempo remetido no seu meio-campo.

De quando em vez (porém) os flandrinos ensaiavam algumas jogadas de contra-ataque, mas sem aquele rótulo de perigo que viamos em todas as ofensivas dos portistas, em noite de verdadeira inspiraçao: apesar das dificuldades que lhe foram criadas. E essa inspiração nasceu em dois homens: Rolandc e Pavão. O primeiro anulou (pura e simplesmente) o perigosc Lambert, não lhe dando um palmo de terreno, ao mesmo tempo que saía da defensiva para a intermediária com a bola bem dominada e com os adversários totalmente fora do seu alcance. E Pavão foi o mestre da grande exibição da sua equipa. Voltou a antiga forma e dominou por completo todas as situações na linha intermediária. Procurou os espaços vazios e serviu muito bem os colegas mais adiantados: ora Flávio, ora Abel. Além disso, fez manobrar o defesa Gualter, chamando-o muitas vezes para acompanhar as suas jogadas a permitirem que Oliveira derivasse mais para dentro do terreno: já que o seu lugar passava a ser ocupado pelo lateral direito. Tudo isto era feito com inteligência.

Pois, três golos contra esta equipa do Brugeois (que comanda o campeonato belga) são nota saliente, já que os belgas estão muito bem organizados, tanto a defender, como a atacar. Além disso, são muito rápidos e possuidores de uma compleição atlética e técnica excelentes.

O domínio territorial dos portistas durou até aos 20 minutos da segunda parte, altura em que passaram a jogar com mais cautelas defensivas, na mira de evitarem que o adversário marcasse um golo. E, então, os belgas puderam demonstrar boa categoria, através de jogadas rápidas e desenvolvidas ao primeiro toque: que não chegaram a surtir o efeito desejado, dada a atenção que os «azuis-brancos» puseram em todos os lances. Este resultado trás grandes responsabilidades aos pupilos de Fernando Riera, pois em Bruges as coisas serão muito mais difíceis. No entanto, três golos de vantagem dão umas certas esperanças aos portistas e podem permitir-lhe a permanência nesta taça europeia.

De referir que tal qual como no jogo com o Barcelona, também os golos foram obtidos por Flávio e Abel (2). Aliás, este último dianteiro azul-branco já há dois domingos que não fazia o «gosto ao pé». Será que se reservou para esta ocasião? Esperemos que sim: e que volte a repetir em Bruges o cometimento que o fez sobressair em Barcelona (a marcação de mais um golo). Se assim acontecer, estamos certos de que o F. C. do Porto continuará na prova internacional.

A arbitragem teve com bastantes deslizes. Chegou mesmo a permitir que, por vezes, o jogo endurecesse um pouco. Julgou mal alguns lances: mas não teve qualquer interferência no andamento do marcador. Os golos marcados saíram de jogadas que não deixam margens para dúvidas.

FERNANDO RIERA: «MELHOR DO QUE NADA»

Era de satisfação o ambiente nas cabinas dos portistas. Fernando Riera era (também) um homem feliz, quando falou para o «DL» e disse:

— **A actuação da equipa do F. C. do Porto corresponde a uma nítida subida, quer individual, quer colectiva. Podiamos ter feito 4-0: mas 3-0 também é bom e melhor do que nada, pois eles também podiam ter marcado, na altura em que o F. C. do Porto preferiu segurar-se».**

Relativamente ao segundo jogo:

«Os belgas são muito rápidos e perigosos e, lá, vão dar que fazer, com problemas que vamos tentar resolver do melhor modo. Estou com esperanças de passar esta eliminatória».

ABEL: «NO CAMPEONATO APLICO-ME DA MESMA FORMA»

Abel foi autor de dois tentos contra os belgas apesar de (contra o União de Tomar e Farense), nos dois últimos domingos, não ter obtido qualquer golo. Disse-nos:

«Não sei como explicar, pois aplico-me tanto nos jogos de campeonato como nos europeus. Aliás, estou a fazer uma época excelente e quero tirar dela os melhores resultados, na mira de conseguir um bom contrato. Estou bastante satisfeito com o resultado e certo, que estes três golos de vantagem nos podem garantir a eliminatória».

Logo: **«Foi um jogo bastante difícil e senti muitas dificuldades».**

LEO CANJELS: «ENFIM»...

O técnico da equipa belga, disse: **O F. C. do Porto é uma boa equipa. Joga muito rápido e tem boa técnica. Mas foi feliz nos dois primeiros golos. No próximo encontro esperamos ganhar, mas três golos de diferença são muitos. Teremos de ser muito felizes. Tenhamos esperança!**

E Canjels acrescentou:

«Gostaria de dizer alguma coisa, é certo, sobre a arbitragem, mas não digo. O árbitro é o chefe»...

FERNANDO PASSOS

Jogo no Estádio das Antas, dirigido pelo francês René Vigliani. As equipas alinharam:

F. C. Porto: Rui; Gualter, Valdemar, Rolando e Guedes; Pavão, Celso e Oliveira; Flávio, Abel e Malagueta.

F. C. Brugeois: Sanders; Bastyns, Leckens, Van Clendaele e Houwaert; Velkeneers, Rynders e Devrindt (Gels); Lambert, Carteus (Thio) e Lefévre.

Os golos foram apontados: dois por Abel (6 e 50 m) e um por Flávio, na transformação de um «livre directo», quando iam decorridos 15 minutos.

ÀS PEQUENAS
E MÉDIAS INDÚSTRIAS

FIRMA EM LISBOA PRETENDE ENTRAR EM CONTACTO, PARA ESTUDO DE COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS.

Resposta a este jornal ao n.º 656

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 8 DA 12.ª ÉPOCA 29/10/72

O Alcoa — 11x 21x 11x x211; Badaladas — 211 211 x22 x12x; Beira Baixa; 111 211 112 1x11; Boa Nova — 211 211 11x 1111; Cardeal Saraiva — x1x 211 21x 1112; Comércio de Portimão — 111 211 112 1111; Correio dos Açores — 1x1 211 112 1111; Correio de Coimbra — 211 211 111 1111; Correio do Douro — x11 x11 11x 1xxx; Desportivo das Beiras — x11 x21 x1x 121x, Diário dos Açores — x21 211 212 111x; Diário do Minho x11 2x1 x1x 1111; O Distrito de Setúbal — 1x1 211 1x2 11x1; Eco de Estremoz — 111 x11 11x 11x1; Ecos do Desporto — 111 211 x12 1111; Emissor Regional da Guiné — 1xx 211 x12 xx21; Estrela da Manhã — 111 211 x12 1111; Eu Sei Tudo — xxx xx1 11x 121x; Folha do Domingo — x11 211 11x 1x11; Gazeta do Sul — x11 x11 1x2 11x2; Jornal das Aves — 121 x11 x11 1x2x; Jornal do Barreiro — 111 2x1 2x2 1x11; O Jornal de Felgueiras — 111 211 11x 1111; Jornal do Fundão — 111 211 x12 x111; Jornal de Santo Tirso — x11 x11 x12 1x11; Jornal do Sul — 211 211 111 111x; Linhas de Elvas — 11x 2xx 112 1111; Notícias de Chaves — x11 211 x12 x111; Notícias de Feulgueiras — xx1 211 1xx 11xx; Notícias de Gouveia — x1x121 1xx 1121; Notícias de Penacova — 211 21x 112 1x21; Passatempo JJ. — 111 111 11x 112x; O Algarve — x11 x11 11x 1112; Cavalgada do Ritmo x11 211 11x 11x1; Clube Asas do Atlântico — xx1 211 11x 11x1; O Comércio do Porto 121 2x1 1x2 11x1; O Concelho de Estarreja — x11 211 x12 1121; Correio do Minho — 1x1 2x1 11x x1x1; Correio do Vouga — 111 x11 112 1111; Diário de Coimbra — 111 211 112 1111; Diário de Lisboa — x11 x11 11x 11x1; Ecos de Cacia — 111 211 112 11x1; Gazeta das Caldas — 22x 211 111 1121; Imagens Piedenses — 2x1 x11 111 x111; Jornal da Beira — 111 x1x 11x 11x1; O Jornal da Lixa — 221 211 112 1111; O Mensageiro — xx1 x11 111 11x2; Litoral — 111 211 x12 111x; Maria da Fonte — xx1 211 11x 1111; Mosaico — 111 x11 112 11x1; Mundo Desportivo — x11 211 1x2 2121; Notícias do Douro — xx1 211 1x2 111x; Notícias d'Evora — x11 211 x12 11xx; A Ordem — 2x1 211 11x 1x22; Peça que não maça — 1x1 2x1 x1x 11x2; Povo Algarvio — xx1 211 112 1111; Póvoa de Lanhoso x11 211 11x 111x; Presença Coimbrã — x11 211 x12 11xx; Programa das Forças Armadas — x11 2xx x12 11xx; A Rabeca — x11 211 11x 11x1; Rádio Altitude — 111 x11 112 11x1; Rádio Oceano xx1 211 11x 1111; Rádio Sports — 111 111 211 1111; Reconquista — 1x1 211 112 1111; Renovação — 111 211 112 1211; Revista de Som — 111 211 x12 1x1x; O Telegrafo — x11 211 x1x 1121; O Templário — x11 111 111 1111; Voz co Casa Pia — x11 211 112 1111; A Voz Desportiva — 211 x11 1x2 x111; A Voz do Domingo — 211 1x1 111 11xx; Voz de Lamego — 211 211 112 x11x; Auto Rádio — 1x1 211 11x 1211; O Comércio de Leixões — x11 211 112 1x11; Às 10 Espere por nós — xxx 21x 112 x1xx; Dos fracos não reza a história — 221 211 xxx 11x2; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — x21 2x1 1xx 1x11; O Porto — 211 211 112 1xx1; Repórter do Dia (Angola) 1x1 211 112 1x11; O Sorriso da hora do almoço — 1x2 x11 111 1x11; A Voz dos Ridículos — 111 x11 1x1 1111; Estudio 64 — 111 x11 112 1x1x; Machete Desportiva — 111 211 1x1 1xx1; Penalti — 1x1 211 112 11x1; Placard Desportivo — 121 211 11x 2x11; Placard Desportivo — Açores — 1x1 211 112 x21x; O Primeiro de Janeiro — 111 2x1 x12 11xx; Prog. Sem Nome — 211 x1x 11x 1x11; Quadrante Desportivo — xx1 211 112 x1x1; Quadrante Norte — 111 211 112 11x1; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Resenha Desportiva — 1x1 211 x12 1x1x; República — x11 21x 112 11xx; Diário do Alentejo — x11 211 xx1 1x12; Jornal de Sintra — 1x1 211 11x 1111; Brado Africano — x11 x11 x12 111x; Brado Africano (Ronga) 111 x11 x12 211x; Bondiazinho — 212 212 x12 1x21; Cidade 72 — 222 212 112 x2x2; Domingo Alegre — 221 211 x11 1211; Jornal Desportivo — 111 211 112 1121; Passatempo — 221 212 x11 1x2x; Revista Desportiva x1x 21x 112 11x1; Roteiro Sonoro — 221 212 x11 1x11; 20 Ponto D — x21 21x x12 1x21; Terceiro Programa — 111 211 x21 x121; Renovação — 21x x1x 112 11x1; Canal 18 — x1x 211 1xx 11x1; Notícias do Totobola — 21x x11 112 1111; Ultimo Palpite — x21 121 11x 1121; Rádio Desporto — 212 211 111 1x21; Domingo e o Desporto — 111 x1d 11x x111.

12a. ÉPOCA

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1. BEIRA MAR - CUF	48	42	23	5	4	3
2. U.COIMBRA - BOAVISTA	74	25	14	8	3	1
3. BARREIRENSE - MONTIJO	77	12	4	10	1	1
4. SETUBAL - BENFICA	6	25	80	1	3	8
5. PORTO - GUIMARÃES	99	11	3	10	1	1
6. U.TOMAR - FARENSE	98	11	4	10	1	1
7. PENAFIEL - FAMALICÃO	79	30	4	8	3	1
8. SANJOANENSE - LAMAS	96	15	2	9	2	1
9. ESPINHO - ACADEMICA	20	35	58	2	4	6
10. PORTIMONENSE - MARINHENSE	95	15	3	9	2	1
11. ALMADA - PENICHE	79	26	8	8	3	1
12. SEIXAL - C.PIEDADE	61	34	18	6	4	2
13. CALDAS - SESIMBRA	77	27	9	8	3	1

a)- Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa

E a chave lógica será:

111 211 112 1111

TAÇA U.E.F.A. DL/DESPORTOS

VITÓRIA, 1—FIORENTINA, 0

SARDINHA NO PRATO DA GENTE

Onde se dá conta da verdade de cada um, se diz que o Vitória até jogou muito bem, mas talvez não tenha tentado tudo para aumentar a «riqueza» de um golo.

«A gente procura tirar a sardinha no prato da gente» — dizia-me, no final do encontro de Setúbal, o brasileiro Sormani, (33 anos de idade, 26 de futebol, segundo suas palavras) para explicar os dois lances duvidosos do Vitória-Fiorentina e para dizer do árbitro:

«O espanhol é um grande árbitro, pois eu conheço-o de outros jogos internacionais. Mas, hoje prejudicou-nos, ao anular o golo legal do meu clube. Quando dei a bola, vi bem o que fazia; e tive o cuidado de atrasar, evitando o defesa e desmarcando Clerici.»

O espanhol em causa é o árbitro Ortiz de Mendibil, cujas decisões foram discutidas por todos e eram motivo de controvérsia nos bastidores do Bonfim. Mas, como o brasileiro diz, cada um puxou a sardinha para o seu prato: e cada um ficou senhor da sua verdade, permanecendo apenas no «placard» a verdade objectiva da contenda: triunfo escasso dos sadinos sobre a rica equipa italiana, e a esperança a manter-se (atenuada) mas a exigir redobrados cuidados. Também é objectiva a certeza de que equipa-equipa só existiu uma, a do Vitória, que, inclusive, mostrou categoria e superioridade para levar de vencida no Estádio Comunale da cidade de Leonardo da Vinci o agrupamento treinado pelo sueco Lindhol.

A verdade do Vitória era bem outra, tanto no que concerne ao golo anulado aos italianos quando faltava escassa vintena de minuto para o termo do «match», como a propósito da grande penalidade reclamada pelos sadinos. Com o seu técnico à frente afirmaram:

— **O «penalty» é indiscutível em qualquer parte do mundo pois o defesa fez prisão de pé ao J. J. no momento do remate. A influência deste lance podia ser decisiva: e, assim, vamos para Florença apenas com um golo de vantagem, quando o resultado justo e normal seria um 3-0 a nosso favor.»**

Não pensa assim o defesa Pergo que provocou a hipotética falta:

— **«Nunca foi falta, até porque eu joguei a bola e só. O «negro» caiu porque lhe toquei com o corpo, regularmente, na disputa do lance. Não porque lhe tenha prendido o pé ou tenha rasteirado. O árbitro não marcou e fez muito bem.»**

Tempo de chuva abundante. **Assistência** reduzidíssima. **Jogo** no estádio do Bonfim. **Árbitro** Ortiz de Mendibil (Espanha). **Equipas:**

Vitória — Vaz, Rebelo, Cardoso, Mendes e Carriço; Octávio, Duda e José Maria; Guerreiro (Arcanjo), Torres e Jacinto João.

Fiorentina — Superghi, Galdiolo, Longui, Pellegrini e Brinsi; Orlando, Pergo, Merlo e Scala; Clerici (Saluti) e Sormani.

Golo — Duda (aos 59 minutos).

A MINHA VERDADE

E a minha verdade, como é, após rever na memória os dois lances contestados e após haver esfriado as emoções com o vendaval e as catadupas de água que me acompanharam no regresso ao local de trabalho?

Essa verdade, subjectiva como a dos demais referidos, é que o árbitro espanhol perdoou uma grande penalidade à equipa italiana mas anulou-lhe um golo que pareceu legal. Logo, contas saldadas e, quem sabe mesmo, se não aconteceu assim por força da lei das compensações, utilizada a torto e a direito pelos estádios desse mundo. No «penalty», Jacinto João fintara tudo o que havia a fintar até à grande área, penetrou bem fundo na zona de rigor das leis do futebol e preparou o remate que, ameaçava o êxito. O único defesa que restava nas imediações acorreu sùbitamente e, por trás, ceifou o pé com que Jacinto João se apoiava na relva. Logo, grande penalidade indiscutível.

No golo anulado, a jogada de contra-ataque foi toda muito rápida: com o defesa Mendes a ser envolvido num esquema um-dois, (Sormani-Clerici) em que o primeiro reteve a bola o tempo suficiente para isolar o seu colega e só lhe a ceder em condição de não falhar. O fiscal de linha não levantou a bandeirola, mas o árbitro foi imperturbável (como o fora já anteriormente) e anulou, sem dar satisfações ou explicações a ninguém.

Mas, também esta é apenas a minha sardinha, puxada para um prato em que se pretende acumular o máximo de neutralidade. A verdade que conta só a do marcador e esse era peremptório: ganhou o Vitória por uma bola a zero, lance triunfante concluído por Duda na segunda parte. E com base nesta certeza que Pedroto terá de jogar os seus trunfos e os futebolistas do Vitória sadina terão de agir, pelo menos tão bem como ontem o fizeram, perante o seu categorizado adversário.

O VITÓRIA JOGOU BEM, MAS...

Mas, se o Vitória jogou bem, como é que se compreende o magro pecúlio reunido na bolsa dos portugueses? As razões serão várias, mas não é menos importante a categoria do Fiorentina. Cada um daqueles jogadores sabe mesmo o que é futebol, é mestre na sua profissão. Torna-se urgente reconhecer esta verdade para que ninguém seja levado a esquecer que o Vitória jogou rápido, ao primeiro toque, com suficientes cruzamentos para, em condições normais, obter mais êxito, com interligação total de todos os sectores e com um balançeamento atacante de estarrecer. Outras razões objectivas talvez possam ser apontadas: como o facto de Pedroto não mandar ninguém marcar o «libero». Isto é criar-lhe bem perto da baliza, um foco de preocupações. Como o facto de apenas Torres jogar perto da baliza, quando se impunham mais um ou dois homens entre a floresta transalpina. Como o facto de o Vitória parecer utilizar uma táctica de andebol, com um «pivot» (Torres) ao centro e os demais na zona, formando um semicírculo começado nas linhas laterais e alargado até bastante longe da baliza.

Isto, não obstante Pedroto nos haver declarado no final do jogo:

— **«A minha equipa teve sistemàticamente dois e três pontas de lança, (Torres, Duda e Guerreiro). O único óbice foi que o golo não surgiu por faltar a asa da fortuna a empurrar a bola para o seu destino lógico, o golo, em vez de a deixar passar a milímetros dos postes. O Vitória jogou com muita lucidez e, para além dos factores apontados, o resultado não é mais volumoso, porque a chuva tornou a bola pesada e, por via disso, muitos cruzamentos se falharam. Os italianos defenderam exageradamente. Se o jogo valesse para um campeonato, além de perderem os dois pontos deviam ser proibidos de ganhar no domingo seguinte, tal foi a sua desfaçatez em só defender e defender. Mas, como isto é uma eliminatória, temos que aceitar os seus métodos e estudar os nossos para os neutralizar em Florença.»**

Resta aguardar o segundo jogo da eliminatória, (dia 8 de Novembro em Florença) com a pergunta: como jogarão os italianos?

E ficar, para já, com a resposta de Sormani. **«Em Itália, quando é necessário defender, todos defendem, como viu. Mas quando é preciso atacar, então moço, até queima.»** E uma nova e expectante pergunta de mestre Pedroto:

— **«O que vale o Fiorentina a atacar?».**

DANIEL REIS

J. J. GONÇALVES, SUCRS.
AUTOMÓVEIS, LDA.

COMUNICA A REABERTURA DO SEU SALÃO DE VENDAS NA

AV. DA REPÚBLICA, N.º 36,

ONDE SE ENCONTRAM EM EXPOSIÇÃO OS MODELOS TRIUMPH

SPITFIRE
GT 6
TR 6
STAG

A NOVA MANEIRA DE DIZER CARROS DE DESPORTO

1300
DOLOMITE
2000
2500 PI

PRESTÍGIO E «PERFORMANCES» SÓ EXISTENTES EM CARROS DE MAIOR PREÇO

BRITISH LEYLAND TRIUMPH

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4		445$	
Cons 3 %	495$	494$	
Cons 3 1/2		580$	
Centenários		-	1 305$
Tes 5 % 57	1 000$	1 000$	1.001$
Tes 5 % 59		1 000$	
Exter 1ª s		630$	
Extern 1ª c		632$	
Extern 3ª s		760$	
Extern 3ª c			800$
Caut 3ª s	190$		190$

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	945$	945$	950$
C M L 5,3/	1 000$	-	1.000$
C P 5,5 % 67		940$	950$
C P. 5,5 % 68		940$	-
C P 5,5 % 69		-	-
Corr 5 3/4 %	950$	940$	950$
Metr 5 3/4 %	-	-	-
Tur. 5 3/4	1 000$	1 000$	1 005$
C P 63/4	1.030$	1.028$	1.030$

ELÉCTRICAS

G 5 % 58			-
G 5 % 59		-	-
G 5 % 62			-
G 5 % 63	-		
G 5 % 64	-	-	-
G 5 % 65	-		
G 6 % 67	-	-	985$
G 6 % 69			995$
G 7 % 71			820$
H E C 5 %		-	
H E C 6 %	-	925$	930$
H E D 5 %	750$	735$	750$
H E D 6 %	930$	925$	950$
H E N P 5 %		-	-
H E S E 5 %	-		-
H E S E 6 %	-	935$	960$
H E Z 5 % 57	800$	-	-
H E Zêz 6 %	-	935$	-
N Elc 5 %		-	760$
N Elec 6 %	930$	920$	-
Termoel 5 %	-	740$	-
U E P 5 % 60	-	-	-
U E P 5 % 63	-	900$	-
U E P 6 %	-	910$	-

DIVERSAS

A P T 5 % 56	-	-	-
A P T 5 % 58	870$	-	-
Lisnave 6 %	-	965$	-
Nitratos 60	-	-	-
Pet 2ª e 3ª %	-	850$	-
Sacor 7 %	1.033$	1.030$	1.040$
Sacor 5 % 54	990$	980$	-
Sacor 5 % 60	860$	850$	870$
Sid 5 % 2ª	-	-	-
Sid 5 % 3ª	-	710$	-
Sid 5 % 4ª	-	-	715$
Socel 5 %	-	910$	-
U Fabril 67		920$	-
U Fabril 68		940$	-

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	-		
Rev 5 % 57	-	650$	
Rev 5 % 59/60	-	650$	
Moçamb 5 %	-	400$	
Sonefe 5 %			810$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3 390$	3 380$	3.390$
Alentejo	1 415$	1 415$	1 420$
Angola	3 980$	3.980$	4.000$
Cred Predial	4.880$	4.850$	4 880$
Esp Santo	11 480$	11 470$	11 480$
Fomento	5 580$	5 550$	5.600$
F & Burnay	51 000$	51.000$	52 000$
N Ultr m		5 250$	
N Ultr c	6 600$	6 550$	6.650$
Portugal n			4 600$
Portugal p		6 410$	6 500$
P Atlântico	12 200$	12 000$	12 200$
Totta & Açores	6.300$	6 280$	6 300$
Algarve	2 200$	2.150$	2 200$
Borges & Irmão	5 980$	5 980$	5 990$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	19/10/72	25/10/72	26/10/72
GERAL	193,7	196,7	196,9
METROPOL	198,7	202,2	202,3
ULTRAM	157,3	156,7	157,0

De Seguros

Alentejo	175$	175$	180$
Bonança		8 000$	12 000$
Império		-	
Mundial	1 395$	1 395$	1 400$
Soberana		-	
Tranquilidade		90 000$	

Eléctricas

C P E p	1 099$	1 099$	1.100$
C P E n	1 080$		1 085$
E Beiras			1 750$
G Elec c	325$	324$	326$
H E A A	158$	156$	159$
H E N P	-	245$	250$
H E S E	-	1 600$	1 650$
U E P			190$

Ultramarinas

Ag Cassequel		960$	1 000$
Ag Incomáti			2 500$
Ag S T e P			180$
Aç Angola		1 250$	1.350$
Alg Angola		180$	188$
Ang Agric		580$	650$
Boror		115$	120$
Boror Com		-	
Buzi		-	78$
Cabinda		115$	120$
Com Lobito	620$	620$	625$
D A T 100	1.810$	1.805$	1 810$
H E Revue	-		530$
I do Princ	-	300$	
Moçambique	-	165$	170$
Sonefe n		-	
Sonefe p			390$
Zambézia	59$	59$	

Diversas

Ag Lx ant		410$	-
Ag Lx 34	460$	450$	470$
Ag Lx 36	405$	405$	
Cel Guadiana	-	-	
C Leiria p	8.000$	7 800$	8.000$
C Tejo p	23.100$	23 100$	-
F Ramada	1.220$	1 240$	1 240$
Fornos Eléct	138$	136$	140$
P Celulose	4.450$	4.450$	4.500$
Siderurgia p.	-	4.500$	4.700$
Siderurgia n	-	-	-
Socel	3.580$	3 550$	3.600$
Cidla	8.500$	8.500$	8.600$
C U F	2.700$	2.600$	2.700$
Intar	545$	540$	550$
Nitratos	-	970$	1.000$
Petroquímica	970$	-	970$
Sacor	3.550$	3.545$	3.550$
Tab. Portugal	-	3.400$	-
Tabaqueira	7.200$	7.200$	7.250$
U F Azoto	720$	710$	720$
Empor	-	240$	-
Ind Aliança		-	-
I P Colon	1.050$	1.030$	1.070$
Nac Naveg	-	-	3.450$
Naveg (Col.)		2.000$	2.140$
P Pesca		-	1 000$
Matur		945$	950$
R Marconi			1 300$
TAP	1.220$	1.220$	1.250$
Compal	-	500$	580$
Salvor	-	-	1.200$
Penina			1 250$
Lisnave	12.500$	12.350$	12.450$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

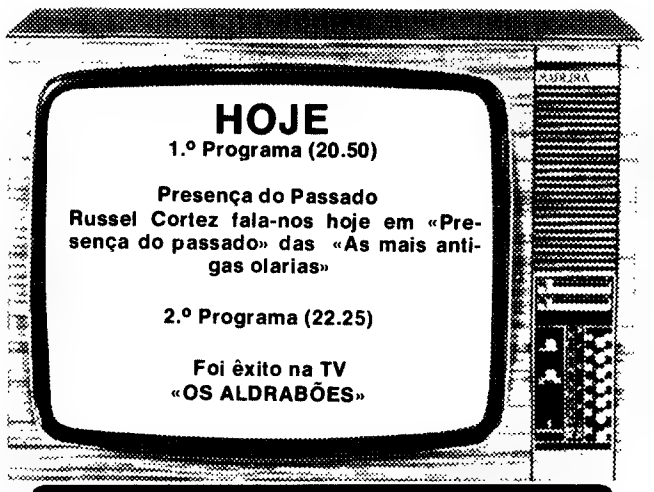
PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	28$50	31$50
Alemanha Marco	8$25	8$55
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo		-
Austria Schiling	1$16	1$21
Bélgica Franco	$59	$62
Brasil Cruzeiro	3$50	4$30
Canadá Dólar	27$00	27$70
Dinamarca Coroa	3$60	4$00
Espanha Peseta	$415	$435
França Franco	5$35	5$65
Holanda Florim	8$15	8$45
Inglaterra Libra	64$50	67$00
Itália Lira	$043	$0465
Marrocos Dhran	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$90	4$20
Suécia Coroa	5$50	5$80
Suiça Franco	7$00	7$25
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	475$00	505$00
Inglaterra 1/2 Libra	410$00	430$00
Ouro fino Barra	57$00	61$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

Praca D Joao da Câmara 18 - Telef 328045
Rua do Ouro 52 - Telef 30309

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Vária
13.15 Aquelas santas
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Woobinda
20.15 Há só uma Terra
20.50 Presença do passado
21.30 Telejornal - 3.ª edição
21.55 Boletim meteorológico
22.00 Noite de teatro «A Fronteira da Noite»
22.50 Museu do cinema
23.25 Actualidade Desportiva
00.00 Meditação

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Um dia com...
21.00 Aquelas santas
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Música para olhar
22.25 Foi êxito na TV Os Aldrabões»
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Nanny e o professor
13.45 Telejornal -1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 TV Palco
20.15 Cartaz TV
20.45 Histórias da música
20.55 Cinemateca
21.30 Telejornal - 3.ª edição
21.55 Boletim meteorológico
22.00 Os homens de Shiloh
23.30 Telejornal - 4 ª edição
23.45 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vária
21.00 Nanny e o professor
21.00 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Variedades
22.35 Encontro com o mundo
23.30 Fecho

Quer aplicar dinheiro na Bolsa?

Preocupa-o a gestão da sua carteira de títulos?

Consulte o DEPARTAMENTO DE TÍTULOS do

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

que lhe oferece um serviço perfeito e especializado.

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco a moderado de Sudoeste e chovia ou caiam aguaceiros em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	18.º
P. DOURADAS	10.º
COIMBRA	18.º
PORTALEGRE	16.º
LISBOA	18.º
FARO	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Fonte Boa e Alvalade
Máxima 22.º

Penhas da Saúde
Mínima 6,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	17.º
Atmosfera	16.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.19	**4,1 m**	12.05	**0,8 m**
18.52	**3,8 m**		
Dia 27			
7.10	**3,9 m**	0.20	**1,2 m**
19.48	**3,5 m**	12.59	**1,1 m**
Dia 28			
8.09	**3,6 m**	1.14	**1,5 m**
20.56	**3,3 m**	14.06	**1,4 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco ou moderado do Sul; períodos de chuva ou aguaceiros.

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.58
OCASO ÁS 18.43

DIA 29 | DIA 6 | DIA 14 | DIA 20

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário ao encontro da melodia
16.30 Convivio programa da juventude
1805. O convidado de hoje Gerard Lenormand
18.20 Espectáculo/Teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Musica portuguesa
19.30 Os grandes episódios de «Os Lusiadas» «A Batalha de Aljubarrota», por Adolfo Simões Muller
20.00 Diário sonoro
20.20 O conjunto «Crosby, Stills, Nash e Young»
20.30 8 º episódio do folhetim «O Musico Cego»
20.50 Melodias
21.00 Momento 72
21.20 Melodias por orquestras
21.55 O homem e a natureza, pelo dr Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.15 Programa pelo orfeão de Vagos
22.35 A vida e a mulher
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diario sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Galiano Pinheiro
02.00 Carrilhões hino nacional FECHO

2.º Programa

16.00 Quequer ouvir?, programa elaborado por Margarida Brandão
18.25 Musica portuguesa, obras de Fernando Correia de Oliveira
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Diário sonoro
20.20 Recital de canto, por Fernando Serafim
20.41 Trio n º 4 op 11 em si bemol maior, de Beethoven, eplo «Trio Belas Artes
21.00 Arias de ópera, pelo tenor Franco Corelli
21.20 Tempo literário
21.45 Música sinfónica
22.00 Teatro de todos os tempos, pelo dr Eurico Lisboa (filho)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Estereofónico - MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 Os grandes solistas
00.08 Canções de Haendel, pelo soprano Edith Mathis e o Conjunto de Instrumentos Barrocos
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa CDC
18.00/21.00 Programa Movimento
20.00 Nota de abertura
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.03 Dialogo
21.08 Serão musical
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens biblicas
23.22 Êxitos do disco
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diario rural
07.00 Ta ismа

MF

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gô-gô
23.00 Noticiário _ programa à gô-gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
17.00 Noticiário
18.00 Festa da vida
18.21 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basilica dos Mártires
19.00 Jornal diário
19.30 Página 1
21.00 Noticiário
21.05 Med tando
21.08 Jim Capali
21.15 Música e vozes portuguesas
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.00 Noticiário
23.05 A 23 ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
6 00 às 10 00 e das 22 00 às 2 00
Radio Voz de Lisboa
10 00 às 12 00 e das 19 30 às 22 00
Rádio Peninsular
12 00 às 14 30
Radio Graça
14 30 às 19 30

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944).
ALCÂNTARA
Bairrão, R. Prior do Crato 25 (Telef. 661321); **Biotitar,** Rua D. João de Castro 27-B (Telef. 638824)
ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Telef 711780); **S. João de Deus,** Rua Pedro Ivo, 1-A (Telef 725140); **Roma,** Avenida de Roma 85-A (Telef 772466)
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-A (Telef 821653)
AREEIRO
Garantia, Rua Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Telef. 727300); **Imperial,** Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860)
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes Rua de S José, 187 (Telef. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Alcântara, Avenida da República, 74-A (Telef. 773043); **Vale,** Avenida Marquês de Tomar, 47 (Telef. 773043); **Dalva,** Avenida Duque de Avila, 125 (Telef. 45225)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Telef 311216)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B 75-A (Telef. 683694)
BAIXA
Azevedo, Rossio 31 (Telef. 327478)
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242); **União** Estrada de Benfica, 592 (Telef. 700092); **Alegria,** Estrada de Benfica, 180-A (Telef. 780511)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia 90 (Telef. 847019)
CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610)
CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Telef. 688807); **União,** Rua Saraiva de Carvalho 145-F (Telef. 663643)
CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé 54 (Telef. 862835)
CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef 382241)
ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da Republica 74-A (Telef. 77379)
ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia 10 (Telef. 45578)
ESTRELA
AndradeRibeiro, Avenida Infante Santo 66-B (Telef. 666971)
LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 662631)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 790480); **Douro,** Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telef. 971131)
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237)
PENHA DE FRANÇA
Vitalis, Rua Morais Soares, 66-A (Telef. 848011)
PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395-720703)
POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso 11-13 (Telef. 381136)
REGO
Bactista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef. 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Telef. 638625)
S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Telef. 679961)
S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica 59 (Telef. 326750)
S. SEBASTIÃO DA DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S Sebastião da Pedreira, 1 (Telef 48642); **Sousa Martins,** R Sousa Martins 25 (Telef 55468)
XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av Comb G Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)
PAREDE
Brandão, Av da República, 77-C (Telef. 2471054)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (Telef 260116)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa,** R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); **Flama,** R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); **Confiança,** Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 93814)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef 950117); **Simões Lopes,** Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Central, R Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Simões, R Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef 224020)
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 (Telef 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est Nacional, 174 (Telef 224302)
BARREIRO
Soares, Av. da República 1 (Telef. 2273023)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef 274356)
MOITA
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene, R José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Leão, Av Salazar (Telef 229471)
SETUBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Telef 22783); **Bonfim,** Av Rodrigues Manitto, 12 (Telef 24558)
SEIXAL
Soromenho, R Paiva Coelho, 38 (Telef 2218560)

PORTO

10.º TURNO

SUB-TURNO A

Canavarro, R da Restauração, 53; **Constituição (da),** Rua da Constituição, 93; **Ferreira de Carvalho,** Rua do Bonjardim, 354; **Oriental,** Rua do Bonjardim, 727; **Padrão,** Largo do Padrão, 342, **Ramos,** Pr. Exérc. Libertador, 91

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda. R. de Cedofeita, 125; **Lidador (do),** Rua do Lidador, 171; **Parente,** Rua das Flores, 114; **Sousa Soares,** Rua de Santa Catarina, 141; **Vitória,** Rua de S R. da Lameira, 756

COIMBRA

TURNO L.

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106-108 (Tel. 23738). **Rodrigues da Silva,** R. Ferreira Borges, 32 (Tel. 24348); **S. José** Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697).

À VENDA EM TODO O PAÍS
MAIS UM NÚMERO DE
motor

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades - Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562).**

TAMILA - Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

O. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Telef. 327109.** Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA — Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 34859/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermínda e José Luís Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889.** Aberto todos os dias.

CASEBRE - Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªa feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anios. **Travessa de S. Miguel, 22, — Alfama, Tel. 868552.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — ConjuntoOliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco. Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221- Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atrações internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H e 30, **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264821 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422.** (Ar condicionado).

cinemas • cinemas • cinemas

MONUMENTAL (Tel 555131)
15 15 e 21 30
Duas sessões diárias
(Grupo C - 14 anos)
Portentosa realização de Norman Jewison UM VIOLINO TELHADO.

SATÉLITE (Tel 562832)
3 Sessões Às 15 30-18 30 e 21 45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Um filme urgente sobre ambiguidade política «A ESTRATÉGIA DA ARANHA (La Strategia del ragno) A obra prima de Bernardo Bertolucc

APOLO 70 (tel. 763319)
15.00-18.15 e 21.45
(Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
A obra prima de Claud Chabrol UM VINHO DIFÍCIL, com Jean Claude Brialy e Bernardette Lafont. Hoje às 24 00 horas Clássicos da meia-noite Grupo D (18 anos) «AMO-TE AMO-TE» Um filme de Alain Resnois

ESTÚDIO 444 (TEl. 779095)
As 15 30, 18 30 e 21 45
(Grupo D - 18 anos)
Uma aventura louca! O BARCO NA RELVA» com Claude Jade, Jean Pierre Cossel e John Me Enery - Estmakcolor

IMPERIO (Tel. 555134/5)
21.30
(Grupo D 18 anos)
ESTREIA Vote por Robert Redford ele é «O CANDIDATO»
(Metro-Alameda)

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 e 21.30
A Paramont apresenta «O PADRINHO»
Grupo D (18 anos)

ESTÚDIO (Tel 555134/5)
15 30 - 18 30 e 21 45
2.ª Semana
Color (Grupo D 18 anos)
«ANTÓNIO DAS MORTES» de Glauber Rocha.
Em complemento «ASHURDES» de Luis Buñuel
(Metropolitano - Alameda)

ODEON (Tel. 326253)
15.15 18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
37.ª semana
«NAO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Garces.

CASINO ESTORIL
15 30-18 30 e 21 30
(Grupo D 18 anos)
«Doc Vento do Oeste»

ALVALADE (Tel. 717480)
15 15 e 21 45
(Grupo D - 18 anos)
Vanessa Redgrave, James Mason e Simone Signoret em «A GAIVOTA»
(Metro - Alvalade)

POLITEAMA (Tel 326305)
15 15-18 15 e 21 45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana
Brigitte Bardot e Claudia Cardinale em «AS RAINHAS DO PETRÓLEO» uma «paródia» ao Far West

ROMA (Tel 727778)
15 30 e 21 45
(Grupo D - 18 anos)
Um duelo alegremente infernal!
AS RAINHAS DO PETRÓLEO com Brigitte Bardot e Claudia Cardinale
(Technicolor-Technniscope)

MUNDIAL (Tel 538743)
15 15 - 18 30 e 21.45
(excepcionalmente)
(Grupo D 18 anos)
3.ª Semana sensacional
Lino Ventura, Jacques Brel Charles Denner no inesperado filme em Eastmancolor «AVENTURA E AVENTURA» o ultimo e mais discutido êxito de Claude Lelouche
(Metro Estação Picoas)

AVIZ (Tel 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Colorscope - 39.ª Semana Há mais de meio ano em exibição «TRINITÁ» (COW BOY INSOLENTE) com Bud Spencer e Terence Hill

CONDES (Telef. 322523/ 326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo C-14 anos) 2.ª Semana
«OS PIRATAS DO AR» com Charlton Heston e Yvette Mimieux

S. JORGE (Tel. 54154/541590
15.15-18.15 e 21.30
2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
George C. Scott em «HOSPITAL». Oscar para o melhor argumento

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«UM HOMEM NA SOLIDÃO» e «AS TULIPAS DE HARLEY»

BERNA (Tel 731313)
Às 15 15 e 21 30
A Paramont apresenta
«O PADRINHO»
Grupo D (18 anos)

VOX (Tel 720808)
15 15 e 21 30
A Paramont apresenta «O PADRINHO»
Grupo DD(18 anos)

IMPERIAL (Tel 821933)
15 00 - 21 00
(Grupo D - 18 anos)
«AS MÃOS DO ESTRIPADOR» em complemento «CHAMPANHE ESCANDALOSO»

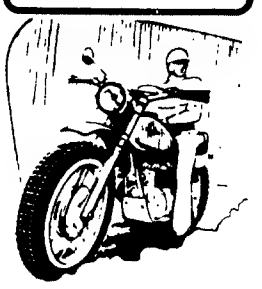
EDEN (Tel 302768)
As 15 30 - 18.30 e 21 45
(Grupo D - 18 anos) 5.ª semana
Eastmancolor Nuria Espert e Americo Coimbra em «CRIME DE AMOR

LYS (Tel 48560)
15 00 e 21 00
Grupo D (18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MULHER SO» em complemento «TOPAZIO»

EUROPA (Tel 661016)
15 15 e 21 30
(Grupo D - 18 anos)
Em continuação de estreia Natalie Wood e Tony Curtis em «A SOLTEIRA E O ATREVIDO»

LONDRES (Tel 731313)
4 sessões diárias
14 15, 16 30, 18 45 e 21 45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de François Truffaut AS DUAS INGLESAS E O CONTINENTE, com Jean-Pierre Leaud, Nika Markham e Stacey Tendeter
Snack - Bar - Pub «THE FLAG» O melhor encontro postronómico

motor



O SEU JORNAL

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLIESEU
21.30 (10 anos) Estreia 2.ª Companhia de Circo»
MONUMENTAL
20 45 e 23 00 (18 anos)
P ra Frente Lisboa
MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»
VILLARET
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua excelência o pendura»
VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Testemunho inadmissível»
VARIEDADES
21 45 (14 anos)
«A cama dos comuns»
COMUNA
(Teatro de Pesquisa)
21.45 (14 anos)
«Para onde is?

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
«O Homem da luva de ferro»
CINEARTE
21 00 (18 anos)
«Um cacho de uvas ao sol»
PROMOTORA
21 00 (18 anos)
«Caiu uma garota na minha sopa»
MOSCAVIDE
21 00 (18 anos)
«Coração frio»
JARDIM CINEMA
21 00 (18 anos)
«A Filha de Frankenstein»
MAYER
21.00 (18 anos)
«O Estranho caso do inspector Max»
ARCO IRIS
21.00 (14 anos)
«Romeu e Julieta»
PARIS
21.00 (18 anos)
«Escândalos na praia»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21 30 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»
OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (18 anos)
«Droga, loucura, morte»
PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«A ira dos deuses»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21 30 (18 anos)
«A Condessa Drácula»
Palácio
21 30 (14 anos)
«007 ordem para matar»
CASCAIS
S. José
21 30 (18 anos)
«As noivas da morte»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«O Momento de matar»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21 15 (14 anos)
«Balada para um pistoleiro»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 30 (14 anos)
«Viver é o que importa»
BARREIRO
Ginásio
21 00 (14 anos)
«A Legião dos danados»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«Por quem os sinos dobram»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21 30 (18 anos)
«Os Amores de uma adolescente»
TRINDADE
21 30 (18 anos)
«O Amante da ursa maior»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Crime de amor»
CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Por um dólar de glória» e «Estrada de Corinto»
COLISEU
21.30 (18 anos)
Os Incorruptíveis contra a droga»
JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»
OLYMPIA
21.30 (14 anos)
«Direito de Vingança»
PASSOS MANUEL
21 30 (18 anos)
«A Regra do Jogo»
BATALHA
21 30 (18 anos)
«O Assalto»
S. JOÃO
21 30 (18 anos)
«O Amante»
AGUIA D'OURO
21 30 (18 anos)
As Cicatrizes de Dracula
VALE FORMOSO
21.00 (18 anos)
«O Final do Julgamento»

PORTO/Teatros

CIRCO MEXICANO
22 00 (6 anos)
Av Fernão de Magalhães
SA DA BANDEIRA
21 45 (18 anos)
Empresta me o teu apartamento

COIMBRA

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«Divida de ódio»
AVENIDA
21 30 (18 anos)
«Os Homens de Amanhã»
GIL VICENTE
21 30 (18 anos)
«Concerto para uma pistola solista»

LEIRIA/Cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.15 (10 anos)
«A Sorte Viajou de Barco»
SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«O Patife»

DL /ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 º2,ºE 4 º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

ESCOLA NÁUTICA INAUGURADA PELO CHEFE DE ESTADO

A Escola Náutica Infante D. Henrique, estabelecimento destinado a alunos não militares e cuja construção, em Paço de Arcos, esteve a cargo do Ministério das Obras Públicas, foi esta tarde inaugurado pelo Chefe do Estado no decurso de uma cerimónia em que participaram ainda os titulares das pastas da Marinha e das Obras Públicas, entre outros membros do Governo.

As instalações do novo estabelecimento correspondem à primeira fase da construção e são constituídas pela Escola de Oficiais e por outras dependências a utilizar futuramente também pela Escola de Mestrança e Marinhagem, que será erguida na segunda fase.

A Escola de Oficiais, cuja capacidade é de cerca de 350 alunos, obedece ao intuito de se proporcionarem instalações condignas à preparação dos futuros oficiais para a Marinha Mercante, intuito a que correspondeu a promulgação, em 1960, do decreto-lei 43.245.

O edifício hoje visitado pelo Chefe do Estado tem uma frente aproximada de 450 metros para a Estrada Marginal, confinando a nascente com a Escola Militar de Electromecânica e a poente com os terrenos destinados à construção do edifício para o Instituto Hidrográfico do Ministério da Marinha. E constituído por três corpos: dois paralelos ao rio, com três e cinco pavimentos ocupados por salas de aulas teóricas e práticas de várias matérias; o terceiro, perpendicular aos outros e de dois pisos, que se destina aos serviços administrativos e às instalações do corpo docente. Existe ainda um bloco de oficinas de um só pavimento, ligado ao bloco principal por uma galeria coberta.

O custo da Escola Náutica Infante D. Henrique, compreendendo o preço do terreno, terraplanagens, esgotos e arruamentos mais o dos trabalhos das empreitadas para a construção do edifício da 1.ª fase, incluindo mobiliário, equipamento e arranjos exteriores, cifrou-se em 58 mil contos.

AGRICULTURA

Empréstimo para melhoramentos

A Secretaria de Estado do Tesouro dkidiu aplicar parte do saldo ainda existente nos cofres do Tesouro da emissão de promissórias de fomento nacional, que se destinam ao financiamento de empreendimentos integrados no III Plano de Fomento, concedendo ao Fundo de Melhoramentos Agrícolas (Junta de Colonização Interna) um empréstimo a financiamentos daquela natureza.

A importância a mutuar será de 74.800 contos, vencerá juros de 3,5 por cento ao ano e será reembolsado de uma só vez, no prazo de cinco anos.

O capital referido destina-se exclusivamente ao financiamento de empreendimentos no sector agrícola, pelos quais a J.C.I. não poderá receber um juro superior a 5 por cento.

CARTÃO SOTTOMAYOR

Seguiu ontem para Atenas, a fim de participar em mais uma reunião internacional do BankAmericard, o Sr. João Ribeiro da Fonseca, director do departamento do Cartão SOTTOMAYOR.

ONKYO
CANAIS STEREO
SOM CIRCUNDANTE

ROMA POLITEAMA
2ª SEMANA
UM DUETO INFERNAL!
DUAS "COW-GIRLS" RIVAIS
COM DOIS "COLTS" CERTEIROS
PÕEM O OESTE EM PÂNICO!
BRIGITTE BARDOT
CLAUDIA CARDINALE

AS RAINHAS DO PETRÓLEO
GRUPO D - 18 ANOS
TECHNICOLOR - TECHNISCOPE
Realização de CHRISTIAN JAQUE

TESOURO NO MAR DOS AÇORES?

TERCEIRA, 26 (L) — Numa carta que está a fazer circular na Inglaterra, o comandante John Crattan informa que na sua expedição deste ano às águas da Ilha Terceira, no navio «T. S. R.», localizou onze navios naufragados, e que um deles contém um tesouro espanhol no valor de seis milhões de libras, o equivalente a cerca de 390000 contos.

Nessa carta, Grattan pede mergulhadoresvoluntários que se reunam a ele para uma próxima expedição à Terceira, em 1973.

Grattan é antigo colaborador de Sidney Wignall, director da «Azores International Marine Archelogical, Expedition».

UM ENTERRO ALEGRE

Com toda a originalidade e imaginação do colombiano Gabriel García Márquez

QUEM DEIXARÁ DE ASSISTIR AOS FUNERAIS DA MAMÃ GRANDE?

Presentes os mais inesperados e importantes convidados, dos altos escalões de todo o mundo. Trata-se de um convite de García Márquez. Irrecusável. E, naturalmente, você também não faltará.

«OS FUNERAIS DA MAMÃ GRANDE»,

um livro real e fantástico, onde a ironia é factor de participação social.

45$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA

PRÉMIOS CRÉDITO PREDIAL DE TELEVISÃO

«O Prémio da Crítica foi atribuído ao programa «Há só uma terra...». O facto de esta rubrica tratar de um problema dos mais graves do nosso tempo — a poluição — conseguido, por outro lado, uma vivacidade que lhe permitia captar o interesse do público, foram as razões que levaram à sua escolha por parte dos críticos.» — afirmou ontem à tarde o dr. Jorge Gonçalves Pereira, falando em nome da administração do Crédito Predial Português, durante o acto de entrega dos Prémios Crédito Predial Português de Televisão, referentes ao terceiro trimestre de 1972.

Nesta edição foi escolhido pelo público o programa «Se bem me lembro», produzido pelo prof. Vitorino Nemésio e realizado pela R.T.P.

Assistiram diversas individualidades, entre elas, directores da RTP, membros da administração da organização instituidora dos prémios, críticos de televisão e pessoal ligados à Imprensa.

Durante a cerimónia foi igualmente anunciado o nome do telespectador contemplado com o prémio sorteado entre os votantes: trata-se do sr. Carlos Alberto Barros Pinto, residente no Porto.

Prémio O.C.I.C.
Urso de Prata do Festival de Berlim
ÓSCAR PARA O MELHOR ARGUMENTO

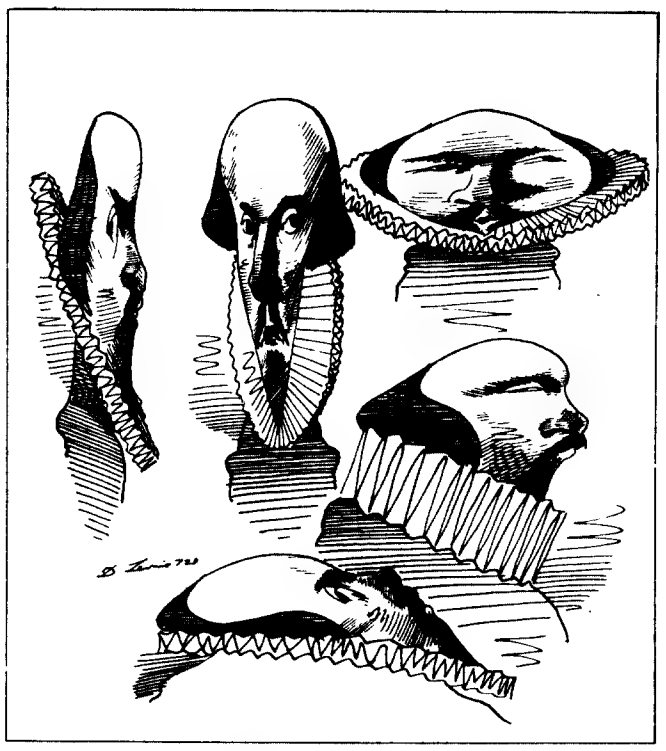
GEORGE C. SCOTT
"HOSPITAL"
de PADDY CHAYEFSKY
com DIANA RIGG
realizador ARTHUR HILLER
Colorido · Grupo D 18 anos
2. SEMANA?
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
UM FILME PODEROSO?
RANK FILMES
United Artists

Na página 4 :
" O ROMANCE E AS MULHERES "

SUPLEMENTO LITERÁRIO Diário de Lisboa

Págs. 4 / 5

JOFRE AMARAL NOGUEIRA



Página 8

inédito de

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

O FANTÁSTICO NAS BELAS ARTES

CAÇANDO BRUXAS NA BARCA DOS DOIDOS

ALEXANDRE OLIVEIRA

Suspensos numa luminosidade baça que o branco vivo dos **placards** atenua ainda, guardados nas molduras firmes duma colecção erudita, os pequenos monstros gravados a buril, as tentações irónicas, os infernos estreitos invertem num **espectáculo** ordenado (de que se sorri) o que foi, contra a **Ordem Natural** a desrazão, a loucura, um riso como o de Goya: em frente do seu «**Disparate Matrimonial**» — **fantástico** porquê, perguntar-se-á, este bem quotidiano monstro de quatro braços e duas faces opostas? — podem pois desfilar, sem que a violência da alegoria os perturbe, os casais de jovens serenos e cultivados que são o maior número dos que visitam as gravuras em exposição até ao fim do mês na Sociedade Nacional de Belas Artes.

«**A Arte do Fantástico**» reune 131 gravuras seleccionadas por Fernando Rau da sua colecção particular, formada peça a peça ao longo de trinta anos de amizade com artistas e antiquários, pesquisas e viagens. Das pastas que nos tinham dado uma extraordinária «Arte do Cómico» saem agora, por sugestão da direcção da Sociedade, as imagens, confinantes, dum fantástico de difinição mais difícil.

«**Na escolha a que procedemos**» — diz o coleccionador na abertura do catálogo — «**não adoptamos qualquer critério formal nem rejeitámos juízos que, por incertos ou temerários, viessem afectar o equilíbrio, a medida ou o interesse da ideia-programa.**» A dez metros do gigante degolando crianças antropófagas (de Gustave Doré), levanta-se, assim, a «**Multidão em Armas sob uma Abóbada**», visão insurreccional de Kathe Kollwitz, voa o «**Pássaro Solar, Pássaro Lunar, Faíscas**», de Miró, ri ternamente o fantoche castanho de Dubuffet.

«**O fantástico é o não que a realidade responde ao nosso sim,**» escrevia Claude Roy (1), «**é a perturbação na ordem das**

Continua na pág. seis

A aliança «fantástica» do Reich e do Vício: uma estampa de Max Ernst.

A feira dos livros

A alternativa de Garaudy

É um livro apaixonante, este de Roger Garaudy que Publicações Dom Quixote acabam de lançar sob o título «A Alternativa — modificar o mundo e a vida». Nele o autor de «Um Realismo sem Froteiras» dirige-se aos jovens, quer dizer, «a todos quantos crêem que a vida do homem não foi feita apenas para aceitar ou maldizer, mas para começar, para criar qualquer coisa».

O leitor deixa-se seduzir, logo às primeiras páginas, pela linguagem clara e directa de Garaudy: «Para compreender todo o alcance do que está a acontecer é necessário ter consciência de que um homem com setenta anos de idade nasceu no meio da história humana: passaram-se tantas coisas depois do seu nascimento como se haviam passado nos seis mil anos da história escrita».

Segundo Roger Garaudy, a jovem geração actual nasceu num momento de «fractura da história». Daí que os seus problemas não sejam os mesmos de qualquer geração anterior. Diz Garaudy: «A mutação que se operou com a televisão só é comparável à do nascimento da escrita; ela não introduziu apenas uma transformação quantitativa na difusão da cultura, como a imprensa, mas uma mudança qualitativa no próprio conteúdo da cultura. A era histórica em que a escrita era a única mediadora entre o homem e o mundo está ultrapassada: torna-se doravante possível ver e ouvir o mundo inteiro sem passar por intermédio do sinal e do símbolo, estar presente em toda a parte do planeta ao mesmo tempo. As crianças e os jovens estão assim directamente em contacto com sequências de vida e modelos de comportamento que ocupam, na sua experiência um lugar infinitamente mais importante

A história literária

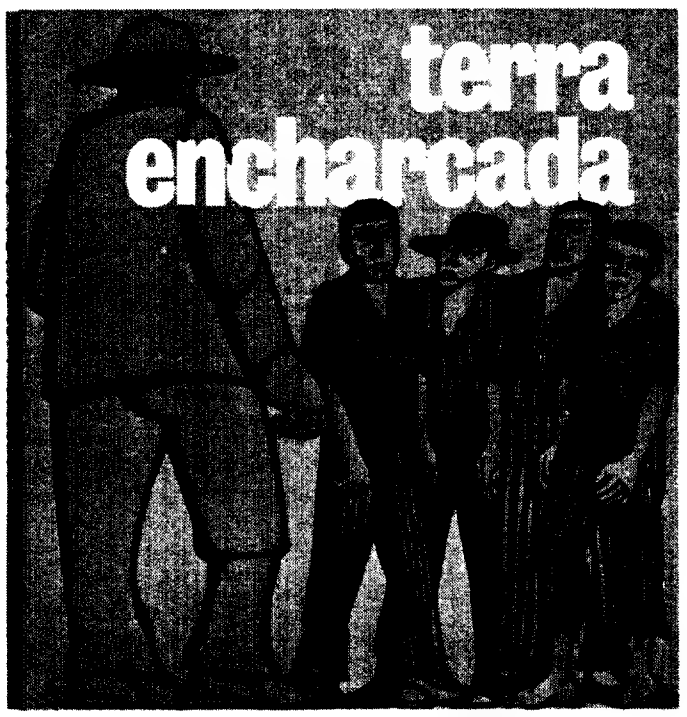
Trinta e três ensaios, o maior dos quais (a dar o título ao livro) intitulado «Problemática da História Literária» ocupa cerca de 30 páginas, não indo os restantes além de meia dúzia, completam o livro de Jacinto do Prado Coelho agora lançado pela Ática, em segunda edição.

Datado de 1952 (já lá vão, portanto, vinte anos...). o ensaio «Problemática da História Literária», então publicado na «Revista Filosófica» de Joaquim de Carvalho, manifesta a convicção do autor de que só em certo sentido é a literatura objecto criticável. «Anti-historicista, a minha posição?» — pergunta.

E responde: «Note-se que jamais pus em causj a persistência ou a validade do labor historiográfico; apenas encarei de susto problemático a história da

COLECÇÃO LIVROS DO BRASIL

JARBAS G. PASSARINHO



EDIÇÃO LIVROS DO BRASIL

literatura (...). Em 1952 ainda. Prado Coelho não «descobrira», segundo confessa, nem os formalistas russos nem o **new criticism** norte-americano. Por sua vez, o estruturalismo estava por nascer. O que norteava, então, o notável teórico da nossa literatura que é, incontestàvelmente, o prof. Jacinto do Prado Coelho era a «crítica estilística» de Leo Spitzer e de Dámaso Alonso.

Pelos restantes ensaios que integram o volume perpassam figuras como Camões, António Ferreira, Frei Gaspar de S. Bernardino, Frei Luis da Natividade, Abade de Jazente, José Anastácio da Cunha, Bocage, Garrett, Camilo, Teófilo Braga, Cesário Verde, Baudelaire, Fialho, Roberto de Mesquita, António Correia de Oliveira, Fernando Pessoa, Natércia Freire, Sebastião da Gama, Fernando Namora, José Osório de Oliveira, Urbano Tavares Rodrigues, Ruben A. e António Rebordão Navarro.

T. da L.

ESCAPARATE

● AVIEIROS

Trinta e um anos depois da primeira edição, «Avieiros», de Alves Redol, romance de inegável importância histórica que marca a fase heróica do neo-realismo em Portugal, é re-lançado por Publicações Europa-América. «Desejo que a minha obra seja uma testemunha do tempo que tenho vivido» — disse o autor. «Avieiros», volume que fica a ser o quinto da colecção «Obras Completas de Alves Redol», é já romance obrigatório da nossa literatura.

● LIVRARIA

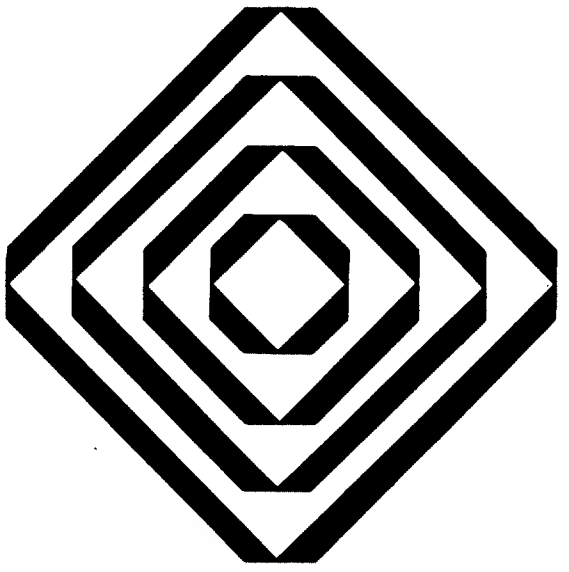
Portugal abriu uma livraria no Rio de Janeiro: a Livraria Camões. Localizada na Rua Bettencourt da Silva, em pleno coração da antiga capital brasileira, muito perto da Avenida Rio Branco e paredes meias com a Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira de Letras e os Serviços de Património Artístico, a Livraria Camões fica a dever-se à empresa pública Imprensa Nacional-Casa da Moeda. À iniciativa aderiram mais de 30 editoras portuguesas.

● CARMEN

Dedicado a seus filhos, publicou Carmen de Figueiredo um novo romance: «Desejar não é amar». É, segundo a autora, «uma história moral que desejaria fosse lida pelas mulheres sòzinhas que enfrentam a vida numa luta permanente e trabalham para adquirirem ou conservarem a independência moral que lhes dê o direito de poderem erguer a cabeça». Carmen de Figueiredo, que diz não usar um «realismo à Morávia ou à Irving Wallace», conta no seu livro «a história de uma jovem mulher desejosa de amor que sòzinha tem de subir o seu calvário, suportando a investida dos calaceiros sem dignidade que apenas a desejam».

Carmen de Figueiredo

Desejar Não é Amar



Romance

● JARBAS

Do ministro brasileiro da Educação e Cultura, Jarbas G. Passarinho, acabam Livros do Brasil de lançar entre nós o romance «Terra Encharcada», premiado pela Academia Paraense de Letras e cuja acção decorre no Nordeste do país irmão. História simples, relata o drama silencioso dos escravos, explorados até à última gota de sangue, numa zona para a qual a Natureza foi particularmente madrasta. Mas é, sobretudo, um grito de protesto contra a degradação e a miséria, ou, como diria um dos membros do juri que premiou a obra, «a história de uma sociedade que se enormiza no crime e se acumplicia com a natureza no esmagamento do homem».

CAMPISMO — SENSAÇÃO

CAMPING-DESPORTO, de COIMBRA, ANUNCIA PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL GRANDE CAMPANHA DE TENDAS AO PREÇO **FIM DE ÉPOCA/1972**

GRANDE PROMOÇÃO

PREPARE AGORA, AS SUAS FÉRIAS DE 1973 COMPRANDO 1 TENDA A. JAMET A UM PREÇO **«TERRÍVELMENTE»** BAIXO:

TENDA	TIPO	FAMILIAR	C/ 1	QUARTO	2/3	PESSOAS	E SALA	~~3.920$00~~	3.280$00
»	»	»	C/ 1	»	3/4	»	E SALA	~~4.350$00~~	3.750$00
»	»	»	C/ 1	»	3/4	»	, SALA E COZINHA	~~5.730$00~~	4.610$00
»	»	»	C/ 2	»	4/5	»	, SALA, E COZINHA	~~6.580$00~~	5.240$00
»	»	»	C/ 2	»	4/5	»	, SALA, COZINHA E ROUPEIRO	~~8.940$00~~	7.150$00
»	»	»	C/ 2	»	6/7	»	, SALA, COZINHA E ROUPEIRO	~~9.830$00~~	8.245$00

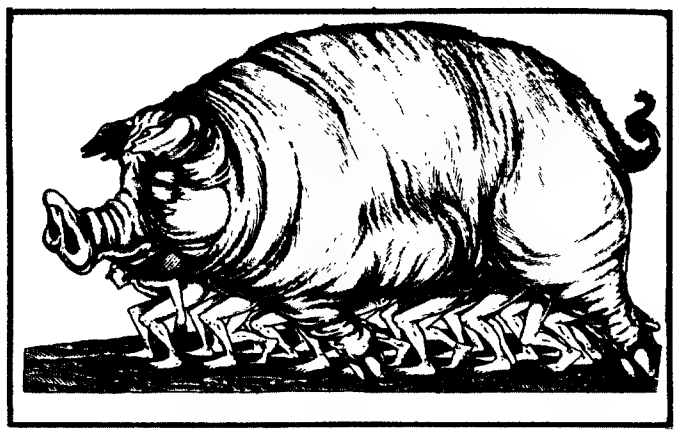
CARAVANAS PLIANTES COM DESCONTO DE 15 % A 20 %!!
TENDAS **ANDRÉ** JAMET/1972 QUE OFERECEMOS A ESTES PREÇOS **SÓ ATÉ 30/NOVEMBRO/1972**
ANUNCIAMOS JÁ PARA 15/DEZEMBRO/1972 A NOSSA 1.ª GRANDE EXPOSIÇÃO DE TENDAS E CARAVANAS PLIANTES A. JAMET DE 1973. **NÃO** DEIXE DE NOS VISITAR, PARA APRECIAR OS NOVOS MODELOS/73
CAMPING — DESPORTO DE FERRAGENS DO CENTRO — RUA SIMÕES CASTRO, 166/169 — COIMBRA, TELEFONE 24945

SENSAÇÃO — CAMPISMO

A PASSADA BIENAL DE VENEZA E A PRÒXIMA BIENAL DE SÃO PAULO

Folhetim-artístico de José-Augusto França

. A 36.ª Bienal de Veneza fechou agora, debaixo de chuva, as suas portas. Bienal «de transição», no desejo dos seus dirigentes, enquanto uma nova estrutura legal não obtém a aprovação parlamentar, foi subordinada à velha história das representações nacionais mas também já um programa genérico de «obra ou comportamento» a que aliás poucos obedeceram — ou todos, afinal, porque obra ou comportamento, uma coisa ou outra ou ambas ao mesmo tempo, é tudo quanto em arte se proponha. Já tinham acabado, é certo, os prémios diplomàticamente atribuídos — mas a feira continuou. Menos animada, talvez (só a visitei ao fim, em salas e pavilhões desertos), com bastante boa vontade, sem dúvida e de medianos resultados — como se nem os artistas nem os organizadores acreditassem no que estavam fazendo, quatro anos depois da convulsão de 1968.



Outro crédito pretende assumir a Bienal de São Paulo — e no Congresso da A.I.C.A., em Paris, Vilem Flusser, professor de comunicação visual na Universidade paulista, deu-nos parte dos seus projectos, dramatizando assás saborosamente o apelo que, através dos congressistas, dirigia ao mundo inteiro das artes. Agia em nome da própria Bienal que vai dirigir e segundo ideias e sugestões que e 1971, no decurso da última manifestação, foram lançadas ou feitas por uma mesa-redonda de críticos presidida por René Berger, presidente da A.I.C.A., e à qual não pude assistir. Já em 1968, no rescaldo da contestação da Bienal de Veneza, Francisco Matarazzo, fundador da manifestação brasileira, reunira, em Veneza mesmo, críticos e comissàrios nacionais para discutir o futuro (próximo) da sua própria bienal. Insistimos então, Mário Pedrosa, Pierre Restany e eu, numa programação actual e actuante que passasse, herèticamente, por cima das representações nacionais da costumada fórmula. Uma transição foi tentada em 1969, mas Restany viu recusado o seu programa e eu próprio me demiti do júri, por razões de reacção internacional a circunstâncias opostas aos interesses dos artistas brasileiros — os quais, aliás, conheceram um movimento de solidariedade internacional em que vários pintores portugueses honrosamente participaram. Em 1971 muita coisa estava esquecida, houve até, da parte portuguesa, o bom senso de, fazendo tábua raza e marcando uma pauza, constituir a representação nacional de modo histórico, com Almada e seus contemporâneos. Para 1973 nada está, por enquanto, assente, ou projectado ou estudado, mas antes que, à última hora, se improvise algo, convirá tomar conhecimento das disposições em que se encontram os responsáveis da 22.ª Bienal de São Paulo, segundo o «projecto Flusser».

Um projecto de restruturação total e totalizante — sem mais secções nem bandeiras nacionais. Sem mais obras de arte trazidas e mostradas. Sem nada — senão um jogo aberto de possibilidades de «comunicação» a que todos os artistas do mundo inteiro são fraternalmente convidados.

Temas sugeridos: os produtos alimentares, a habitação, a psicanálise, etc.

Tema geral: a comunicação de massas na qual se introduz a dimensão estética. Grupos constituidos «ad hoc», de artistas, críticos e cientistas (e de consumidores também, nos casos locais) transformarão o pacato pavilhão do parque do Ibirapuera num imenso laboratório de análise, crítica e contestação.

A manipulação (assim solenemente prometida) dos meios de comunicação de massa, permitirá sem dúvida algo fazer de interessante, quiçá de importante. No «jogo fechado» de uma sociedade (no caso a brasileira) introduzir-se-á assim um «ruido» — sabendo-se de antemão, e em boa teoria da informação, que tal «ruido» ecoará fortemente (fort ssimamente) e muito mais, é claro, do que em sociedades definidas em jogo mais «aberto».

O trabalho exercido nos canais de informação irá permitir o diálogo que o circuito normal das exposições não permite. Em vez da «emissão», a procura dum «feed back». Ao artista da sociedade burguesa, fabricante de objectos de consumo, um manipulador de comunicaçao um proponente de «modelos», se substitui.

As teorias de comunicação estética que, filiado em Eco e em Moles, Flusser ensina universitàriamente, no mundo autosatisfeito dos seminários, passarão (ou passariam) assim para um vasto campo experimental.

Acontece, porém, que estas teorias são utópicas, isto é, válidas em parte alguma, ou seja num lugar ideal, incontingente, dependente de estruturas psicossociais teóricas. A intervenção (fatal intervenção!) conjuntural introduz nelas um «ruido» de espécie diferente do desejado — não, decerto, laboratorial e aleatório, em possibilidade infinita de jogo, mas real, hostilmente palpável e cujas consequências podem destruir o valor operatório da teoria. Assim se arrisca a uma inversão a proposta da Bienal paulista de 73: de «ruido» a introduzir, acabará por introduzir em si própria um «ruido» outro...

Duas perguntas foram, aliás, feitas aos delegados brasileiros (ao lado de V. Flusser estava o presidente da secção brasileira da A.I.C.A., António Bento, que o apresentava e garantia): se a Bienal punha os meios financeiros suficientes à disposição dos convidados; se a Bienal obtivera ou obterá autorizações oficiais para a realização de tal programa, em condições necessárias e suficientes. E sem os quais, com «ruidos» demasiados, o programa cai pela base...

O presidente da A.I.C.A brasileira respondeu que sim à primeira pergunta — com o que todos, não sem desconfiança, se congratularam; Flusser não respondeu necessàriamente à segunda, substituindo a resposta por um curioso apelo ì coragem individual (e até física) dos artistas e críticos convidados. O que alguns dos presentes, como Hans Jaffé, vice-presidente da A.I.C.A., e eu, agradeceram delicadamente.

A oferta envolvida no convite parece francamente lunar. Não direi lunática — mas apenas que se nos oferece a lua e que a realização da oferta se passa na terra, e especialmente no Brasil. O Brasil não é, de modo algum, a Utopia que a teoria da comunicação estética exige para se produzir e demonstrar. Antes pelo contrário, e os «ruidos» que tanto excitam V. Flusser têm razões conjunturais ou históricas que o mais elementar bom senso sociológico não poderá ignorar

Prometi (depois de acesa discussão em mesa-redonda) expor o projecto Flusser em Portugal e sublinhar o seu grande interesse, neste momento de crise da situação estética e de grave interrogação do futuro possível das bienais deste mundo. Mas disse ao prof. Flusser que tinha também de lembrar que é neste mundo conjuntural que a Bienal de São Paulo terá lugar...

AS MULHERES E O ROMANCE

LUZIA LOBO

Mesmo no final do século XX, podemos contar nos dedos as mulheres pintoras, e ainda com mais dificuldades as filósofas. Com algum esforço descobriríamos quatro novelistas famosas, mas seria quase impossível citar uma ou duas compositoras mundialmente conhecidas. Esse fenómeno tão comentado e ainda assim inexplicável é estudado de forma magistral no ensaio de Virginia Woolf, «A Room of One's Own».

Por que os homens sempre escreveram versos e peças épicas e as mulheres se restringiram a preparar o seu almoço na cozinha? Ou, em outras palavras, por que os homens dominam o mundo, cabendo à mulher apenas observá-lo?

Apesar de grandes mudanças já terem ocorrido neste sentido, não espanta a ninguém ver um homem tirar dinheiro da carteira para pagar a conta feita pelo casal, ou tomar sempre as iniciativas.

Sir Egerton Brydes escreve, em 1928:

... **as mulheres novelistas só podem aspirar à realização se tomarem corajosamente consciência das limitações do seu sexo.**

Afinal, por que é tão conhecido e ainda comentado em voz baixa (com atenuantes) o mito da inferioridade física, moral e mental da mulher? Na época da Rainha Elizabeth, no século XVI, as mulheres nunca chegavam a ser senhoras de si mesmas. Primeiro tinham de obedecer ao pai, acatando a escolha do matrimónio que este fizesse; depois ao marido, que era seu amo, com o apoio da lei. Mas não parava aí a dependência feminina: a mulher ainda pertencia aos filhos, e não podia abster-se dos trabalhos manuais e dos caseiros, mesmo que gostasse de outras coisas. E hoje, quando às vezes pensamos que houve grande progresso nos costumes e hábitos da sociedade, ainda é comum criticar-se a mulher pela menor barbeiragem ao volante.

Afinl, atavismo ou tradição?

Quando pensamos num grande autor, Shakespeare, Byron ou Ibsen, sabemos que eles tinham acesso à tradição. De alguma forma podiam consultar outras obras escritas anteriormente, nas quais aperfeiçoavam e baseavam o seu estilo e colhiam novas ideias. Some-se a isso o facto de terem toda a liberdade de lançar-se na realização dos seus impulsos de conhecer terras, ter experiências (Shakespeare partiu para Londres em busca de aventuras, Byron para a Grécia perseguindo um ideal) que mais tarde entrariam na matéria dos seus livros. O mesmo não se dava com as mulheres. Em primeiro lugar, as leis e costumes, até ao século XIX, pouca liberdade lhe deixavam. Se a mulher quisesse obter material para os seus romances, saindo pelas ruas ou partindo para outras cidades, possìvelmente seria acusada de louca ou ridícula, como Lady Winchilsea ou Margaret de Newcastle, por muito menos que isso. Em segundo lugar, não havia qualquer literatura que servisse de base a uma ficção essencialmente feminina. Os assuntos já haviam sido classificados de **importantes** (desportos, guerra) e **triviais**, de acordo com o interesse que apresentavam para os homens. E as mulheres não tinham acesso a eles por convenção — e deixando de entendê-los, não conseguiam apreciá-los. A própria gramática parece conspirar contra a mulher: sempre que surgissem um personagem masculino e outro feminino, o **eles** masculino teria a primazia.

Virginia Wolff chama a atenção para factos que à primeira vista passam despercebidos: o sexo feminino é um sexo monetàriamente pobre. Hoje a condição económica da mulher já melhorou bastante, devido à liberdade de trabalho e à possibilidade de ganhar salários que lhe permitam maior independência. Mas antes do movimento sufragista, no começo do século XX, mesmo a mulher rica raramente dispunha do próprio dinheiro. O homem, considerado mais equilibrado e responsável, devia administrá-lo em seu lugar. E no caso das mulheres de classe média não havia a menor possibilidade de acumular còmodamente um capital que lhe permitisse dedicar-se a qualquer pendor natural, caso de tantos escritores como Keats, Flaubert e Pound. As quatro escritoras de maior renome, até o começo do século XX — Jane Austen, Charlotte e Emily Bronte e George Eliot utilizou um nome masculino, preferindo o anonimato, para que a sociedade a aceitasse. Jane Austen (**«Orgulho e Preconceito»**), escondia o que estivesse a escrever, quando alguém entrava na sala.

Todos esses dados não poderiam deixar de nos levar ao que parece tão óbvio e universalmente debatido, mas nem sempre aceito: o patriarcalismo.

Em 1928 as mulheres só podiam entrar na biblioteca da universidade de Oxford com uma carta de apresentação. Um professor de outra universidade comentava ter sempre a **impressão, depois de olhar um certo número de provas de exame, sem levar em conta a nota desse, que a melhor mulher era sempre intlectualmente inferior ao pior homem»**.

Sem querer discutir uma afirmação que não se baseia em facto algum, e desprezando as provas pseudo-científicas sobre o maior peso da massa encefálica masculina, vemos esta situação do tempo de Virgínia Woolf bastante mudada.

Inúmeras mulheres escrevem hoje sobre os mais variados assuntos. Especialistas ou romancistas, só mesmo o preconceito poderia distinguir sexo nessas categorias tão amplas. Mas o que é que define o salto qualitativo de uma Virgínia Woolf a uma Simone de Beauvoir, escritora e filósofa? Talvez o maior desprendimento em relação aos condicionamentos de uma sociedade que supera o estágio do patriarcalismo para um maior equilíbrio das suas partes integrantes.

Na medida em que se discutem determinados problemas, ainda se está imbuído deles. Em toda a obra de Virgínia Woolf, de «O Farol» à«Senhora Dalloway» sente-se uma tensão entre os dois sexos. A resposta está em «Orlando»: a fábula do jovem que se transforma em mulher, numa das épocas de maior moralismo da história inglesa, durante o reinado da Rainha Vitória, serve para ilustrar a opinião de Virgínia Woolf sobre o problema.

Se chegou a ela através da leitura de Freud, não sabemos. Mas as suas teses coincidem muito; ambos falam da indistinção dos sexos, da nossa harmonia interior. Como no mito grego dos andróginos, coexistem em nós tanto o elemento masculino como o feminino.

Por isso Virgínia Woolf critica Charlotte Bronte, que se esquece repentinamente de que fala do seu personagem, e aproveita as páginas do livro para lastimar a sua situação de mulher, num estilo áspero e não resolvido. Para Virgínia, Jane Austen tem mais valor, apesar de menos génio. Nas longas linhas de «Persuasão» vemos como consegue dissecar o carácter feminino e a personalidade humana no sufocante ambiente que a sociedade lhe permite conhecer: a sala de estar. E mesmo assim não deixamos de perceber as injustiças da época, a limitação dada às mulheres, a mesquinhez dos seus planos, a falta de oportunidade para a auto-realização, papel privilegiado do homem na sociedade.

Irònicamente, Virgínia Woolf comenta que o título «As Mulheres e o Romance» pode ser analisado de várias maneiras. Claro que se torna complexo se analisado pelo prisma visto aqui: o que elas escreveram. Mas em compensação se fossemos fazer um recenseamento das obras já escritas e que ainda estão a ser escritas sobre as mulheres, colocando-as numa posição de objecto místico e idealizado, chegaríamos à mesma conclusão que ela: a mulher é o animal mais discutido do universo, mas está longe de ser o mais valorizado.

ETERN

Quando tomamos, pela treito com as obras de art o teatro, a literatura, a pintur cos — o que acontece na adolescência — é fácil de número de reacções típic das coisas que então nos cho os desejos de afirmação pes ligados aos problemas de di mente ao que se encontra dos grandes génios criadore compreendidos no seu próp isso, vieram a ocupar na afei que. Tudo se nos apresenta génios e quase nos parece de romancistas, poetas, que o vir a sê-lo. Mal compreend exemplo numa literatura, to com as suas obras, os lug consideração pública. E ba por toda a vida a um critério discussão, será bem mais c dos posteriores.

Assim colocadas todas as questões artísticas ou literárias ao nível das maiores celebridades (com exclusão aparente de tudo quanto nos parece significativo ou importante) é natural que a nossa visão das coisas e das pessoas fique um tanto desfocada pelo que respeita ao que se encontra perto de nós e também nos inclui, como se torna usual, por outro lado, sobrevalorizarm desmedidamente muito do que fazemos ou fazem os nossos amigos, assim como os nossos próprios critérios. São numerosas as pessoas, de resto, neste âmbito da vida intelectual, que nunca ultrapassam por completo a fase da adolescência. E é nesse contexto psicológico e crítico que, com frequência, nos surge a questão de distinguir o sucesso momentâneo dum escritor ou dum artista, em grande parte resultante de circunstâncias passageiras, daquilo que entenderemos por seu verdadeiro valor, que seria marcado pelo interesse mais tardio da respectiva obra ou, como diremos, pela sua «eternidade», em oposição à sua «momentaneidade». Com efeito, parece que o acolhimento dos contemporâneos nem sempre corresponde ao acolhimento das épocas posteriores, e enquanto aquele é ocasional e pouco duradouro, este perdurará para sempre, estratificando-se consistentemente no pecúlio hereditário da cultura.

No entanto, o problema é algo mais complexo do que parece à primeira vista. Sobre ele se debruçaram, de certo modo, vários do axiólogos da primeira meta de deste século, ao examinarem a natureza e os fundamentos dos valores tornados tradicionais, ou seja, daqueles que, por uma série de circunstâncias ou características, se tornaram herança de sucessivas gerações. Valerá a pena, ao que suponho, relembrá-los nos seus traços mais gerais. Antes disso, porém, concretizemos um pouco o nosso problema. Uma obra de arte, depois de realizada, como que ganha, relativamente ao seu autor ou à época em que foi elaborada, uma relativa independência. Ela será, em grande parte, com alguma autonomia em face daquilo que o autor pretendeu que ela fosse, o que os leitores, ouvintes e admi-

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PUBLICO

TECIDOS

para filtragem industrial
—Nylon, perlon e sarja—

CASA CHAVES CAMINHA

LISBOA — Tel. 72 51 63

Jofre Amaral Nogueira

NIDADE E RELATIVIDADE DAS OBRAS DE ARTE

pela primeira vez, contacto mais es- arte, sejam a música, o bailado, intura ou mesmo os escritos ideológi- na maioria dos casos durante a deixamo-nos arrebatar por um certo ica dessa fase da nossa vida. Uma choca dum modo particular, quando pessoal nos andam de muito perto de diferenciação e inovação relativa- ntra feito antes de nós, e o culto adores, sobremodo os que foram in- próprio tempo e só mais tarde, por afeição colectiva um lugar de desta- senta, nessa altura, ao nível desses ce descabida a existência de artistas, e o não tenham sido ou prometam endemos o lugar que ocupam, por a, todos aqueles que não lograrem, lugares cimeiros e duradouros da bastantes de nós ficamos presos itério que, para lá de toda a possível is característica desse período que

s as
lite-
ores
são
anto
ou
e a
s e
anto
eita
o de
co-
utro
do
os
omo
rios.
oas,
da
nca
to a
é
ico
fre-
ues-
sso
ritor
nde
uns-
qui-
por
que
res-
iva
ela
po-
da-
que
em-
cor-
nto
e
sio-
ste
es-
nte-
di-

a é
que
So-
de
dos
ter
mi-
un-
na-
oja,
rie
ac-
he-
ge-
ao
los
ais.
re-
sso
rte,
mo
ao
em
ha-
se-
al-
ce
en-
que
mi-

radores entenderam que ela é. Acontece ainda amiúde que essa obra assumirá significados variáveis, ao longo do tempo, conforme as épocas e os meios em que for acolhida.

Como é óbvio, não podemos dar a esses facto um valor absoluto. Ao mesmo tempo que isso acontece até certo ponto, o conhecimento do autor e da sua vida, de que a obra será sempre um reflexo ao menos parcial, completado em numerosos casos pela convergência de outras obras suas (ou definido pela disparidade de outras próprias e a l h e ias), a s s im como, determinadas características da época em que apareceu, da escola ou corrente em que se inscreve e que manifesta, d e s f a zem em grau apreciável essa independência da obra como tal. A subjectividade interpretativa de que ela é objecto, ao peneirar-se de vivência, é corrigida por um esboço de objectividade que acaba sempre por desenhar-se com maior ou menor vigor de contornos. Desse modo, a tal obra de arte, mesmo quando sobre ela recai um constante desejo de avaliação original, diversa das anteriores, termina por se fixar em formas definidas cuja persistência ganha significado, tornando-se francamente convencional. É este peso das convenções estabelecidas que se enreda indissolùvelmente em todos os valores colectivos que perduram no tempo, constituindo tradições.

A primeira consequência importante que daí resulta para o nosso caso, é que a duração e persistência duma obra de arte na admiração pública — ou seja, a sua «eternidade» — não é, por si só, um sinal iniludível ou indiscutível do seu valor, em medida que possa ser oposto radicalmente ao sucesso momentâneo de outras obras, como critério incontroverso e decisivo. Todos sabemos que muitas obras de arte geralmente aceites como imutáveis obras-primas por força de tradições ou convenções inegadas, nem por isso são na realidade sentidas, vividas ou apreciadas como tais por um número elevado de pessoas. Tais obras, que não será preciso exemplificar, embora colocadas em nichos solenes, onde os eruditos enxameiam como varejeiras, e fontes inspiradoras de numerosos trabalhos de crítica ou evocação, perderam toda a capacidade de suscitar imitações, continuações, novos desenvolvimentos ou novos impulsos criadores. Estão mortas e bem mortas, não obstante toda a sua «eternidade», ainda que seja um sacrilégio dizê-lo em voz alta. O convencional substituiu o vivido quase por completo e os sustentáculos efectivos da manutenção do seu valor deixaram de resultar da apreciação directa e sentida dos que lêem, vêem ou escutam quando não se trate de especialistas.

Isto não significa, no entanto, que tenha deixado de haver fundamento bastante para que tais obras continuem a ter-se como expressão de excepcionais méritos, ou que elas hajam perdido a capacidade de despertar novas interpretações e adquirir novas significações não possuem já, na vida do nosso tempo, um espaço qualquer em que possam expandir-se ou um terreno em que lhes seja possível frutificar. Portanto, se permanecem ou perduram como valores, essa existência que mantém é de um género especial, bem diferente daquilo que continua vivo; seria lícito dizer, por exemplo, que deixaram de ser valores de arte para se tornarem apenas valores de cultura. E pode muito bem acontecer, ou melhor, acontece com frequência que a eternidade de tais obras é uma eternidade de determinado tipo (ou por determinadas razões) que não lhes confere, como se pretende em muitos casos, uma qualificação em todos os sentidos diversa da que poderá atribuir-se a obras que ficaram esquecidas após um êxito inicial. Nem sempre a crítica do tempo será melhor ou mais válida do que a crítica do momento, ainda que lhe ganhe em vantagens, até porque atrás de todos os tempos outros tempos virão, como já tem acontecido, quando não suceda mesmo que o momentâneo, longe de ser o da contemporaneidade da obra, venha a ser o de épocas posteriores.

Se muitas obras, por conseguinte, só permanececem porque se altera profundamente o que nelas valeu, transmudando-se a natureza desse valor, acontece com muitas outras, como sugeri atrás, que a sua permanência resulta duma nova avaliação e interpretação, feita a partir de novos contextos psíquicos ou metais, ou em função de modos diversos de encará-las. Tais obras, que assim adquirem uma certa polivalência, estarão verdadeiramente no caso dum algo que perdura e se mantém? Ou só conseguem prevalecer, afinal, na medida em que passam a ser outras e diferentes do que eram? Não caberá talvez responder de uma forma genérica a esta pergunta, porque tudo dependerá dos casos concretos. Mas poderemos tambem tentar esclarecer se uma obra susceptível de ser interpretada ou vivida de modos diversos (o que significará segundo muitos uma «riqueza» de conteúdo ou de forma) será, na verdade, uma obra mais conseguida, mais perfeita, mais valiosa artìsticamente do que outra, insusceptível de tais metamorfoses.

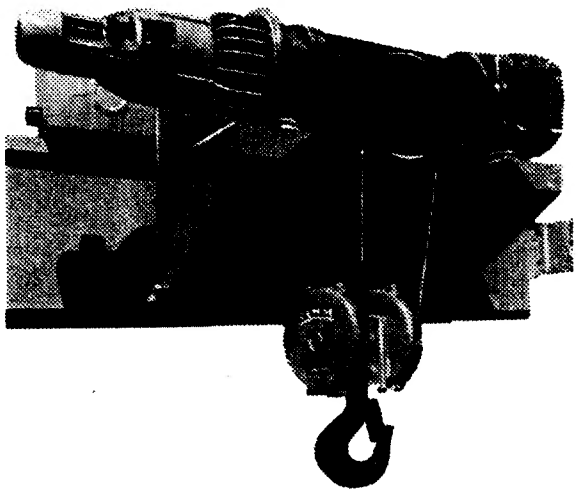
A relatividade dos valores e, portanto, a das obras de arte, constitui um fenómeno mais extenso e complexo do que se pode supor numa formulação inicial do problema. Nem tudo o que parece ter ultrapassado a «lei» da morte se mantém vivo, como nem tudo o que foi ocasional ou momentâneo, tendo fulgido por curto espaço no horizonte, nasceu morto. A simples duração não é critério bastante de valor, nem de verdadeira sobrevivência.

DEMAG

EQUIPA TODA A INDÚSTRIA

Os novos diferenciais «DEMAG» modelo «p», estudados e construídos de acordo com as recentes «Normas da Federação Europeia de Manutenção», são aparelhos de elevação séria de forma de construção compacta e robusta.

Dentro de cinco grandes grupos ao v/ dispor possui a «DEMAG» mais de meio milhar de tipos de diferenciais prontos a resolver o v/ problema de elevação. Capacidades de 160 kg a 32.000 kg. com altura de elevação cobrindo pràticamente todas as necessidades.



Assistência técnica ante e pós venda, assegurada.

Uma vez adquirido o seu diferencial não deve parar!

Consulte-nos o seu êxito será o nosso!

ROMAR — SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, LDA.

LISBOA—TRAVESSA DA GALÉ, N.º 9-TEL. 635670/634051
PORTO—R. FERNANDES TOMÁS, 524-1.º ESQ.-TEL. 34465/25871/32205

O FANTÁSTICO NAS BELAS ARTES

Continuação da pág. um

coisas. O fantástico — e o mal.» Porque **«a imaginação é a rainha da verdade»** — disse o Baudelaire, nesta exposição ilustrada por um fantástico Goerg.

«e o possível uma das suas províncias.» O fantástico é a representação desse reino, o nosso, é a imagem verdadeira dos seus sonhos e dos seus pavores, os nossos, da sua angústia e da sua aventura, as nossas ainda: na face sorridente de Hokusai criando o dragão, como no rictus contorcido do **«Ugolino»** de Domingos Sequeira, o fantástico é o espelho que nos reflecte a verdade sem nos fotografar a realidade.

Compreendem-se bem as dificuldades do coleccionador: é que o fantástico é a Arte, e toda a Arte é fantástica... Que o qualificativo e a definição lhe tirem a força, que o fantástico, por sê-lo, permita o sorriso e o repouso do espectador apaziguado, é a virtualidade da Arte feita **espectáculo**. Falta à exposição o fantástico da nossa era, o homólogo das ilustrações de Pannemaker para Júlio Verne, de Gustavo Doré para Perrault, de Julius Pincas para o conto de terror que é o **«Capuchinho Vermelho»**: falta a banda desenhada, a **gravura** popular de agora, faltam Flash Gordon, Snoopy, Jodelle, heróis do **cuink do bang!**, do **shumck!**, , para que nos terrores benevolentes do classicismo aristocrático, na violência cataclísmica do romantismo inglês, nos rostos desfigurados do expressionismo alemão, encontremos os traços e as origens dos fantasmas nossos contemporâneos.

Porque **«é verdade que o fantástico irrompe nas sociedades em estado, se não de crise, pelo menos de tensão»**, escrevia Claude Roy, e lembramo-nos das gravuras de Rethel sobre o terror dos princípes alemães ameaçados pela **fantástica** Revolução Francesa. Outra crise se documenta nos **«Voluntários»** que abrem a exposição. Mas seriam **fantásticos** os cadáveres de prisioneiros no «Campo de Concentração» gravado por Gaudin em 1941? **«As civilizações que elaboraram uma arte de viver equilibrada e perfeita não conhecem nem as tentações nem as ameaças do fantástico. Mas quando este ponto de equilíbrio se rompe, quando o pacto frágil entre a necessidade e a liberdade é desfeito ou dilacerado, de novo o horror e o fantástico irrompem brutalmente.»** Temos nas Belas-Artes um exemplo deste ponto de ruptura, mas a história humana é uma ruptura contínua: vivemos passando da ala intacta para a galeria que se desmorona na prisão imensa de grades e pedras de Piranesi, um contemporâneo e um ilustrador da dialéctica monumental de Beethoven e do último Mozart.

Vêem-se nas Belas-Artes tiragens originais de Durer e de Dali, Bruegel e Felicien Rops, Steinlein e Rouault. Chagall apresenta o mais belo dos seus verdes, Max Ernst uma **«Electra»** subtil, Magritte umas surpreendentes **«Jóias Indiscretas»**. Atenção aos dezasseis Goyas e aos três Mirós. Mas, cúmplices e próximos de nós, Bartolomeu Cid gravou uma «Barca dos Doidos» — heráldicos e autoritários — e Paula Rego um violento «Quebra-Cabeças» que nos pertence resolver.

(1) Claude Roy «Arts Fantastiques» Rober Delpire éd., 1965.

NOVIDADES

PORTUGÁLIA EDITORA

PORTUGÁLIA EDITORA (1942-1972)

Uma presença ao serviço da cultura

COLECÇÃO CONTEMPORÂNEA

PALMEIRAS BRAVAS
de **William Faulkner**
Preço: 60$00

AMOR E DINHEIRO
de **Erskine Caldwell**
Preço: 70$00

O ELEITO
de **Thomas Mann**
Preço: 65$00

325 000 FRANCOS
de **Roger Vailland**
Preço: 45$00

DJAMÍLIA
de **Tchinghiz Aitmatov**
Preço: 35$00

Colecção **Psicologia e Pedagogia**

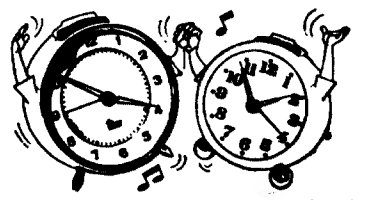
INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA
(Dois volumes. Cada 65$00)

ENFERMEIRA-GERAL

Hospital próximo de Lisboa precisa enfermeira-geral com prática de organização e programação. Enviar «curriculum vitae». Ordenado legal e alimentação, além das restantes regalias legais. Resposta ao n.º 653. Guarda-se sigilo.

MATERIAL FOTOGRÁFICO

Filmar, projectar e de slaids.
Consulte **«GALERIAS ROLDÃO»**
Av. Almirante Reis, 13-E (metro Intendente)



Micro gong

Os DESPERTADORES que despertam a boa disposição

Estupendos! Económicos!

distribuidores: HORA ELECTRICA, LDA
rua andrade 18-20-lisboa

O Mundo comunica através da Música

INSTITUTO MATONO

ENSINA A COMUNICAR

Na compra de instrumentos musicais e aprendizagem de acordeon e guitarra consulte

INSTITUTO MUSICAL V. MATONO

Rua Morais Soares, 47-A
LISBOA

VESTIDOS E TÚNICAS

PARA SENHORA PURA LÃ (CAXEMIRA) — APENAS POR **275$00 e 220$00**

PIJAMAS SENHORA (STRECH) **100$00**

CAMISAS NOITE SENHORA (MOUSSE) **32$50**

PIJAMAS CRIANÇA (FELPA e STRECH) **40$00**

PIJAMAS HOMEM — FLANELA **75$00**

E MILHARES DE CALÇAS PARA SENHORA EM FLANELA/LÃ AO PREÇO DE 125$00

TODOS ESTES ARTIGOS ESTÃO A SER VENDIDOS NOS

Tecidos Almirante, Lda.

AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

NATAL E FIM DE ANO

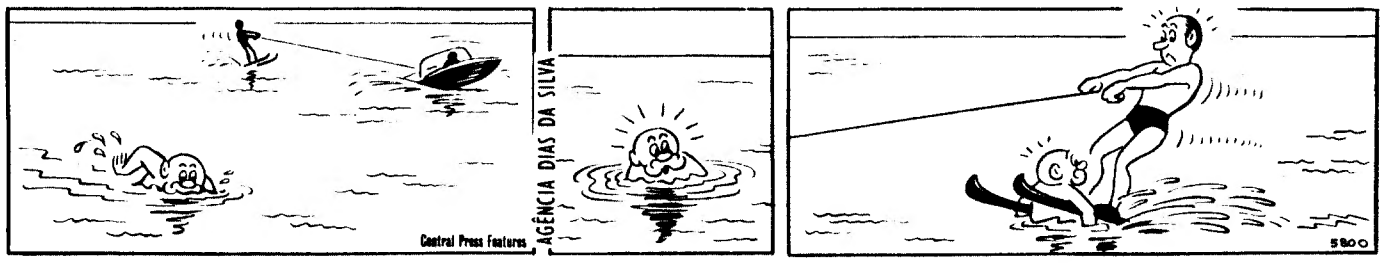
OFERTAS

MACIEIRA & CIA. LDA., através da sua sede em Lisboa, filial no Porto e toda a rede dos seus Agentes Distribuidores Exclusivos para a provincia, oferece-lhe a mais variada linha de produtos das mais reputadas marcas e apresentação impar para as suas ofertas de NATAL e FIM DE ANO.

OLD BRANDIES	**RUMS**
WHISKIES ESCOCESES	**LICORES**
WHISKIES CANADIANOS	**BITTER**
BOURBONS AMERICANOS	**CHAMPANHES FRANCESES**
WHISKY AMERICANO	**COGNACS FRANCESES**
VODKAS	**VINHOS DA MADEIRA**
AQUAVIT	**VINHOS DO PORTO**
GINS	

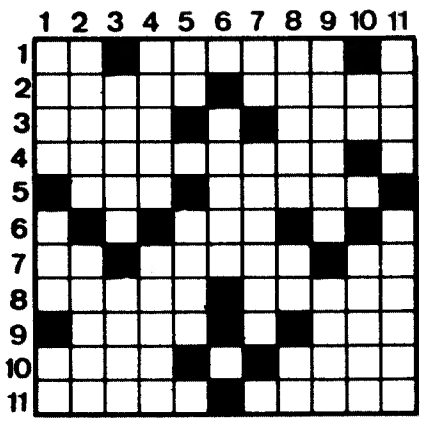
Peça-nos o "Folheto de sugestões" e envie-nos oportunamente a lista das suas ofertas para
MACIEIRA & CIA. LDA.
Rua Ivens, 45 - Lisboa - Tel. 324678
Rua Camões, 745 - Porto - Tel. 494876
Encarregamo-nos da sua entrega,
sem mais despesas nas áreas de Lisboa e Porto.

SAÍU HOJE O SEU JORNAL motor



PASSATEMPOS CRUZADOS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10235



HORIZONTAIS:

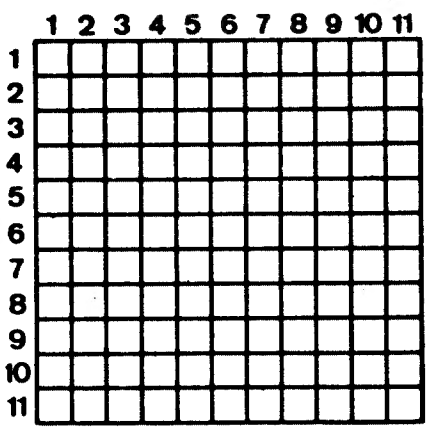
1 Antigo Testamento. Procurar.
2 Malograr. Afio.
3 Rio da Rússia. Nome de letra (pl).
4 Completa (fig).
5 Medida de líquidos usada na Suiça. Mulher casada há pouco.
6 Ave da família dos láridas (Bras).
7 Mil e cem em romano. Asa do nariz. Utensílio doméstico.
8 Rio de Portugal. Pronome demonstrativo.
9 Nome que os Indígenas brasileiros davam aos Franceses. (Bras). Época.
10 Terreno onde se junta o sal que se tira das marinhas. Erguer.
11 Fundador do Islamismo. Conduzirá para cá.

VERTICAIS:

1 Chuva. Dois mil e cem em romano. Preposição.
2 Sova (pop). Consumia (fig).
3 Invulgares. Pouco abundante.
4 Soltam balidos. Procediam.
5 Cidade da antiga Caldeia. Impulso.
6 Causa (fig).
7 Aqui. Noitadas.
8 Anui. Campeão. Caminhar.
9 Movia os remos. Estiagem.
10 Nota musical. Estacionar.
11 Tunda. (pop). Unira por casamento.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6391



HORIZONTAIS:

1 Tareia. Mamífero desdentado espécie de tatu.
2 O mesmo que ramagem.
3 Mil e cem em romano. Dissipa. Nesse lugar.
4 Macacos americanos. Infiltração de serosidade nos tecidos dos organismos produzindo inchação.
5 Chefe etíope. Renque.
6 Filtro. Remo para trás. Organização das Nações Unidas.
7 Tempo do verbo haver. Conjunto de partículas granulosas de natureza mineral. Senhor.
8 Imperatriz de Bizâncio, morta no exílio. Batei.
9 Uma das Esporádes. Freguesia do concelho de Alenquer.
10 O mesmo que bernes (larvas) (bras). O mesmo que ulmeiro (árvore).
11 O mesmo que enguias (peixe). Empregais.

VERTICAIS:

1 Gosta muito de. Elegante.
2 Premiar (fig). Troça.
3 Sufixo que designa estado. Tanto. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
4 Desabitados. Velho.
5 Estimas. Acreditas.
6 Campeão. Ligue.
7 Ofício. Numeral.
8 Pio das aves. Macacos americanos.
9 Autores. Gavinha. Nivela.
10 Domestica. Nota musical.
11 Vende a crédito. Diz-se de um ácido orgânico azotado, do grupo das purinas, que figura na urina em pequenas quantidades (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10234

HORIZONTAIS

1 Na. AMIGO. CC.
2 Abala. Apelo.
3 Iria. Afar.
4 Fia. Chá. Asi.
5 Ag. Trama. Só.
6 Ave. Cré.
7 Umbelas.
8 DE. Paual. Sá.
9 Ardeu. Sinal.
10 Gear. Copo.
11 Sai. Pesos.

VERTICAIS:

1 Naifa. Adaga.
2 Abriga. Erê.
3 Aia. Vu. Dás.
4 Ala. Tempera.
5 Má. Cr. Baú.
6 CHAPÉU.
7 Ga. Am. Lãs.
8 Opa. Acálice.
9 Ela. Rs. Nós.
10 Classe. Sapo.
11 Corio. Calos.

PROVÉRBIO: Amigo só de chapéu

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6390

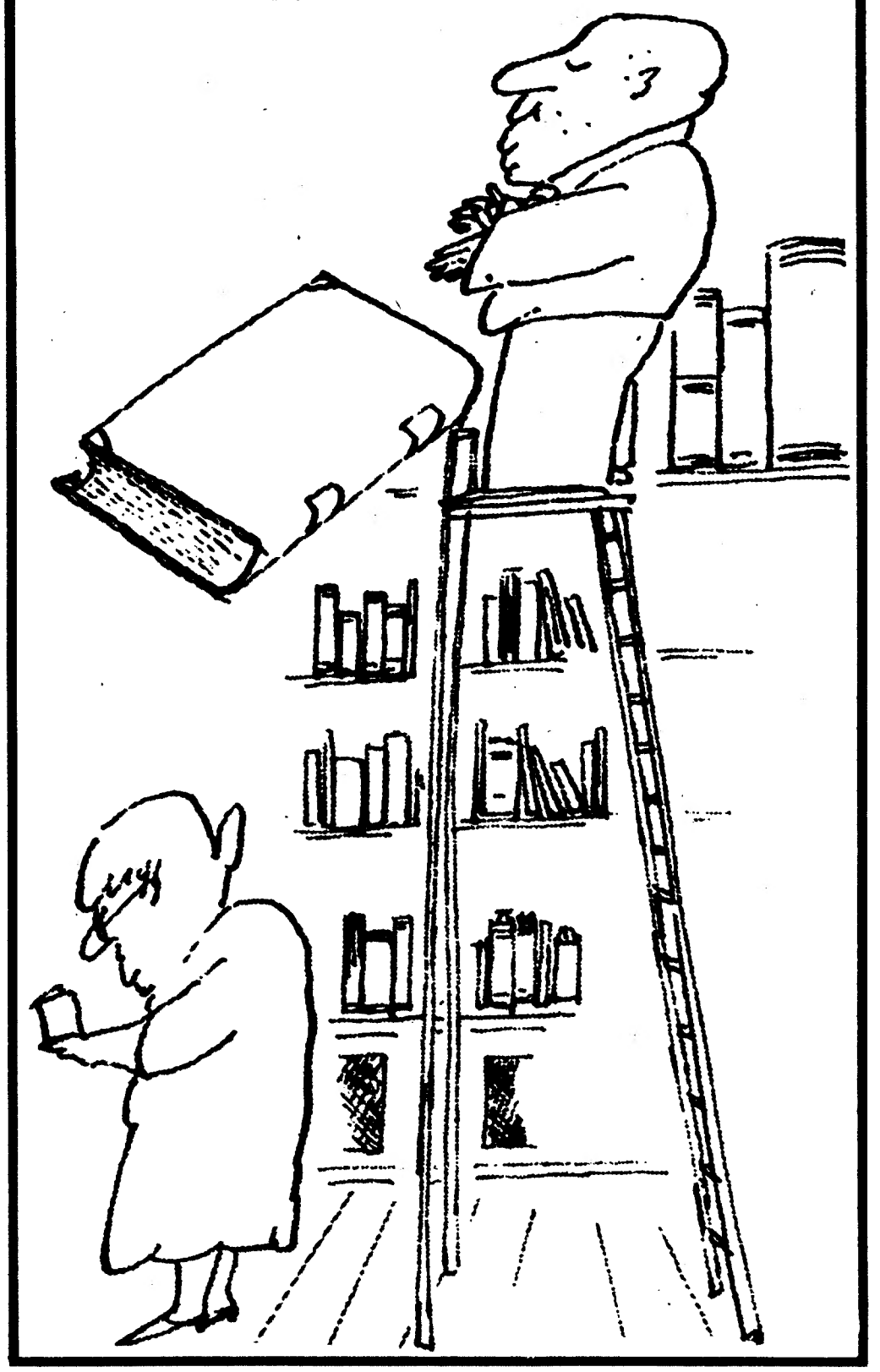
HORIZONTAIS:

1 Am. Catre. Cs.
2 Lemos. Emala.
3 Além. Aral
4 Gas. Meã. Era.
5 Ocaso. Assas.
6 Odio. Rato.
7 Ar. La.
8 Há. Elafo. Ra.
9 Acena. Rimar.
10 Mora. Amir.
11 Arosa. Asilo.

VERTICAIS:

1 Alago. Chama.
2 Melaço. Açor.
3 Mesada. Eró.
4 Com. Sirenas.
5 As. Moo. La.
6 Be. Dá.
7 Re. Aar. Fr.
8 Ema. Saloias.
9 Aresta. MMI.
10 Clarão. Rail.
11 Salas. Carro.

HUMOR LITERÁRIO



Um inedito de ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

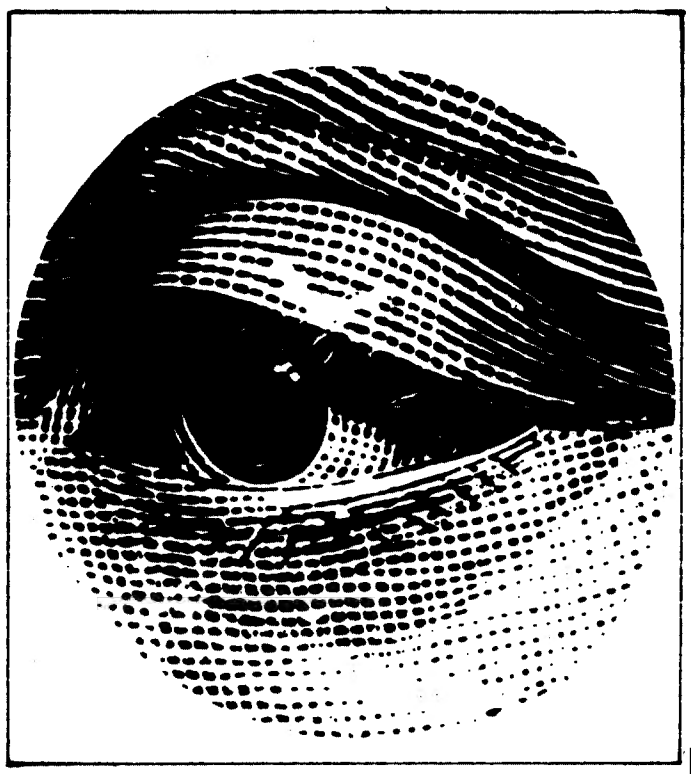
DUAS PÁGINAS DO LIVRO

"O discurso da desordem"

Augusto sorriu mas não disse nada. Não conhecia Rilke e deixou cair a conversa, partindo um grande pedaço de pão e enchendo com ele a boca. Mas Manuel conhecia as «Cartas a um poeta». Tinha lido o livro várias vezes, umas com apaixonada admiração, outras com raiva. Rilke era numas leituras, o Grande Triste, noutras, o Grande expelidor de Caganitas de Ouro, o passarão de Bosch defecando brilhantes, preciosas pepitas na ansiedade, solidão, adoração do pobre poeta Kappus.«Acabo de receber a sua carta. Não quero deixar de lhe agradecer a grande e preciosa confiança que esta representa, mas pouco mais posso fazer. » «Viareggio (Pisa, Itália), 5 de Abril de 1903 — Perdoe-me, caro senhor se só hoje me lembro, reconhecidamente, da sua carta de 24 de Fevereiro. » «Worpsewede, Brême, 16 de Julho de 1903... Meu caro senhor Kappus, deixei muito tempo sem resposta uma das suas cartas. Não certamente por esquecimento: a sua carta é daquelas que se relêem cada vez que se reencontram. » (Quantas vezes teria Kappus, com canina devoção e babosa satisfação, relido esta passage80 «Falo da sua carta de 2 de Maio. » (Teria Kappus ficado com a cópia?) «Roma, 29 de Outubro de 1903. Caro senhor: Recebi em Florença a sua carta de 29 de Agosto, e só agora, dois meses depois, lhe falo nela. «(Kappus descendo duas, quatro vezes por dia que, multiplicadas por sessenta e tal dá cento e vinte e tal vezes os degraus que o levavam à caixa do correio — se fossem vinte degraus daria duas mil e quatrocentas e tal vezes subindo-os, — mais duas mil quatrocentas e tal vezes — desanimado e de mãos vazias, encontrando o carteiro, cumprimentando-o afàvelmente, perseguindo-0, falando-lhe do tempo, interessando-se pela saúde da mulher e dos filhos, divagando acerca da sua criação de rosas, da sua colecção de selos, ou do preço da carne e das batatas, perguntando por fim, com húmidos, humildes, rastejantes olhos, se ele, porventura, traz notícias do mestre que o aconselhará a, e a, e a, por outros tantos degraus, cada vez mais dificeis de subir.)

. D.F., poeta precocemente desaparecido, dissera um dia a Manuel: «Se todos lessem as «Cartas a um poeta», deixava de haver tantos líricos em Portugal».

Honra fosse feita, porém ao autor dos «Sonetos a Orfeu». Ele não era, como tantos intelectuais que Manuel conhecera e conhecia um pretencioso onanista, falando apenas de si próprio, como esses, que ao contemplarem um explêndido pôr do sol, exclamavam em transe: «Maravilhoso ! Tal e qual o crepúsculo que descrevo a páginas 84 e seguintes do meu romance X.», ou, ao depararem com um carreirinho de formigas: «Tem graça que, no meu último livro, as formigas assumem, como de certo reparou, um lugar de símbolo. Lembra-se da passagem sobre a morte da avó? E, entretanto, as formigas na cozinha... As formigas depois, quando Elvira está deitada no campo á espera de Tadeu. E ainda as formigas que...», ou, ao darem de frente com um cadáver, a velarem um morto, por exemplo: «É mesmo assim. Já o disse no meu livro tal. É como se a vida se sobrepusesse à literatura. «Ou, embrulhando-se em modéstia: «Não, não gosto de falar de mim, mas sou obrigado a citar-me». Enquanto o pobre Rilke constatava , perplexo: «És tu a noite? Ela sorriu. E ele sente vergonha do seu trajo branco. E deseja estar longe, e só, e em armas. Todo em armas.»



Vítor citara Rilke, mas esquecera-o logo de seguida, declarando, no entanto, que, se fosse o Carlos, delinearia as casas, as torres, as pontes, todo o perfil da cidade a linha preta espalharia as cores negligentemente, em borroẽs, dentro dos aprisionantes contornos negros e, enquanto as tintas se mantivessem frescas, cobriria tudo com uma mistura-mistela quase sólida, compacta, de água suja do rio, nevoeiro, cinza, mijo, areia, pó de folhas primaveris e outonais, sangue de inocente, lodo e suor de operário. E, para os que gostam de títulos, surgiria este, exaustivo e pomposo: «Portopeixe, Portogato, Portocão, Portomorto, Portotriste, Portotipo, Portotorto, Portopranto, Portopacto, Portoporta, Portochato, Portofacto, Portoficto, Portofêmea, Portomacho, Portocacho, Portofacho, Portofecho, Portofalo, Portogalo».

António Rebordão Navarro

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede: Calçada do Duque, 20 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

PAGAMENTO DO JURO DE OBRIGAÇÕES RELATIVO AO SEMESTE DECORRIDO DE 1 DE ABRIL A 30 DE SETEMBRO DE 1972

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao semestre decorrido de 1 de Abril a 30 de Setembro de 1972, será efectuado a partir de 1 de Outubro p.º f.º, aos seguintes preços:

Emissão C. P. 4,5% — 1965
Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos

Emissão C. P. 4,5% — 1966
Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos

Emissão C. P. 5,5% — 1967
Esc. 27$50 — para os títulos ao portador e nominativos

O pagamento efectuar-se-á:
para os títulos ao portador (cupão):

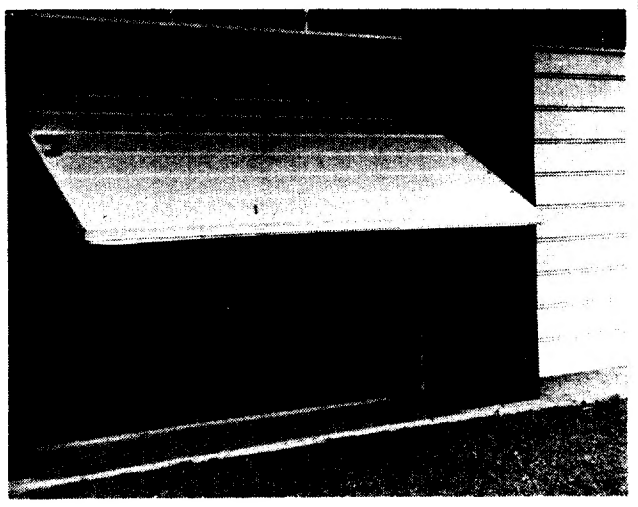
na Sede da Companhia
no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
no Banco Fonsecas & Burnay, em Lisboa e Porto
no Banco Totta & Açores, em Lisboa e Porto
no Banco Pinto & Sotto Mayor

para os títulos nominativos:
na Sede da Companhia
na Filial do Banco Fonsecas & Burnay, no Porto

O pagamento na Sede da Companhia, efectua-se **todos os dias úteis, desde as 10 horas às 13 horas e aos sábados das 10 horas às 11 horas.**

Lisboa, 14 de Setembro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



«BOLTON»

PORTAS BASCULANTES PARA GARAGEM

3 ANOS DE GARANTIA

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

EXCURSÕES CP

Sugerem-lhe MADRID

cidade cheia de atractivos no Outono

- Diáriamente, dois estilos de viagem: «Lusitânia-Expresso» (de cama ou «couchette») ou comboio «TER» (ar condicionado, cómodo, panorâmico).
- Hotel incluído em Madrid, transferências, assistência, etc.

PREÇOS DESDE 820$00

Informações e folhetos descritivos:

ESTAÇÃO DE LISBOA - ROSSIO
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA
RUA DO ARSENAL, 124 - 1.º — LISBOA

Organização tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR KONI DARÁ

MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS ★ REGULÁVEIS ★ REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA